UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR
EM CULTURAS POPULARES

FERNANDO MARINHO FERNANDES DA SILVA

PIXAÇÕES EMBUCETADAS

MENSAGENS VISUAIS DA CULTURA POPULAR COMO ATO DE RESISTÊNCIA NA PAISAGEM ALTERNATIVA DE ARACAJU COM BASE NO MARXISMO

São Cristóvão - SE
Agosto de 2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE MESTRADO INTERDISCIPLINAR EM CULTURAS POPULARES

FERNANDO MARINHO FERNANDES DA SILVA

PIXAÇÕES EMBUCETADAS

MENSAGENS VISUAIS DA CULTURA POPULAR COMO ATO DE RESISTÊNCIA NA PAISAGEM ALTERNATIVA DE ARACAJU COM BASE NO MARXISMO

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Culturas Populares – PPGCult, da Universidade Federal de Sergipe - UFS, referente a linha de pesquisa “Artes populares: processos analíticos, pedagógicos e criativos”, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Culturas Populares.

Orientadora: Profa. Dra. Marjorie Garrido Severo.

São Cristóvão,
Agosto de 2022

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

S586p

Silva, Fernando Marinho Fernandes da
Pixações embucetadas : mensagens visuais da cultura popular como ato de resistência na paisagem alternativa de Aracaju com base no marxismo / Fernando Marinho Fernandes da Silva ; orientadora Marjorie Garrido Severo. – São Cristóvão, SE, 2022.
140 f. : il.

Dissertação (mestrado Interdisciplinar em Culturas Populares) – Universidade Federal de Sergipe, 2022.

1. Cultura popular - Aracaju. 2. Mulheres – Aspectos sociais. 3. Feminismo. 4. Mulheres e socialismo. 5. Linguagem corporal. I. Severo, Marjorie Garrido, orient.. II. Título.

CDU 398:304.4(813.7)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE MESTRADO INTERDISCIPLINAR EM CULTURAS POPULARES

PIXAÇÕES EMBUCETADAS

MENSAGENS VISUAIS DA CULTURA POPULAR COMO ATO DE RESISTÊNCIA NA PAISAGEM ALTERNATIVA DE ARACAJU COM BASE NO MARXISMO

A Banca Examinadora, abaixo identificada, aprova a dissertação de Fernando Marinho Fernandes da Silva:

Profa. Dra. Marjorie Garrido Severo
Orientadora
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

Profa. Dra. Neila Dourado Gonçalves Maciel
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

Profa. Dra. Célia Maria Antonacci Ramos
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA

São Cristóvão,
Agosto de 2022

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Neila Dourado Gonçalves Maciel, Raphaela Schiassi Hernandes, Christian Jean-Marie Boudou, Dênio Santos Azevedo, Fernando José Ferreira Aguiar, Micael Carmo Côrtes Gomes e Roberto dos Santos Lacerda, professoras e professores do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Culturas Populares - PPGCult, pelas aulas, alegres e descontraídas, e pelas discussões que alteraram fortemente meu pensamento e minhas ações no âmbito das culturas populares.

Às professoras Neila Dourado Gonçalves Maciel e, de modo especial, à Célia Maria Antonacci Ramos por aceitarem compor as bancas de qualificação e defesa e, sobretudo, pelas contribuições que enriqueceram esta dissertação. À professora Christine Arndt de Santana que participou da banca como suplente.

Agradeço, enormemente, à Marjorie Garrido Severo, professora orientadora, por ter acolhido e incentivado esta pesquisa em seu nascedouro, pela condução cuidadosa nas orientações, advertindo e contribuindo de modo profundo e assertivo, pela paciência nos momentos difíceis e de cansaço e, sobretudo, pela alma leve e pueril que me rendeu grande aprendizado.

À querida turma 2020 do PPGCult pelo companheirismo em todos os momentos, acadêmicos ou não.

Às pixadoras, mulheres de arte e coragem, pelas entrevistas que apontaram alguns caminhos desta pesquisa e, sobretudo, pela partilha de saberes e vida.

A José Luís Morado Regueiro, psicoterapeuta, pela escuta acolhedora e parceria na difícil e necessária tarefa de conhecer-se a si mesmo.

À minha família, em especial, à querida sobrinha Ana Marinho, pela ajuda no desenvolvimento da pesquisa, pela disponibilidade e torcida. À Luciana Marinho, pelos aconselhamentos e apoio fraternal. À Letícia Marinho, pela doçura com a qual me fez seu filho.

RESUMO

Esta dissertação estuda a pixação realizada por mulheres em Aracaju entre 2019 e 2021. A pesquisa parte da seguinte questão norteadora: As pixações *bucetalada, buceta, buceta…, Juno, coragem e xibiuti* constituem mensagens visuais de atos de resistência? Sendo assim, o objetivo do trabalho é compreender as pixações de aspectos feministas em Aracaju como mensagens visuais de atos de resistência. Entendemos que é importante investigar tais manifestações visuais que apontam para as questões feministas como o debate sobre a autonomia do corpo feminino, a liberdade e ocupação dos espaços públicos, a sororidade e o fortalecimento da condição feminina. Outra questão que justifica esta investigação é que a pixação é percebida como uma atividade marcadamente masculina e identificar pixações produzidas por mulheres como um fenômeno importante interrompe a reprodução de um processo de invisibilização das mulheres. E, ainda, pela possibilidade de abordar uma cultura popular marginalizada e criminalizada, ressaltando suas contradições e disputas. Fundamentam o estudo: o conceito de Ato de Resistência como Cultura Popular em Marilena Chaui (2021a), a abordagem do Marxismo Feminista em Taylisi Leite (2020) e a Paisagem Alternativa Excluída em Denis Cosgrove (1998). Na abordagem de estudo das pixações além dos conceitos fundamentais, utilizamos a noção dos Níveis da Mensagem Visual em Dondis (1997) e a Diversidade do Aspecto dos Sinais em Frutiger (1999) para relacionar com os aspectos visuais das seis pixações. Assim, a abordagem foi efetivamente qualitativa, já que tem como alvo melhor compreender o comportamento e a experiência humana. Desenvolvemos a investigação em cinco etapas: Mapeamento fotográfico, Fundamentação teórica, Definição do *corpus* da pesquisa, Entrevistas semiestruturadas com as pixadoras e o Estudo das pixações. Tomamos as pixações pela metáfora da pele tatuada da cidade, pois tanto a cidade exprime as contradições sociais em sua paisagem, como corpo o feminino, em um sentido amplo, também o faz. Compreendemos a pixação por um viés fortemente político e ressaltamos a noção de que a cultura como trabalho e resistência se dá pela luta contra a ideologia dominante, a partir dessa noção, compreendemos as pixações enquanto ato de resistência e consequentemente, de cultura popular. Observamos um potencial de crítica ao patriarcado capitalista nas pixações estudadas a partir do teorema de Roswitha Schulz acerca do valor-clivagem e do marxismo feminista que se caracteriza pela adesão radical e revolucionária para gestar um novo modelo de sociedade. Verificamos que as pixações, no contexto da cidade, definem uma paisagem alternativa excluída, pois caracterizam-se por uma rica simbologia desconsiderada pelas classes dominantes. Como principais aspectos visuais das pixações identificamos aqui o uso do símbolo feminino, o uso de palavras que evidenciam o corpo feminino, o agrupamento das pixações das mulheres, os desenhos com simplificação radical, as letras manuscritas com curvas que se estendem, a influência da letra bastão e as letras manuscritas feitas apressadamente. Em síntese, como produção de sentido advindo dos nossos estudos das mensagens visuais, entendemos que em tais pixações o corpo feminino simbolizado é livre, é identificado, está em movimento, é belo, é alegre e é coletivo. Compreendemos as pixações aqui estudadas como embucetadas na medida que utilizam signos do próprio corpo, se enfurecem e protestam contra o sistema capitalista patriarcal que as silencia, imobiliza e oprime. Portanto, configuram-se como atos de resistência a toda essa ordem de opressões.

Palavras-chave: Pixação. Marxismo Feminista. Atos de Resistência. Pixação embucetada.

ABSTRACT

This dissertation studies pixação made by women in Aracaju between 2019 and 2021. The research is based on the following guiding question: Do pixações bucetalada, buceta, buceta..., Juno, coragem and xibiuti constitute visual messages of acts of resistance? Thus, the objective of this work is to understand the pixações of feminist aspects in Aracaju as visual messages of acts of resistance. We understand that it is important to investigate such visual manifestations that point to feminist issues such as the debate about the autonomy of the female body, freedom and occupation of public spaces, sorority and the strengthening of the feminine condition. Another issue that justifies this investigation is that pixação is perceived as a markedly masculine activity, and identifying pixações produced by women as an important phenomenon interrupts the reproduction of a process of invisibilization of women. And, also, for the possibility of approaching a marginalized and criminalized popular culture, highlighting its contradictions and disputes. The study is based on: the concept of Act of Resistance as Popular Culture in Marilena Chaui (2021a), the Feminist Marxism approach in Taylisi Leite (2020), and the Excluded Alternative Landscape in Denis Cosgrove (1998). In the approach to studying pixações in addition to the fundamental concepts, we used Dondis' (1997) notion of Levels of Visual Message and Frutiger's (1999) Diversity of Sign Appearance to relate to the visual aspects of the six pixações. Thus, the approach was effectively qualitative, as it aims to better understand human behavior and experience. The research was developed in five stages: photographic mapping, theoretical foundation, definition of the research corpus, semi-structured interviews with pixadoras, and a study of the pixações. We take pixações as a metaphor for the tattooed skin of the city, for both the city expresses the social contradictions in its landscape, and the feminine body, in a broad sense, does the same. We understand pixação from a strongly political point of view and emphasize the notion that culture as work and resistance is given by the struggle against the dominant ideology. From this notion, we understand pixações as an act of resistance and, consequently, of popular culture. We observed a potential for criticism of capitalist patriarchy in the pixações studied, based on Roswitha Schulz's theorem of value-clivage and feminist Marxism, which is characterized by radical and revolutionary adherence to generate a new model of society. We found that pixações, in the context of the city, define an excluded alternative landscape, as they are characterized by a rich symbology disregarded by the dominant classes. As main visual aspects of pixações we identify here the use of the feminine symbol, the use of words that highlight the female body, the grouping of women's pixações, the drawings with radical simplification, the handwritten letters with curves that extend, the influence of the stick letter, and the hastily made handwritten letters. In summary, as a production of meaning derived from our studies of the visual messages, we understand that in these pixações the symbolized female body is free, is identified, is in movement, is beautiful, is joyful, and is collective. We understand the pixações studied here to be *embucetadas* in the sense that they use signs of their own bodies, get angry, and protest against the patriarchal capitalist system that silences, immobilizes, and oppresses them. Therefore, they are configured as acts of resistance to this entire order of oppressions.

Keywords: Graffiti. Feminist Marxism. Acts of Resistance. Graffiti *embucetada*.

RESUMEN

Esta disertación estudia la pixação hecha por mujeres en Aracaju entre 2019 y 2021. La investigación se basa en la siguiente pregunta guía: ¿Constituyen las pixações *bucetalada*, *buceta*, *buceta*..., *Juno*, *coragem* y *xibiuti* mensajes visuales de actos de resistencia? Así, el objetivo de este trabajo es entender las pixações de aspectos feministas en Aracaju como mensajes visuales de actos de resistencia. Entendemos que es importante investigar estas manifestaciones visuales que apuntan a cuestiones feministas como el debate sobre la autonomía del cuerpo femenino, la libertad y ocupación de los espacios públicos, la sororidad y el fortalecimiento de la condición femenina. Otra cuestión que justifica esta investigación es que la pixação es percibida como una actividad marcadamente masculina e identificar las pixações producidas por mujeres como un fenómeno importante interrumpe la reproducción de un proceso de invisibilización de las mujeres. Y, también, por la posibilidad de acercarse a una cultura popular marginada y criminalizada, destacando sus contradicciones y disputas. El estudio se basa en: el concepto de Acto de Resistencia como Cultura Popular en Marilena Chaui (2021a), el enfoque del Marxismo Feminista en Taylisi Leite (2020) y el Paisaje Alternativo Excluido en Denis Cosgrove (1998). Además de estos conceptos fundamentales, utilizamos la noción de niveles de mensaje visual en Dondis (1997) y la diversidad de apariencia de los signos en Frutiger (1999) para relacionar los aspectos visuales de las seis pixações. Así, el enfoque fue efectivamente cualitativo, ya que pretende comprender mejor el comportamiento y la experiencia humana. La investigación se desarrolló en cinco etapas: mapeo fotográfico, fundamentación teórica, definición del corpus de investigación, entrevistas semiestructuradas con pixadoras y estudio de las pixações. Tomamos las pixações como metáfora de la piel tatuada de la ciudad, pues tanto la ciudad expresa las contradicciones sociales de su paisaje, como el cuerpo femenino, en sentido amplio, hace lo mismo. Entendemos la pixação desde un punto de vista fuertemente político y destacamos la noción de que la cultura como trabajo y resistencia viene dada por la lucha contra la ideología dominante. A partir de esta noción, entendemos las pixações como un acto de resistencia y, en consecuencia, de cultura popular. Observamos un potencial de crítica al patriarcado capitalista en las pixações estudiadas, basado en el teorema de Roswitha Schulz sobre el marxismo valórico y feminista, que se caracteriza por una adhesión radical y revolucionaria para generar un nuevo modelo de sociedad. Comprobamos que las pixações, en el contexto de la ciudad, definen un paisaje alternativo excluido, ya que se caracterizan por una rica simbología despreciada por las clases dominantes. Como principales aspectos visuales de las pixações identificamos aquí el uso del símbolo femenino, el uso de palabras que resaltan el cuerpo femenino, la agrupación de pixações de mujeres, los dibujos con simplificación radical, las letras manuscritas con curvas que se extienden, la influencia de la letra adhesiva y las letras manuscritas apresuradas. En síntesis, como producción de sentido derivada de nuestros estudios de los mensajes visuales, entendemos que en estas pixações, el cuerpo femenino simbolizado es libre, se identifica, está en movimiento, es bello, es alegre y es colectivo. Entendemos las pixações aquí estudiadas como *embucetadas* en la medida en que utilizan signos del propio cuerpo, se enfadan y protestan contra el sistema capitalista patriarcal que las silencia, inmoviliza y oprime. Por lo tanto, se configuran como actos de resistencia a todo este orden de opresiones.

Palabras clave: Pixação. El marxismo feminista. Actos de resistencia. Pixação embucetada.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO …… 8

1. PIXAÇÃO COMO CULTURA POPULAR …… 18

1.1. Pixação – entendimentos, contexto histórico e importância …… 18

1.2. Pixação como ato de resistência …… 23

2. MARXISMO FEMINISTA COMO FUNDAMENTO …… 30

2.1. Patriarcado e capitalismo …… 31

2.2. Feminismo Liberal e Marxismo Feminista …… 36

3. PIXAÇÕES E A RELAÇÃO COM A CIDADE 42

3.1. Pixação como Tatuagem - parede enquanto pele da cidade …… 42

3.2. Pixações como Paisagens Alternativas em Aracaju …… 46

4. AS MENSAGENS SIMBÓLICAS NAS PIXAÇÕES - O CORPO COMO RESISTÊNCIA …… 56

4.1. O Simbólico e a Diversidade de Aspecto…… 56

4.2. Estudo dos pixos *buceta*, *bucetalada* e *buceta é mulher somando na rua*…… 58

4.3. Estudo dos pixos *Juno* e *coragem*…… 65

4.4. Estudo do pixo *xibiuti* …… 70

4.5. O corpo como símbolo …… 72

CONSIDERAÇÕES FINAIS 79

REFERÊNCIAS …… 84

APÊNDICES 89

INTRODUÇÃO

Espia, escuta na esquina, na calçada
É a mulherada ficando embucetada!

Cacau de Sá, 2018

Há muito que os espaços das ruas pertencem aos homens. A paisagem urbana foi construída por homens. A gestão das cidades, não raro, é realizada por homens. Às mulheres, ainda hoje, é imposto o espaço privado. O controle masculino, machista e misógino, estabelecido nas ruas indica permanentemente às mulheres que esse não é o seu espaço. Não nos surpreende que a cena da pixação[1] seja majoritariamente masculina. Os estudos sobre pixação aos quais tivemos acesso, raras vezes associaram a palavra mulher ao ato de pixar. No Repositório Institucional da Universidade Federal de Sergipe - UFS, não encontramos nenhuma pesquisa que fizesse essa associação, apenas uma que trazia no título o termo *graffiti* e o associava com a questão da mulher na cidade. Sobre isso e em relação ao pixo paulista, Pereira (2013, p. 83) comenta que "A pixação em São Paulo é uma atividade exercida predominantemente por jovens oriundos de bairros pobres da periferia de São Paulo e do sexo masculino." Em nota, o autor complementa:

> ainda que em franca minoria, há mulheres na pixação. Uma delas, Caroline Pivetta, destacou-se em 2008 quando pixadores realizaram uma das ações de maior ousadia e visibilidade ao invadir a 28ª Bienal Internacional de São Paulo para pixar o pavimento que havia sido deixado vazio. A pixadora Caroline Pivetta foi, então, presa e alcançou relativa notoriedade.

Todavia, observamos uma mudança significativa nesse cenário: cada vez mais as mulheres intervêm nas ruas. Um exemplo mais atual são as manifestações "Ele não!" que ocorreram em várias cidades do país em repúdio à candidatura de Jair Bolsonaro à presidência do Brasil, conforme matéria publicada pela BBC News Brasil, assinada por Amanda Rossi em

[1] Há uma distinção corrente entre nós para os termos pixação e pichação. Pixação, grafado com "x", é a forma pela qual pixadoras e pixadores identificam suas intervenções no espaço urbano. É, assim, utilizado também por pessoas que pesquisam o tema ou compreendem a pixação como uma manifestação estética, nos incluímos nesses. Pichação, grafado com "ch", é a forma institucionalizada conforme trazem os dicionários da língua portuguesa e, consequentemente, aparece nas leis que tratam desta questão. Nesta dissertação faremos uso das duas formas. Utilizaremos o termo pixação quando nos referirmos ao nosso objeto de pesquisa e o termo pichação quando as citações assim exigirem ou quando o contexto o fizer necessário.

conjunto com Julia Dias Carneiro e Juliana Gragnani (2018). Nessa mesma matéria, a pesquisadora Céli Pinto, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, afirma que foi a maior manifestação de mulheres na história do país (2018). Outro exemplo, as ações do coletivo de mulheres chilenas *Las Tesis* que com a música "Un violador en tu camino", também conhecida por "El violador eres tú", desencadearam *performances* em várias cidades da América Latina e no mundo, conforme matéria da Carta Capital, de autoria de Giovanna Galvani (2019).

Porém, a presença de mulheres nas ações de pixação foram ou esporádicas ou, muitas vezes, não registradas. Das publicações e catálogos que tivemos acesso em sua maioria apresenta pixadores, raras vezes pixadoras.

Nos interessamos pela temática das pixações de Aracaju quando encontramos o pixo "buceta livre"[2] na UFS entre 2012 e 2013, enquanto professor substituto do Departamento de Artes Visuais e Design, e isso se deu ainda muito antes quando residia em São Paulo e nos interessamos pelos estudos na área da tipografia.

Além da tipografia, há um bom tempo que as questões das sexualidades e das relações de gênero nos afetam. Desenvolvemos alguns trabalhos teóricos e artísticos que apontam estes temas. Especificamente sobre os feminismos, participamos, em 2005, de um encontro sobre relações de gênero, destinado às pessoas envolvidas com os movimentos sociais. Nessa ocasião, tivemos a oportunidade de ministrar um curso que discutiu a arte como provocadora para uma nova construção das relações de gênero. Este encontro foi muito importante, pois ampliou a nossa visão sobre o quanto as questões feministas perpassam várias dimensões das nossas vidas. Também, como docente de um curso de Graduação em Design, orientamos trabalhos que relacionam *design* gráfico e feminismos. Acreditamos que a questão feminista deve ser discutida por todas as pessoas da humanidade. Entendemos que as transformações acontecerão de forma mais efetiva quando houver um envolvimento significativo da população, implicada na cultura do patriarcado.

Ao nos depararmos com os pixos de aspectos feministas em Aracaju, nos questionamos, inicialmente: Se seriam pixos feitos por mulheres? Porque elas pixam? O que esperam das pixações? As pixações se configuram como uma ação provocadora de uma reflexão sobre a condição da mulher? Há uma pixação feminista em Aracaju? Tais

[2] Pixo apagado e sem autoria identificada.

questionamentos nos mobilizaram para esta pesquisa e nos auxiliaram na construção da questão norteadora.

Desconstruir discursos dominantes de nossa cultura, em grande medida patriarcais, que constituem sistemas fechados e hegemônicos de pensamento é uma difícil empreitada dos feminismos contemporâneos. Vertentes feministas reiteram a urgência política e ética de tratar desses discursos enquanto práticas culturais, sociais e políticas que legitimam violências e opressões. São jogos de poder e de saber que mantêm subordinadas as mulheres, mas também o próprio feminino enquanto conjunto de significados forjados cultural e historicamente. Mas é bem sabido que onde há poder, há também resistências, e o campo artístico é um dos lugares de crítica contundente à misoginia. Mulheres artistas intervêm de modo radical, mas também com humor, irreverência e crítica nesses enunciados sociais e possibilitam um novo pensar sobre a nossa ocupação dos espaços na contemporaneidade.

Cotidianamente vemos pixações na cidade de Aracaju, algumas chamam nossa atenção, porque justamente utilizam de prerrogativas do discurso feminista e nos fazem questionar sobre a expressão da mulher nesse contexto. Possibilitam pensar em perguntas que façam vibrar inquietações e denúncias ao *status quo*. Das onze pixações que mapeamos, seis delas constituem o nosso objeto de estudo, (Figuras 1 a 6) pois além de suscitar questões de gênero e de resistência, foram as pixadoras que conseguimos identificar, contatar e que concordaram em participar da pesquisa. Sendo assim, o tema desta pesquisa é a pixação e o delimitamos como a pixação de aspectos feministas em Aracaju. Tais pixações foram escolhidas pois expressam questões vinculadas ao pleito dos movimentos feministas, como: o debate sobre o corpo das mulheres; a liberdade e ocupação dos espaços públicos pelas mulheres; as marcas de identidade feminina, as questões de violência com o feminino são evidenciadas; o sentimento de sororidade e o fortalecimento da condição feminina.

Utilizamos a denominação "pixação de aspectos feministas" para nos referirmos às pixações que compõem o *corpus* desta pesquisa. Assim, configuramos a questão norteadora: As pixações *bucetalada, buceta, buceta…, Juno, coragem e xibiuti* constituem mensagens visuais de atos de resistência? As pixadoras são aqui denominadas por BB, autora de *bucetalada, buceta*, *buceta…*, por JC, autora de *Juno* e *coragem* e pixadora X que é autora do pixo *xibiuti*. Nas figuras 1 a 6 apresentamos as pixações que fazem parte do *corpus* da pesquisa.

Figura 1: Fotografia da pixação *bucetalada*, Avenida Anísio Azevedo, São José.

Fonte: Acervo pessoal, 2019.

Figura 2: Fotografia da pixação *buceta*..., Rua Dep. Euclides Paes Mendonça, Salgado Filho.

Fonte: Acervo pessoal, 2019.

Figura 3: Fotografia da pixação *Juno*, Av. Barão de Maruim, Centro.

Fonte: Acervo pessoal, 2019.

Figura 4: Fotografia da pixação *coragem*, Av. Desembargador João Bosco de Andrade Lima, Atalaia.

Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Figura 5: Fotografia da pixação *xibiuti*, Rua Gumercindo Bessa, Grageru.

Fonte: Acervo pessoal, 2020.

Figura 6: Fotografia da pixação *buceta* com asas, Rua Senador Rollemberg, Centro.

Fonte: Acervo pessoal, 2019.

A partir de tal questão, temos como objetivo geral: compreender as pixações de aspectos feministas em Aracaju como mensagens visuais de atos de resistência. Já os objetivos específicos demandam caracterizar o perfil e as expectativas das pixadoras selecionadas em Aracaju; estudar a relação da pixação com o feminismo; mapear e caracterizar como mensagem visual as pixações (*corpus*) realizadas na cidade de Aracaju; discutir sobre o conceito de ato de resistência a partir dos depoimentos e das pixações.

Entendemos que é importante investigar tais manifestações visuais que apontam para as questões feministas, como já observamos. Outra condição que justifica a investigação é o fato de a pixação ser percebida como uma atividade marcadamente masculina e, portanto, identificar as produzidas por mulheres como um fenômeno importante, interrompe a reprodução de um processo de invisibilização das mulheres. E, ainda, pela possibilidade de abordar uma cultura popular marginalizada e criminalizada ressaltando as contradições e disputas. Para tanto é necessário estudarmos o estado da arte da pesquisa. Realizamos buscas de Teses, Dissertações e Artigos Científicos para identificar trabalhos que servem de referência ou mesmo para justificar a pesquisa a partir da carência de trabalhos.

A partir de um levantamento preliminar realizado no início de 2021, no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, a partir do termo “pixação”, encontramos 50 trabalhos, sendo que destes 41 dissertações e 9 teses, a partir do termo “pichação” encontramos 103, 90 dissertações e 13 teses. Para atualizarmos o estado da arte da questão da pixação em pesquisas acadêmicas, a partir de um levantamento no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPEs, no início de 2022 refizemos o levantamento, utilizamos o termo de busca “pixação” resultando em 63 trabalhos, dentre os quais foram 51 dissertações e 12 teses, um aumento de 13 trabalhos. Já a busca a partir do termo “pichação” resultou em 124 trabalhos, 107 dissertações e 17 teses, um aumento de 21 trabalhos. Quando utilizamos os termos “pixadores”, resultou em 30 trabalhos e “pichadores” resultou em 42 trabalhos. Porém quando buscamos pelo termo “pichadoras”, nenhum registro foi encontrado, quando buscamos a partir do termo “pixadoras” um registro de dissertação foi encontrado, com o título: *Para além dos muros: Uma abordagem antropológica sobre graffitis femininos na cidade de Manaus*, de autoria de Izabele Lira Queiroz de Souza, da Universidade Federal do Amazonas, no mestrado em Antropologia

Social, defendida em 2019. Esses resultados dão indício das poucas investigações específicas sobre as pixações feitas por mulheres.

Na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações - BDTD, a partir do termo "pixação", a pesquisa resultou em 36 dissertações, já a partir do termo "pichação" resultou em 68 dissertações, muitas delas abordam a relação da pixação com o espaço da cidade, educação ou como arte vinculada ao *graffiti*. Porém, a pesquisa a partir da associação dos termos "pichação", "feminismo" e "cultura popular" resultou em nenhum registro. O que indica que há falta de trabalhos que relacionem estas temáticas. Quando pesquisamos a partir do termo "pichadoras" por título identificamos a tese *A sociedade secreta de pichadores/as e grafiteiros/as em Campina Grande-PB,* de autoria de Angelina Duarte, defendida em 2010. Os três demais resultados para a busca abordam apenas pichadores. A tese de Duarte diz que das 146 *tags*[3] identificadas por ela em 2006, apenas 5 são de mulheres e das 41 *crews*[4], haviam apenas 2 *crews* femininas em Campina Grande (2010, p. 22).

No portal Scielo - *Scientific Electronic Library Online* - a partir do termo "pixação" encontramos um artigo intitulado *As marcas da cidade: a dinâmica da pixação em São Paulo*, de Alexandre Pereira, publicado em 2010. A partir do termo "pichação" encontramos três artigos, um deles aborda a pichação nas escolas, outro relaciona-a a intervenções urbanas e o terceiro estuda as pichações em Belo Horizonte em termos de administração urbana e não fazem menção às mulheres pixadoras. Ao associarmos os termos "pixação" e "feminismo" resultou em nenhum artigo científico.

Quanto ao levantamento de teses e dissertações no Repositório Institucional da Universidade Federal de Sergipe, para os termos "pixação", "pichação" e "pixo" não resultou em nenhum trabalho, para o termo "*graffiti*" a busca resultou em um trabalho, como indicamos no início desta introdução, uma tese intitulada *'Uma cidade muda não muda': mulheres, graffitis e espaços urbanos hostis*, de autoria de Erna Barros, de 2020, essa tese aborda o graffiti relacionado aos debates sobre gênero e o direito à cidade, entendendo o graffiti como fenômeno urbano e a cidade como espaço de disputa.

Para melhor caracterizar a pesquisa, utilizamos como referência Appolinário (2012, p. 60-69) e Gil (2002, p. 44-56). Appolinário classifica a pesquisa científica em seis dimensões, quais sejam: Natureza, Finalidade, Tipo, Estratégia, Temporalidade e

[3] A *tag* é a assinatura estilizada da pixadora ou pixador.
[4] A *crew é* como é chamado um grupo ou um coletivo de pixadoras e pixadores.

Delineamento, para esta pesquisa são utilizadas cinco das dimensões abordadas. Utilizando tais dimensões, entendemos que a abordagem metodológica aqui assumida é predominantemente de **natureza** *qualitativa*, pois interpretamos subjetivamente o fenômeno da pixação e temos como perspectiva melhor compreender o comportamento e a experiência humana. Se caracteriza como uma pesquisa *básica*, pois sua **finalidade** está associada ao incremento do conhecimento científico sobre a pixação de aspectos feministas em Aracaju sem quaisquer objetivos comerciais. Pode ser considerada do **tipo** *descritiva*, uma vez que descrevemos e identificamos os motivos pelos quais a pixação é realizada. Como **estratégia**, em relação ao local da coleta de dados, a identificamos como *pesquisa de campo*, pois os dados foram coletados sem controle rígido. Ainda sobre a estratégia de pesquisa, agora com relação à fonte de informação, a caracterizamos de dois modos: *documental* e *pesquisa de campo*, pois a unidade pesquisada é composta de documentos e sujeitas. A **temporalidade** da pesquisa é *transversal*, pois realizamos entrevistas individuais em um único momento com as sujeitas. Para a dimensão, **delineamento** como Appolinário não exemplifica abordagem que se relacione com esta pesquisa, utilizamos o estudo de delineamento de Gil (2002, p. 59-90; 129-134), assim este delineamento envolve a revisão bibliográfica e documental e etapas de estudos de campo, coleta de dados, como mapeamento e entrevistas.

Desenvolvemos a investigação em cinco etapas: 1. Mapeamento fotográfico, 2. Fundamentação teórica, 3. Definição do *corpus* da pesquisa, 4. Entrevistas semiestruturadas com as pixadoras, 5. Estudo das pixações.

Na primeira etapa mapeamos as pixações, utilizamos como instrumento de pesquisa o registro fotográfico e a identificação dos locais de pixação no mapa urbano de Aracaju. Percorremos o bairro Centro de Aracaju e outros bairros cuja quantidade de pixações é intensa. Assim, o nosso mapeamento se deteve as ruas dos seguintes bairros: Centro, Luzia, Ponto Novo, São José, Salgado Filho, Grageru e Cirurgia.

Na segunda etapa desenvolvemos estudos para a fundamentação teórica da pesquisa. Sobre o conceito de Ato de Resistência como Cultura Popular, identificamos a obra de Marilena Chaui (2021a). A noção da pixação como transgressão manifestada no espaço da rua, que utiliza como metáfora a tatuagem da cidade, nos referenciamos em Célia Antonacci Ramos (1994) e ainda relacionando a cidade utilizamos a noção de Paisagem Alternativa Excluída de Denis Cosgrove (1998). Para o estudo sobre a noção de Feminismo, elegemos a

tese de Taylisi Leite (2020) que discute o Marxismo Feminista em contraposição ao Feminismo Liberal. Para a contextualização e conceituação da pixação utilizamos as referências de Ramos (1994, 2007), Fonseca (1981) e Gitahy (1999). Além das teses, dissertações e artigos científicos que aportam debates atualizados sobre os conceitos de feminismos, culturas populares e pixação.

Na terceira etapa estabelecemos o contato com as pixadoras, identificadas por intermédio de artistas, coletivos de Aracaju e São Cristóvão e estudantes da Universidade Federal de Sergipe. Além do uso dos registros fotográficos para identificarmos as pixações e suas autoras e assim definir o *corpus* da pesquisa.

Na quarta etapa da pesquisa realizamos as entrevistas com as jovens pixadoras por meio de videoconferência, com duração de uma hora e meia em média. Realizamos três entrevistas, seguindo a orientação do Comitê de Ética na Pesquisa (APÊNDICE), a construção das questões de entrevista teve influência da abordagem de balanço do saber (CHARLOT, 1999) no sentido de trabalhar as perguntas para não direcionar as respostas.

Na quinta etapa desenvolvemos o estudo dos pixos como mensagens visuais simbólicas com aporte dos estudos de Dondis (1997) e a diversidade do aspecto dos sinais de Frutiger (1999) relacionados aos conceitos fundamentais: ato de resistência, marxismo feminista e paisagem alternativa.

A partir dessas etapas a dissertação está estruturada em quatro seções, na primeira abordamos a pixação como cultura popular, expondo os entendimentos, contexto histórico e importância para depois abordar a noção de cultura popular como ato de resistência. Na segunda seção tratamos do marxismo feminista como fundamento, apresentamos as questões que envolvem o patriarcado e o capitalismo, para sinteticamente abordar a crítica ao feminismo liberal e apresentar a concepção de marxismo feminista. Na seção três enfocamos as pixações e a relação com a cidade, utilizamos a metáfora da pixação como tatuagem da cidade para abordar a cidade como um organismo e trazer assim a noção de paisagem alternativa. Na quarta seção e última apresentamos os estudos das pixações que fazem parte do *corpus* da dissertação, entendendo-as enquanto mensagens visuais num nível simbólico e identificamos a ênfase do corpo feminino como símbolo de resistência.

1. PIXAÇÃO E CULTURAS POPULARES

1.1. Pixação – entendimentos, contexto histórico e importância

A pichação é entendida muitas vezes como vandalismo, depredação, ação criminosa à cidade. Nesse sentido, a pichação é tida como algo inapropriado e este é, também, o entendimento do Código Civil Brasileiro. Conforme a Lei nº 12.408, de 25 de maio de 2011, que altera a redação do art. 65 da Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998, no art. 6º, diz que "Pichar ou por outro meio conspurcar edificação ou monumento urbano: Pena - detenção, de 3 (três) meses a 1 (um) ano, e multa." (BRASIL, 2011). A mesma lei, no parágrafo primeiro, ainda afirma que "Se o ato for realizado em monumento ou coisa tombada em virtude do seu valor artístico, arqueológico ou histórico, a pena é de 6 (seis) meses a 1 (um) ano de detenção e multa." (BRASIL, 2011).

A despeito da criminalização, interessa-nos aqui observá-la enquanto ato de subversão, protesto e denúncia. Feita para uma afirmação política, uma contestação ao *status quo* ou algo menos militante e mais humorado, uma brincadeira, um deboche, mas certamente uma necessidade de se comunicar por meio do espaço urbano. Tomamos então o significado da pixação a partir do seu caráter de crítica e ação política, por isso utilizamos aqui o termo grafado com “x”. Nesse sentido, apontamos os estudos de Célia Maria Antonacci Ramos (1994, p. 45) quando se refere a pixação como “imagens tatuadas no corpo da cidade, e consideradas, na maioria das vezes, como marginais à cultura, vão pouco a pouco nutrindo a cultura que as rejeita”. E ainda, aponta a mesma autora, o caráter popular, por assim dizer, democrático, da pixação apontando que “O muro vira mural... suporte para manifestações de todo e qualquer cidadão” (RAMOS, 1994, p. 43).

Observamos que na cidade não há a oferta de espaços destinados à comunidade para a livre comunicação. Essa acontece em espaços demarcados pelo poder público, pela propriedade privada, pelas empresas, pelo comércio, pela publicidade, pelo design. Nesse caso, para as pessoas que queiram se manifestar, resta-lhes transformar o muro alheio em mural. Sendo assim, a pixação é uma intervenção consciente que se dá como um ato de transgressão às normas instituídas socialmente, pois é realizada sem o consentimento prévio, a pixação se apoia no proibido. (RAMOS, 1994, p. 43).

Nesse sentido, Gitahy (1999, p. 24) caracteriza a pixação como “uma guerra feita com tinta, (...). Um grande abaixo-assinado para a posteridade, no qual cada um que participa deixa sua marca”. Mais que isso, indica Zuin (2005, p. 26), as pixações “presentificam em sua manifestação um fazer-pensar e um fazer-agir de toda uma geração”, dessa forma, a pixação traz ao espaço urbano a problemática das populações marginalizadas.

O ato de manifestar-se por meio da pixação não é um fenômeno atual, segundo Gitahy (1999, p. 20), há registros de muros pixados desde a Antiguidade, nas cidades de Pompeia e Herculano as pixações foram preservadas pelas lavas do Vesúvio. Na Idade Média, “[...] na época em que os inquisidores queimavam as bruxas cobrindo-as de piche, os padres pichavam as paredes dos conventos que eram rivais, ajudando a expor suas ideologias e criticar doutrinas contrárias, governantes, ditadores e todo tipo de pessoa ou instituição a quem se queria difamar.” (SOUZA, 2007, p. 20).

Na contemporaneidade, “A prática teve uma grande evolução após a Segunda Guerra Mundial, quando começou a produção de materiais em aerosol. Assim, tintas *spray* deram mobilidade e agilidade aos traços.” (SOUZA, 2007, p. 20). Segundo Célia Ramos (2007), a pixação, dentre outras manifestações, marca “a presença de jovens na história do protesto e projetaram para muitas outras cidades e grupos de jovens a transgressão lúdica de viver a cidade como espaço de comunicação”, no maio de 1968 francês. Ainda conforme, Célia Ramos (2007), na Nova York dos anos 1970, “os trens cruzavam a cidade levando e trazendo a presença das periferias”, pois eram marcados com pixos de uma população extremamente diversificada.

No Brasil, segundo o *site* Memórias da Ditadura, a pixação política surgiu nos círculos universitários na década de 1960, inspirada no movimento estudantil francês, com o emblemático “Abaixo a ditadura”. (FIGURA 07).

Figura 07: Pixação durante a ditadura da década de 1960 no Brasil.

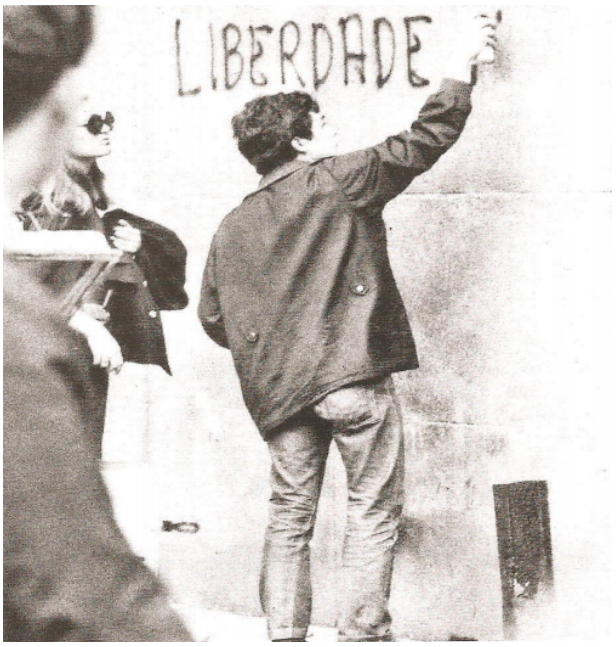
Fonte: resistenciaemarquivo.wordpress.com

Em texto publicado no *site* Resistência em Arquivo, mantido pelo Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul, verificamos que

> A resistência foi a opção de muitos militantes de várias organizações que na clandestinidade permaneceram no Brasil com o objetivo de combater os militares e avançar o processo revolucionário, ou mesmo se protegerem da repressão. Esta era a orientação política de muitas organizações de esquerda. Em documento do PCdoB,' intitulado: "União dos brasileiros para livrar o país da crise, da ditadura e da ameaça neocolonialista", datado de junho de 1966, por exemplo, seus dirigentes, ainda que considerassem que a luta aberta contra a ditadura era possível, não descartavam o uso da luta clandestina: "(…) Apesar do regime autoritário que impera no país, ainda há condições de utilizar comícios, greves, marchas contra a carestia, assembleias sindicais, paralisações parciais de trabalho têm sido usados pelos estudantes, trabalhadores e donas-de-casa" "(…) É preciso utilizar também as formas de luta clandestina, tais como distribuição de volantes, pinturas murais, comícios-relâmpagos." Uma das formas utilizadas por esses militantes era a pintura em muros, conhecida como pichação, esta ação atacava muito mais do que o patrimônio público ou privado, atacava diretamente as diretrizes do governo de censura e controle social. (APERS, 2014).

Este ataque era uma ação da movimentação estudantil na década de 1960 que envolveu diversos jovens na luta contra a ditadura militar, na figura 8 podemos ver um jovem enquanto pixa uma frase que inicia por "Liberdade", uma reivindicação frequente daquele momento histórico.

Figura 08: Estudante realizando pixo na Igreja da Candelária - Rio de Janeiro, com o bolso cheio de bolas de gude que seriam espalhadas no asfalto para derrubar a cavalaria.



Fonte: resistenciaemarquivo.wordpress.com

Segundo Soares (2018, p. 20)

> Pichar durante o final da ditadura militar configurou-se como a ação de escrever com spray(sic), tinta, pincel, carvão e/ou outros materiais, textos em diversos lugares (muros, praças, residências etc.) geralmente de madrugada e com frases curtas e inteligíveis, tornando-se um registro do cenário político, social, econômico e cultural do país. As pessoas geralmente optaram por pichar textos curtos, com o objetivo de passar uma mensagem objetiva e de fácil assimilação para os leitores e de tornar mais rápida a elaboração escrita, diminuindo os riscos da ação política.

Em relação aos riscos da ação política que Soares (2018) aborda, podemos estabelecer uma simetria com o depoimento das pixadoras BB, JC e X produtoras dos pixos aqui estudados,

> Com Juno, assim, a gente marcava para sair de bicicleta às 4h da manhã, marcava um trajeto e tal, vamos lá, a gente se encontrava de *bike* e ia fazendo o trajeto todo. E era muito bom assim, adrenalina lá em cima, a sensação era maravilhosa. Tinha isso também, que eu me sentia muito bem, mas era um corre que, tipo, era uma adrenalina que se a gente fosse pega, talvez, não seria tão interessante. Então, é **sempre um risco**, você está fazendo isso na rua e tal. [...] Então, o tempo todo assim **sempre com medo**. (PIXADORA BB, 2021, APÊNDICE C, RESPOSTA 29, grifo nosso).

> Majoritariamente, eu faço sozinha, mas de fato eu comecei com BB, foi a primeira pessoa fora da UFS com quem eu pixei junto. Acho que foi de carro, a gente fez um

> rolê no carro dela. E, a gente parou de fazer isso, porque placa né, é complicado, e não é muito prático também. Descer do carro, estacionar, chama muita atenção. E, aí, inclusive, eu comprei a bicicleta que eu tenho até hoje, dela. [...] E, aí, o que foi acontecendo ao longo dos anos, é o pessoal me convidar, uma pessoa que eu não sei quem é, mas eu conheço por *tag*, não tem instagram, nem a foto dela, nem nada, mas aí, muitos homens convidam pra dar rolê de pixo. E, nenhuma vez na minha vida eu aceitei, eu fico me perguntando sobre isso: 'quão mal pega, se eu deveria ter feito isso'. Mas, é foda, porque, **costuma ser tarde da noite, então dá medo**. Então, eu só pixei com um homem, que é um amigo meu, então assim, é diferente. E eu, não fui sozinha com ele, eu fui com BB. E, quando eu faço pixo em grupo, são sempre outras mulheres. E são sempre outras mulheres que estão de bicicleta também. Nunca mais de três pessoas, porque uma vez ou outra, já fiz isso, e sempre tem alguém que vai fazer mais barulho do que o desejado. Meio que não pega a visão assim de ser rápido. **Rápido, silencioso e tchau**, e ir embora. (PIXADORA JC, 2021, APÊNDICE D, RESPOSTA 20, grifo nosso).

> Digo que metade foi sozinha e metade foi acompanhada. Que acaba que em outras situações, que por mais que as pessoas que estivessem comigo não pixassem, era o **momento que me sentia segura** para, sabe? Na ida ou volta de um bar, de madrugada. Porque de dia é complicado, de dia eu não uso spray, **só se realmente eu veja que não tem ninguém, nenhuma câmera**. (PIXADORA X, 2022, APÊNDICE E, RESPOSTA 47, grifo nosso).

Os depoimentos das pixadoras evidenciam o medo e mencionam a necessidade de realizar os pixos de forma rápida e objetiva com receio da ação de civis ou policiais contra elas.

Mesmo com os riscos e o medo que as pixadoras BB, JC e X sentem, elas dão muita importância para a pixação na vida delas, em seus depoimentos isso fica evidente:

> Foi uma experiência muito massa, de **entender essa dinâmica da rua**, sobre as artes urbanas, como as coisas, elas podem ficar ali por três, quatro, cinco ou dez anos e como algumas coisas elas somem em dois ou três dias, esse ciclo. Foi interessante perceber, foi interessante pra minha pesquisa do TCC também, de chegar e **conhecer mais mulheres que faziam**, e de não só mulheres que faziam pixo, mas que faziam lambes, poesia na rua, *rap*, eu acho que tudo vai caminhando junto, eu acho que tem uma galera que se conhece que tá fazendo as coisas. Hoje em dia não tanto por causa da pandemia, mas tinha há dois anos uma galera que estava fazendo muita coisa na rua. É a troca mesmo, de conhecer pessoas, de tá fazendo uma coisa e de amadurecer também, de entender o porquê que a gente fazia e o porquê que a gente não faz, e de pensar e de ressignificar, e de pensar outras coisas. Acho que de **ampliar mesmo assim as narrativas, a forma crítica mesmo de pensar o espaço urbano.** (PIXADORA BB, 2021, APÊNDICE C, RESPOSTA 43, grifo nosso).

> A pixação pra mim é uma coisa maravilhosa, que se precisa de muito pouco pra fazer demais. Eu me apaixonei criança ainda, aprendendo a ler, eu ia lendo os anúncios de lojas nas ruas, passando de carro, eu sempre gostei muito de ler, eu escrevo, faço poema, então, aprendendo a ler era sempre na rua, por onde eu estava passando nas ruas estava lendo o que estava nos muros, fosse uma propaganda ou fosse um pixo. Pixo é bem mais difícil de ler, então acabou sendo uma coisa adquirida ao longo dos anos. [...] Então, pra mim, a **pixação é uma coisa mágica, é**

> **a voz da rua**. É a **arte mais democrática que existe**, basta ter olhos. (PIXADORA JC, 2021, APÊNDICE D, RESPOSTA 13, grifo nosso).
>
> **Pixo é memória**. Mais que tudo. Além de me representar, de me identificar, de me mostrar presente, deixar ali para que as pessoas enxerguem a minha territorialidade fluindo ali. De **me enxergar enquanto corpo território** e entender que como tudo, como estou presente um marco no tempo. E a memória no final das contas, é o estalo, sabe? Daí vem inclusive passar a marcar os anos. (PIXADORA X, 2022, APÊNDICE E, RESPOSTA 54, grifo nosso).

Os depoimentos apresentados indicam como as pixadoras experimentam "a transgressão lúdica de viver a cidade como espaço de comunicação", tornando seus muros em murais (RAMOS, 1994, p. 43) nos quais expõem seus descontentamentos e suas críticas à sociedade que embora rejeite as pixações, dialogam inevitavelmente com elas. Suas ações são conscientes e temem as consequências de um ato que se apoia no proibido, porém uma forma contundente de marcar a memória da cidade. As pixações são frutos de um "fazer-pensar" e um "fazer-agir" que apontam questões para além da realidade de cada pixadora. Nesse sentido, apontamos a contribuição do documentário *Onde estão as mulheres?* produzido em 2017, de Bruna Noveli, que apresenta a produção de mulheres sergipanas na arte de rua, reunindo discussões acerca da problemática das mulheres, como a subordinação, a insegurança e a busca de soluções para estes e outros problemas.

1.2. Pixação como ato de resistência

Aqui apresentamos a noção de pixação como ato de resistência e cultura popular a partir da obra *Conformismo e resistência* de Marilena Chaui (2021a). Iniciaremos a discussão expondo o pensamento de Chaui acerca do conceito de cultura e de cultura popular e as questões advindas dessa divisão. Na sequência, discutiremos a noção de cultura popular como resistência e a pertinência de compreender a pixação nesse contexto, ou seja, como ato de resistência e cultura popular. Utilizamos ainda o panorama conceitual de Storey (2015, p. 30) por nos oferecer uma compreensão da cultura popular como campo de rebeldia.

O termo "cultura popular" é controverso, pois implica ambiguidades a respeito do que seja o "popular" e da validade dessa divisão para distinguir e valorar diversas realizações

culturais. Sobretudo, se a marcação do que seja popular e a divisão cultural existam para atender a demandas em favor das classes dominantes. Chaui (2021a, p. 16) nos lembra que as classes ditas "populares" não adjetivam de "popular" a cultura que realizam. Isso por si só nos convida a algumas reflexões.

Para Chaui (2021b), em sentido amplo,

> A cultura é a criação coletiva da linguagem, da religião, dos instrumentos de trabalho, das formas de habitação, vestuário, culinária, das manifestações do lazer, da música, da dança, da pintura, da escultura, dos valores e das regras de conduta, dos sistemas das relações sociais, particularmente, do sistema de parentesco e as relações de poder, ou seja, a cultura é o campo no qual uma sociedade institui as relações entre os seus membros e com a natureza, conferindo-lhe sentido ao elaborar símbolos e signos, práticas e valores, ao definir para si própria o possível e o impossível, a linha do tempo, o passado, o presente e o futuro, as distinções no interior dos espaços, longe, perto, grande, pequeno, o verdadeiro e o falso, o belo e o feio, o justo e o injusto, o permitido e o proibido, a relação com o visível e o invisível, com o sagrado e o profano, a guerra e a paz, a vida e a morte. Como seres humanos, somos todos seres culturais.

Em síntese, a cultura é a "capacidade dos seres humanos de se relacionar com o ausente" e seus primeiros elementos são a linguagem, por meio da qual tornamos presente o que estava ausente, e o trabalho, por meio do qual damos a surgir o que não existia (CHAUI, 2021c). Ora, uma vez que todas as pessoas realizam a cultura, qual a pertinência em diferenciar determinadas produções como cultura popular?

Nas sociedades capitalistas, considerada a divisão social da propriedade e do trabalho, a cultura, de modo geral, é identificada "com a posse de conhecimentos, habilidades e gostos específicos, com privilégios de classe, e leva à distinção entre cultos e incultos, de onde partirá a diferença entre cultura letrada-erudita e cultura popular." (CHAUI, 2021a, p. 19). Paradoxalmente, essa diferenciação tende a associar a cultura popular à pessoa inculta. Assim, é comum a utilização do termo "cultura" para designar tão somente a cultura letrada-erudita, complexa e racional, em contraposição à cultura popular, espontânea e natural. Esse entendimento perpassa todas as esferas sociais e gera a ilusão de que há, verdadeiramente, divisão e hierarquia cultural.

A instituição da divisão cultural, um reflexo da sociedade de classes, estabelece qual o papel a ser desempenhado por cada classe social: a classe dominante exerce o poder e governa as classes populares. Por meio de narrativas e visões de mundo que se pretendem hegemônicas, a classe dominante lesa, social, econômica e politicamente as classes populares.

Nesse contexto, “entre a exploração econômica e a dominação política” instala-se uma mediação a qual Karl Marx denominou de ideologia, “sistema de representações, normas e valores da classe dominante que ocultam sua particularidade numa universalidade abstrata.” (CHAUI, 2021a, p. 25). Assim, a divisão em cultura popular, de massa e erudita é ideológica e beneficia unicamente a classe dominante.

Ao citarmos a ideologia como mediação fundamental para legitimar e naturalizar as visões de realidade da classe dominante convém discutirmos o papel da cultura de massa frente a cultura popular e a cultura letrada-erudita. Na perspectiva do pensamento liberal, a ideia de “massa” faz parecer que as divisões sociais se reduzem a discordâncias de interesses entre grupos e indivíduos, “capazes de chegar ao consenso político à maneira do mercado que se autorregula, regulando os interesses particulares.” Dessa forma, sugere o pensamento liberal que chegamos ao fim da luta de classes e das ideologias (CHAUI, 2021a, p. 29). Contrariamente a essa perspectiva benfazeja, a noção de “massa” camufla a luta de classes, com suas desigualdades e injustiças, e institui veículos ainda mais poderosos para a difusão das ideologias, um ganho para a classe dominante.

Sendo a cultura de massa definida pela mistura de elementos da cultura erudita e da popular de modo que esses elementos sejam simplificados para o consumo no mercado, assim, a “cultura de massa” converte a cultura em entretenimento e, nesse sentido, ela é uma forma de anticultura, pois deixa de ser um saber, uma maneira de viver, de se relacionar com o mundo, de produzir símbolos (CHAUI, 2021c). A cultura de massa se faz parecer democrática e transparente, pois a partir dos meios de comunicação dá a todas as pessoas acesso aos bens culturais, ou ao menos as fazem crer nisso, porém, “na perspectiva dos frankfurtianos chegava-se (...) à razão meramente instrumental e acrítica” (CHAUI, 2022a, p. 29). A cultura de massa reduz a cultura à mera mercadoria.

Do mesmo modo que a distinção entre cultura letrada-erudita e cultura popular é conveniente à classe dominante, assim ocorre com a cultura de massa, ambas, cultura popular e cultura de massa, determinam que povo e massa estejam na condição de incultos. A massa, “formada pelo agregado amorfo de indivíduos anônimos”, tem como contraponto a elite, “formada por indivíduos que se distinguem dos demais pelas capacidades” (CHAUI, 2021a, p. 31). Essa crença é sustentada pela ideologia que afirma a classe dominante como detentora do poder não apenas porque possui os meios de produção, ocupa os postos de autoridade e

comanda o Estado, mas sobretudo porque possui competência para tal (CHAUI, 2021a, p. 31). Nesse sentido, a massa fica à mercê dos indultos concedidos pela elite.

Essa situação expõe a frágil democracia liberal na qual a realização da cultura e o acesso, de fato, aos bens culturais são compreendidos como privilégios, assim sendo, a participação da população em geral é limitada. Entre nós, a percepção da democracia como uma prática cotidiana é mínima e isso tem consequências. Uma delas é a não compreensão da cultura como direito e assim naturalizam-se privilégios e acentuam-se preconceitos. Como exemplo observamos o acesso às ruas, pois enquanto a publicidade tem lugares garantidos no meio urbano, assegurados por lei, a maioria das pessoas não têm espaços igualmente para se expressar.

Uma democracia, de fato, pressupõe a existência de direitos e, portanto, a inexistência de privilégios, pois "só há cidadãos se os indivíduos forem sujeitos de direitos e que onde tais direitos não existam nem estejam garantidos, tem-se o direito de lutar por eles e exigi-los" (CHAUI, 2022b). Nesse sentido, o fazer a cultura é em si um exercício democrático. Evidentemente, as camadas sociais empobrecidas e subalternizadas realizam a cultura, muito embora a realizem precariamente porque lhes faltam meios e acessos necessários, além de serem apontadas como preguiçosas, ingênuas, ignorantes e tenham suas realizações, habitualmente, desconsideradas.

Chaui (2021b) compreende que a cultura é um direito e comenta três traços da cultura como trabalho que envolvem a noção de cultura como criação, como ação para refletir e sentir e como crítica, conforme apresenta:

> Primeiro, é o trabalho da criação, a cultura é trabalho da inteligência, da sensibilidade, da imaginação, da reflexão, da experiência e do debate, e é o trabalho no interior do tempo histórico e, portanto, ela é determinada pelas condições materiais e históricas da sua realização. Como trabalho, a cultura opera mudanças em nossas experiências imediatas, abre o tempo para o novo porque faz surgir o que ainda não foi feito, pensado, dito. Captar a cultura como trabalho significa compreender que o resultado cultural, a obra, se oferece a outros sujeitos sociais, se expõe a eles, oferece-se como algo a ser recebido por eles para fazer parte da sua inteligência, sensibilidade e imaginação e ser retrabalhada pelos seus receptores, seja porque eles a interpretam, seja porque uma obra suscita a criação de outras. Segundo, ela é ação para dar a pensar, dar a ver, dar a refletir, dar a imaginar e a sentir o que se esconde sobre as experiências vividas ou cotidianas, transformando-as em obras que as modificam porque as tornam conhecidas nas obras de pensamento, densas, novas e profundas nas obras de arte. Terceiro, a cultura como trabalho é a crítica do trabalho instituído, do já feito, do já pensado, das formas de dominação e exclusão, isto é, como crítica a cultura é a luta contra a ideologia, como máscara, falsificação, mentira e dominação.

O terceiro traço da cultura como trabalho evidencia o vínculo que enfocamos aqui entre cultura e resistência, compreendendo que a cultura popular para Chaui é cultura, pois a divisão, como já abordamos, é ideológica. E, nesse sentido, a cultura como trabalho e resistência, se dá pela luta contra a ideologia.

Chaui (2021, p.56-57) compreende a cultura e, sendo assim, cultura popular como resistência a partir de três aspectos: ações deliberadas de resistência, atos de resistência difusa e resistência em ações coletivas ou grupais. As ações deliberadas de resistência estão associadas às lutas populares promovidas pelos diversos movimentos sociais e operam no registro político quando a luta se dá "pelo direito de se organizar politicamente e de participar das decisões, rompendo a verticalidade hierárquica do poder autoritário" e no registro social quando são pela "defesa e manutenção de direitos", bem como para "conquistar o próprio direito à cidadania e constituir-se como sujeito social" (CHAUI, 2021, p. 56-57).

As ações de resistência difusa são observadas na "irreverência do humor anônimo que percorre as ruas, nos ditos populares, nos grafites espalhados pelos muros da cidades" e a resistência em ações coletivas ou grupais são observadas quando uma determinada comunidade não aceita ou responde de forma a se adaptar a uma determinada situação imposta ou proposta pela classe dominante ou pelo Estado, resposta que ocorre sem um planejamento, a partir dos meios e entendimentos da própria comunidade.

Sendo assim as pixações aqui estudadas podem ser entendidas como ação de resistência difusa, ora utilizando a irreverência mais evidente em *bucetalada*, *xibiuti* e *buceta…, buceta* (com asas)*,* ora questionando o patriarcado como em *Juno* e *coragem*, pelo uso do símbolo do feminino em substituição a letra "o". Quanto às ações que explicitam a resistência, entendendo o popular enquanto campo da rebeldia, citamos o panorama de Storey (2015, p. 30) que em umas das definições de cultura popular a define como "um lugar de luta entre a 'resistência' de grupos subordinados." Ao observar a cultura popular como espaço de "trocas e negociações", sugere Storey (2015, p. 32), que os embates daí advindos são uma forma de luta cultural na qual os conflitos de classe, etnia, gênero, sexualidade, deficiência etc. aparecem e se opõem à cultura dominante.

A compreensão da cultura popular como resistência em Chaui vai evidenciar a luta de classes. Entendemos que a cultura popular em Chaui é a cultura apartada, rechaçada, é a cultura que é subjugada pela classe dominante.

As três pixadoras entrevistadas são da classe trabalhadora, com relativa autonomia financeira. A pixadora BB, 29 anos, bissexual, é formada em Comunicação Social com habilitação em Audiovisual e trabalha como diretora de fotografia. A pixadora JC, 26 anos, lésbica, tem nível superior incompleto em Comunicação Social com habilitação em Audiovisual e trabalha de modo autônomo como artista visual, antes trabalhava como caixa e garçonete em restaurantes. A pixadora X, 24 anos, bissexual, é estudante do curso de Publicidade e Propaganda, é redatora.

As pixadoras são mulheres cis e desenvolveram um processo de resistência através do pixo, a pixadora JC teve que interromper o curso de graduação para trabalhar, no caso da pixadora BB tem uma situação financeira melhor, porém sua origem é de uma família de trabalhadores. E a pixadora X está inscrita no cadastro NIS Baixa Renda, que segundo o *site* da Caixa Econômica Federal o "Número de Identificação Social é um número de cadastro realizado pela Caixa e devem ser cadastrados: o trabalhador, vinculado à empresa privada, cooperativa ou empregador pessoa física; os beneficiários de Programas Sociais [...] e os beneficiários de Políticas Públicas ". As opressões de gênero, classe, sexualidade e a luta pela sobrevivência fazem parte da vida da maioria das mulheres brasileiras. (APÊNDICES C, D e E).

Compreendemos a pixação como ato de resistência a partir das considerações de Chaui e depoimentos das pixadoras. A pixadora BB (2021, APÊNDICE C, RESPOSTA 21), ao falar sobre o motivo que a levou à realizar o pixo *bucetalada*, declara que

> Surgiu dessa inquietação das pessoas falarem que se sentiam mal quando viam uma rola, um pinto desenhado. E aí eu tive vontade de, tá, então, se é tão incômodo pra gente, então eles vão se incomodar agora, porque eu vou fazer nos muros da cidade uma buceta, e vocês vão se incomodar do mesmo jeito que eu me incomodei. Foi basicamente isso.

A pixadora JC (2021, APÊNDICE D, RESPOSTA 13) associa a experiência do pixo a construção de um mapa mental da cidade,

> Então, quando eu comprei minha bicicleta, eu comecei a pixar fora do campus. E a bicicleta e o pixo foram me fazendo aprender a andar na cidade também. Então, às

> vezes minha referência de local, eu ia explicar para alguém onde é que entrava, a única coisa que eu conseguia lembrar era o pixo que tava na parede, sabe? Então, abriu muitos caminhos, uma diversidade muito diferente de existir dentro da cidade, uma maneira muito diferente. Me sinto parte dela, sabe, construindo. Até porque cada rua, se eu deixo uma marca minha, me parece muito mais casa. Ali é um lugar, por exemplo, que eu vou lembrar sempre, como é que chega, porque eu fiz o meu próprio caminho nele. Então, pra mim, a pixação é uma coisa mágica, é a voz da rua. É a arte mais democrática que existe, basta ter olhos.

JC (2021, APÊNDICE D, RESPOSTA 19) comenta que olhando as pixações na cidade "Você se torna leitor de um novo tipo de literatura.", como Tiburi (2010) aborda no texto Pixação e pensamento,

> Imagine-se uma sociedade em branco e começar-se-á a entender porque a pixação nas grandes cidades é bem mais do que um ato vândalo que, para além de ser uma forma de violência, define a cidade como um grande livro escrito em linguagem cifrada. O pichador é o mais ousado escritor de todos os tempos.

A pixadora X (2022, APÊNDICE E, RESPOSTA 35) diz que

> [...] acho que isso foi também impulsionado por uma raiva, algo de dentro pra fora, de querer me mover contra algumas coisas que estavam me afetando muito emocionalmente e como transgredir a essa energia, sabe? Acabei encontrando isso através do pixo. Não gosto muito de desenhar, gosto de escrever, mas no pixo, nessa escrita, no sentimento dessa escrita e tudo o mais, acabei criando uma relação e a forma como enxergo é justamente como um recorte de arte e cada dia mais entendendo as camadas e a profundidade disso.

Diz ainda que "É uma forma de expurgar, é uma forma de mostrar que eu tô na cidade, que eu sou visível, que aquele território também é meu". (2022, APÊNDICE E, RESPOSTA 36).

A partir de suas falas entendemos que a pixação pode ser uma ação de incomodar, de se apropriar e ocupar a cidade, como voz da rua, como uma ação democrática contra a ideologia dominante, como ação de uma revolta, são evidências do pixo como resistência. A categoria resistência perpassa também as próximas seções deste trabalho.

2. MARXISMO FEMINISTA COMO FUNDAMENTO

Nesta seção apresentamos o marxismo feminista a partir da tese de Taylisi Leite intitulada *Crítica ao feminismo liberal: valor-clivagem e marxismo feminista* na qual retoma a associação entre patriarcado e capitalismo como razão estrutural da opressão da mulher no mundo contemporâneo. De início expomos brevemente a tese de Taylisi Leite e, na sequência, comentamos sobre a transição do matriarcado ao patriarcado e suas relações com o capitalismo, conforme os estudos antropológicos de Evelyn Reed (1905-1979) e a crítica de Friedrich Engels (1820-1895) à família, à propriedade privada e ao Estado[5], em seguida, versamos sobre o conceito de valor, advindo do pensamento marxista e revisitado por Taylisi Leite. Discorremos ainda sobre a crítica ao feminismo liberal e à visão histórica do movimento feminista em ondas geracionais para compreendermos, de modo amplo, o que Taylise Leite denomina de marxismo feminista.

Taylisi Leite fundamenta sua pesquisa no pensamento de Roswitha Scholz (1959) que avança nas lutas e discussões feministas quando afirma que a cisão de gênero, realizada no início do capitalismo, e assim o estrutura, o faz arquetipicamente masculino. Nesse sentido, a possibilidade de cessar a opressão de gênero está condicionada à queda do próprio capitalismo. Nas palavras de Alysson Mascaro, orientador da tese,

> A tese de Leite, acoplando o pensamento de Scholz a tais formas sociais, é a de que Estado e direito portam estruturalmente a clivagem de gênero. Fundadas na mercadoria e no valor, a forma política estatal e a forma jurídica são constituídas pela mesma sorte do valor. Se este se funda na separação estrutural de gênero, o mesmo também se dará com Estado e direito, de tal sorte que não se poderá opor "bom" direito ou "boa" política às próprias formas que são derivadas da dinâmica da clivagem de gênero inscrita no próprio valor. Se o valor é o homem, Estado e direito também o são. (MASCARO *in* LEITE, 2020, p. 17).

Dessa forma, o pensamento de Leite proporciona uma compreensão mais rica da razão das lutas feministas, uma vez que, será infrutífero denunciar as opressões de gênero, exigir

[5] A obra de Friedrich Engels "A origem da família, da propriedade privada e do Estado" faz uso dos termos "Estado" e "propriedade privada", instituições próprias do capitalismo, quando analisa as sociedades pré-capitalistas. O Estado a que Engels se refere é "um domínio direto e mais complexificado por parte dos senhores de escravos", do mesmo modo quando se refere à propriedade privada essa é a apropriação do comum por alguns, conforme o prefácio à edição brasileira, do volume que utilizamos nesta pesquisa, escrito por Alysson Mascaro.

direitos e ocupar posições de poder sem alterar definitivamente a ordem que privilegia constitutivamente o protagonismo masculino.

2.1. Patriarcado e capitalismo

As opressões de gênero não são desde sempre, em algum momento e por alguma razão foram construídas. No alvorecer da antropologia, ainda no século 19, estudos realizados principalmente por Lewis Henry Morgan (1818-1881) apontam a existência de um outro tipo de sociedade, diferente da que concebemos, na qual a organização social estava baseada em uma democracia autêntica e, consequentemente, em uma igualdade plena entre as pessoas (REED, 2011, p. 25). Os estudos de Morgan influenciaram o pensamento marxiano. Marx fez uma série de anotações as quais, após a sua morte, serviram de apoio à obra *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*, de Engels (REED, 2011, p. 28). O pensamento marxista desde sua origem compreende a opressão de gênero e a vincula ao capitalismo. Evidentemente, a opressão da mulher não tem sua gênese na sociabilidade capitalista, porém nela apresenta novos contornos.

Seguindo os estudos de Morgan, dentre outros, Engels expõe as evidências de uma sociedade igualitária, anterior a nossa, baseado em pesquisas realizadas nos principais continentes. Engels descreve essa sociedade em três pontos fundamentais: primeiro, "os meios de produção eram propriedade comum, e cada membro da comunidade trabalhava sob bases igualitárias a todos os demais"; segundo, não havia um aparato estatal coercitivo para subjugar a população trabalhadora; terceiro, "a sociedade primitiva era matriarcal, e sua unidade estava constituída (...) pelo clã materno." (REED, 2011, p. 29). A sociedade primitiva era comunitária, democrática, não tinha a necessidade de uma organização estatal e era matriarcal. Essa descrição contradiz vários mitos e crenças que alicerçam o modo de vida das sociedades capitalistas atuais.

Nas sociedades primitivas matriarcais as mulheres tinham um papel central na vida social e cultural, pois não estavam confinadas em suas casas ocupadas com os afazeres domésticos e a criação das filhas e filhos. O modelo de parentesco dessas sociedades indica uma organização que contrasta com a ideia de família e sociabilidade que temos hoje. As

relações sexuais eram relativamente livres tanto para as mulheres quanto para os homens e não interessava, objetivamente, saber quem eram os genitores ou genitoras de cada criança nascida, pois

> Todos os adultos de um clã se consideravam pais sociais de todas as crianças, e se preocupavam com todos, igualitariamente. Não existia uma situação tão trágica e anormal como a de uma criança super-alimentada de um lado, e do outro crianças abandonadas, doentes ou famélicas. Na sociedade comunitária, em que ainda não existia a família como núcleo isolado, era inútil e irrelevante saber quem era o pai biológico, ou inclusive a mãe biológica. (REED, 2011, p. 35).

Nesse contexto, Reed (2011, p. 37) observa que o desconhecimento dos pais das crianças conferia às mulheres um estado privilegiado, suas funções maternais eram uma fonte de poder, paradoxalmente, servem hoje para justificar a inferioridade feminina, porém o conhecimento sobre as sociedades primitivas matriarcais desconstroem mitos e crenças que justificam a inferiorização feminina. Além das funções maternas, a mulher desempenhava atividades fundamentais para a sobrevivência da comunidade. Morgan, dentre outros estudiosos apontam a extensão das atividades produtivas desenvolvidas pelas mulheres e seu papel fundamental na organização das sociedades primitivas em contraste agudo com as atividades exercidas pelos homens, visto que

> durante um período em que os homens se ocupavam exclusivamente da caça e da guerra, as mulheres desenvolveram a maior parte dos instrumentos, dos conhecimentos e técnicas que estavam na base do progresso social. Da colheita espontânea de frutos, passaram à horticultura rudimentar e depois à agricultura. Entre a grande variedade de artes que praticavam, incluem-se a cerâmica, a curtição de peles, a tecelagem, a construção de habitações, etc. Foram as mulheres que desenvolveram os rudimentos da botânica, da química, da medicina e outros conhecimentos científicos. Assim, foram não só as primeiras trabalhadoras industriais e as primeiras agricultoras, mas desenvolveram também a sua mente e inteligência graças à variedade de trabalhos que tinham, convertendo-se nas primeiras educadoras ao transmitir seus conhecimentos e sua herança cultural a novas gerações de produtores (REED, 2011, p. 38).

As atividades desenvolvidas pelas mulheres eram essenciais à vida comunitária, segundo Engels (2019, p. 19), “o fator que, em última análise, determina a história é este: a produção e a reprodução da vida imediata” e isso se dá de duas formas: pela produção dos meios de existência, provimento da alimentação, habitação, vestuário, e ferramentas necessárias para essas realizações e pela reprodução da espécie humana. Nesse sentido, Reed

(2011, p. 39) observa a possibilidade de essas funções, exercidas pelas mulheres, terem-nas convertido no centro da vida de suas comunidades.

A despeito disso, Reed (2011, p. 42) observa que a sociedade primitiva, era também um fratriarcado, todas as pessoas do clã estavam unidas "solidária e fraternalmente sobre a base dos princípios coletivistas da vida produtiva e social." Sobre isso, Engels (2019, p. 85) observa que os membros e membras das comunidades deviam-se mutuamente ajuda e proteção, cada indivíduo confiava sua segurança à proteção da comunidade, qualquer afronta feita a alguém atingia a comunidade como um todo. Nessas sociedades produzia-se o suficiente para o sustento de toda comunidade e não havia a necessidade de uma produção excedente. A riqueza produzida e distribuída igualitariamente limitava-se à habitação, ao vestuário, aos adornos, aos utensílios necessários para obter e preparar os alimentos, que eram conseguidos dia a dia (ENGELS, 2019, p. 57-58). Porém, quando essas comunidades começaram a produzir excedentes que permitiram o acúmulo de riquezas, a distribuição dessas passa a ser desigual, e assim, assistimos progressivamente ao surgimento de um novo modelo de sociedade.

Nesse sentido, Reed (2011, p. 46) aponta que o decaimento da sociedade comunal inicia-se, principalmente, com a introdução da agricultura extensiva e da criação de gado em larga escala, provendo uma economia mais eficiente. Muitas e importantes transformações ocorreram no interior das sociedades matriarcais que desintegraram o modo de vida comunitário na qual a mulher tinha a centralidade. Uma dessas transformações, examina Engels (2019, p. 59), se dá com o evidenciamento da figura paterna verdadeira. Pouco a pouco, a ampla organização dos clãs em torno das mães perde sua validade e surge uma nova forma de organização na qual o homem possui pleno poder.

De acordo com a descrição de Engels (2019, p. 59), era atividade do homem buscar a alimentação e dispor dos instrumentos necessários ao cumprimento de seu trabalho e, por direito, era ele mesmo o proprietário dos referidos instrumentos, e em caso de separação levava-os consigo, do mesmo modo que a mulher tinha direito sobre os seus. Esse costume fez do homem o proprietário da nova fonte de alimentação, o gado, porém, de acordo com o direito materno, ainda vigente, seus filhos não podiam herdar dele, pois os bens do pai deveria ficar no seu clã de origem do qual seus filhos não faziam parte, no entanto, a criação de gado propiciava um bom acúmulo de riquezas que favoreceu, sobretudo, aos homens e o direito

materno caiu (ENGELS, 2019, p. 59). Assim, atesta Engels (2019, p. 60) "o estabelecimento da linhagem pela linha feminina e o direito hereditário materno foram derrubados, e a linhagem masculina e o direito hereditário masculino foram instituídos." Desse modo, a mulher passou a ser subjugada pelo mando masculino e a família nuclear começou a se configurar. Sobre o termo "família", observa Engels:

> Originalmente a palavra *família* não significava o ideal do filisteu de nossa época, composto de sentimentalismo e discórdia doméstica; entre os romanos, nem mesmo se fazia referência ao casal e a seus filhos e filhas, mas unicamente aos escravos. *Famulus* designa o escravo doméstico e *família* é o conjunto de escravos que pertencem a um homem. Ainda na época de Gaio, a *família*, *id est patrimonium* (família, isto é, a herança), era legada por testamento. A expressão foi inventada pelos romanos para designar um novo organismo social, cujo chefe submetia mulher, filhos e filhas e um certo número de escravos ao seu poder paterno romano, com direito de vida e morte sobre eles (2019, p. 61).

Em contraste com o novo trato reservado à mulher, o homem no matriarcado não se confundia com as posses da comunidade nem tampouco era subjugado e rebaixado em sua dignidade. Reed (2011, p. 49) ressalta que a supremacia do homem não advém de alguma qualidade biológica, física ou mental mas das contingências sócio-econômicas da sua nova propriedade e da sua sucessão através da linhagem de descendência masculina. Assim, chegamos ao patriarcado e à família monogâmica. Essa marcada pelo protagonismo tão somente do homem e a servidão da mulher, conformada e rebaixada a mera geradora de herdeiros, de paternidade indiscutível (ENGELS, 2019, p. 64), atributo que outrora enaltecia e dava plena liberdade à mulher.

Com o surgimento da propriedade privada, da divisão social do trabalho, da família monogâmica, surgem também as classes sociais. A sociedade primitiva cede lugar a uma organização social cada vez mais complexa, que valoriza o comércio e o acúmulo de riquezas, marcada por conflitos distributivos, demandando assim uma organização igualmente complexa. Eis que surge o Estado para administrar a burocracia da propriedade privada e o conflito de classes. Para Engels o Estado é

> um produto da sociedade em determinado estágio de desenvolvimento; é a admissão de que essa sociedade se enredou em uma contradição insolúvel consigo mesma, cindiu-se em antagonismos irreconciliáveis e é incapaz de resolvê-los. Porém, para que esses antagonismos, essas classes com interesses econômicos conflitantes, não

> consumam a sociedade e a si mesmos em uma luta infrutífera, tornou-se necessário um poder que aparentemente está acima da sociedade e visa abafar o conflito, mantê-lo dentro dos limites da "ordem"; e esse poder, que é oriundo da sociedade, mas colocou-se acima dela e tornou-se cada vez mais estranho a ela, é o Estado. (2019, p. 157).

Não à toa, o Estado, historicamente, mantém o privilégio masculino e a consequente supremacia do homem contra a mulher. Essa, à parte de toda a vida social e política, confinada ao ambiente doméstico e envolvida com tarefas que diretamente não geram riquezas. Os negócios são um assunto exclusivo do mundo masculino e o Estado refletirá isso regulando e garantindo a propriedade de cada cidadão, cada vez mais distante da justa divisão de riquezas das antigas sociedades matriarcais. Aliás, nesse novo tempo, a justiça é a própria garantia da distribuição assimétrica das riquezas produzidas socialmente. Nesse sentido, Engels evidencia que

> Na maioria dos Estados do período histórico, os direitos concedidos aos cidadãos do Estado são escalonados de acordo com suas posses e, desse modo, declara-se abertamente que o Estado é uma organização destinada a proteger a classe possuidora da não possuidora. Ele já era assim com as classes possuidoras atenienses e romanas. E foi assim também o Estado feudalista da Idade Média, no qual o poder político se estruturava conforme a posse fundiária. E é assim também no censo eleitoral dos Estados representativos modernos. (2019, p. 159).

Sendo assim, a mulher faz parte, associada a um contingente de empobrecidos, da camada social das pessoas despossuídas. Conforme Engels (2019, p. 68), "o primeiro antagonismo de classes (...) coincide com o desenvolvimento do antagonismo entre homem e mulher no casamento monogâmico, e a primeira opressão de classe coincide com a do sexo feminisno pelo masculino."

E sobre a mulher cairá uma série de mistificações para justificar a sua inferiorização, uma delas será crer que a natureza fez o homem superior à ela. Porém, não foi a natureza e sim a sociedade de classes que retirou a mulher da centralidade da vida comunitária (REED, 2011, p.58). O falseamento em torno da natureza da mulher a faz oscilar entre dois pólos, de um lado "a maternidade se apresenta como uma aflição biológica" e de outro como uma sacralização, "as mães são santificadas (...) e dotadas de 'intuições' especiais que vão além da compreensão masculina." (REED, 2011, p. 59). Há milênios a mulher que se submete é santa

e a que se rebela, ora é louca ora é devassa. Agora e cada vez mais as ruas reverberam os ecos da coragem ancestral e anunciam na epiderme dos muros as marcas da lúcida rebeldia das mulheres. Voltamos as pixadoras responsáveis pelo corpus desta pesquisa para observar aspectos do passado descrito nos parágrafos anteriores e que repercutem até hoje.

2.2. Feminismo Liberal e Marxismo Feminista

Para tratarmos sobre a crítica de Leite ao feminismo liberal, é necessário discorrermos brevemente sobre a categoria "valor" no pensamento marxista. Ao abordar o "valor", a autora se refere ao valor econômico que algo pode ter, ao valor de uso que é dado pela utilidade de algo e ao valor de troca quando algo é mercantilizado, mas, sobretudo, refere-se ao fenômeno da valorização do valor e, afirma, "o valor, é na realidade, um processo, através do qual o capital se reproduz." (LEITE, 2020, p.147). Na perspectiva marxista as coisas não possuem um valor em si, é nas relações de troca entre as pessoas que o valor se estabelece, nesse sentido, o valor é uma abstração que se apresenta de formas variadas como, por exemplo, a forma-dinheiro; ora as mercadorias são diferentes entre si, mas se igualam ou se equivalem na forma-dinheiro; podemos então compreender que um produto se equivale a outro porque ambos são adquiridos pela mesma quantidade de dinheiro (LEITE, 2020, p. 150-153).

O valor de um produto é determinado por meio do "tempo de trabalho socialmente necessário para produzi-lo", o trabalho, na perspectiva marxista, também é uma abstração, pois pode ser inserido na forma mercantil, nesse sentido, a economia política marxista compreende a mercadoria, não em sua fisicalidade palpável, do mesmo modo, ao tratar do trabalho, não está se referindo à uma atividade humana qualquer, "mas às formas abstratas que podem se tornar equivalentes", daí que, no capitalismo, "o valor é dado pela exploração material da força de trabalho convertida em mercadoria"; o trabalho abstrato é o reprodutor do valor; o trabalho, dessa forma, existe apenas no capitalismo (LEITE, 2020, p. 149-158).

Essa compreensão acerca do valor em Leite é devedora, evidentemente, dos estudos marxistas tradicionais mas, sobretudo, dos estudos de Roswitha Scholz que, juntamente com outras e outros teóricos, releem a obra de Marx a fim de estabelecer uma "crítica radical da sociedade que se reproduz sob as determinações da valorização capitalista", a chamada teoria

crítica do valor (LEITE, 2020, p. 211). Essa teoria compreende que a questão do capitalismo está além da distribuição assimétrica da propriedade e do capital, ou seja, não será possível deter a barbárie por meio dos direitos humanos e do estado de bem-estar, mas eliminando as formas de valorização do valor intrínsecas ao capitalismo (LEITE, 2020). As reflexões de Scholz determinam um novo e radical olhar sobre a teoria do valor.

Para Scholz, a forma-valor possui uma especificidade quanto ao gênero que não se dá a perceber facilmente, pois a narrativa hegemônica o toma como neutro, ou seja, a geração do valor, a partir do trabalho abstrato, não se relaciona com o gênero. Porém, na compreensão de Scholz, na gênese do capitalismo, as características arquetípicas masculinas foram associadas ao trabalho abstrato e, consequentemente, ao valor, ou seja, as características compreendidas socialmente como masculinas, como a coragem, a inteligência, a competição, a ferocidade, a capacidade de empreender e gerenciar etc. estão intimamente associadas ao valor e portanto, o valor é arquetipicamente masculino. Toda a atividade humana produtiva está associada ao valor e ao masculino.

Do contrário, as características arquetípicas associadas ao feminino como a gestação, o cuidado, o afeto, a delicadeza, o amor, a sensualidade etc. foram associadas ao não trabalho e, portanto, as atividades socialmente consideradas femininas foram aparentemente alijadas do valor. E, por isso, o valor é considerado masculino. Porém, Scholz, ao observar que sem as atividades femininas a humanidade não sobrevive, para que o trabalho seja realizado alguém tem que cuidar das crianças, do vestir, do alimentar e, portanto, para que o próprio trabalho se realize e dele se extraia o trabalho abstrato que enfim gerará o valor. Sendo assim, a atividade feminina considerada fora do trabalho, participa indiretamente do valor. Essa dissociação é entendida como valor-clivagem. Sendo o valor arquetipicamente masculino, o capital assim o é e, portanto, o capitalismo é o patriarcado, vivemos o patriarcado capitalista.

Nesse sentido, a expropriação do trabalho é mais intensa que a percebida até então. A constituição do valor se dá a partir do trabalho produtivo, abstrato, masculino, como compreende as linhas mais tradicionais do marxismo, mas também, como aponta Scholz, do trabalho feminino, desconsiderado como trabalho, à sombra, no entanto, define fundamentalmente o valor. Assim, há um valor total gerado da forma-valor, arquetipicamente masculina, e do valor-clivado, arquetipicamente feminino. Desconsiderar o valor-clivagem desta somatória é o mesmo que não perceber a totalidade do valor. E, por isso, é tão

importante para o patriarcado capitalista manter o valor-clivado oculto, pois como a clivagem de gênero estrutura o próprio capitalismo que nunca poderá considerar arquetipicamente o feminino. No capitalismo, a mulher ficará sempre à margem e, necessariamente, as formas de opressão serão continuamente replicadas.

Contra as formas da opressão patriarcal, várias insurgências aconteceram no decorrer da história, as mulheres nunca se conformaram com a tomada de seus corpos e as determinações de quais espaços lhes eram adequados. Hegemonicamente, observa-se a trajetória dos movimentos feministas em ondas geracionais que aqui colocamos de modo resumido. A primeira onda, iniciada no século 19 com a "busca pela igualdade conformada nos parâmetros universalizantes do sujeito de direitos moderno", "na conquista de poder político, especialmente, no direito ao sufrágio"; as pressões exercidas pelas lutas da primeira onda propiciaram as mulheres o ingressarem no "mercado de trabalho, nas universidades, na ciência, na política, no Estado etc." (LEITE, 2022, p. 413-415).

A segunda onda compreende um período curto, do início da década de 1960 até o final da década de 1980, com a "Frente de Liberação das Mulheres, a 'queima de sutiãs' e os processos por liberação sexual", um dos focos principais dessas lutas era a liberação sexual e o desvencilhamento das mulheres das imagens tradicionais com as quais eram oprimidas como ser esposa e mãe para ser valorizada; Simone de Beauvoir é a mais ilustre representante da segunda onda; um dos ganhos significativos desse período foi o início da desconstrução dos papéis fixos de gênero (LEITE, 2022, p. 418-420). Consequência disso, houve uma reconfiguração de comportamento da sociedade burguesa que tornou possível, por exemplo, o homem desempenhar tarefas dissociadas do valor, típicas do arquétipo feminino como cuidar da casa e das crianças; porém, "do ponto de vista estrutural, o valor-clivagem não tenha sido afetado" (LEITE, 2022, p. 424). Com isso, é importante observar a necessidade de avaliar os processos e as bases da luta feminista. Se a estrutura patriarcal não for abolida, as opressões não cessarão. Nesse sentido, conforme o pensamento de Scholz,

> Na perspectiva de Scholz, a clivagem de gênero na forma do valor operada pela estruturação do modo de produção é específica no capitalismo e na modernidade porque é estrutural, e não cultural. todas as conquistas do século XX, referentes à sexualidade, ao mercado de trabalho e aos direitos subjetivos não alteraram o fato de que a mulher continua inferior, simbolicamente, subjetivamente discursivamente e estruturalmente. (LEITE, 2020, p. 425)

Assim, destaca Leite (2020, p. 425), surge a terceira onda com um movimento mais combativo que recusa as narrativas que apontam a conquista da igualdade entre mulheres e homens porque o aparato jurídico formalizou determinados direitos. Outra questão a ser apontada é a pulverização do movimento feminista em diversos coletivos que trazem pautas identitárias específicas como a mulher negra, indígena, trans, lébica, refugiada, sem-terra etc., nesse contexto, adverte Scholz, sobre a possibilidade de se perder a força da luta coletiva diante da fragmentação das mobilizações, embora importantes porque os processos de opressão são sobrepostos e simultâneos (LEITE, 2020, p. 427). A fragmentação do movimento feminista e a consequente perda de força interssa, sobretudo, ao próprio patriarcado capitalista, pois permite a facil cooptação das pautas identitárias, criando narrativas de suposta superação das questões reivindicadas, a exemplo do capital verde e do *pink money*.

Diante das considerações de Scholz sobre o valor-clivagem, e portanto, sobre a constituição arquetípica masculina do capitalismo, Taylisi Leite observa os movimentos feministas que englobam as três ondas geracionais como liberais, pois de variadas forma são cooptados pela lógica da estruturação capitalista, adequando-se às formas que, em última instância, mantém a valorização do valor e, portanto, tornam nulo seu potencial emancipador. Portanto, é característico do feminismo liberal tomar as políticas públicas como razão das lutas sociais, como também, buscar representatividade nos aparatos burocráticos do Estado, mesmo se autoproclamando anticapitalista, cai em uma ilusão, o capitalismo existe por conta da cisão de gênero (LEITE, 2020, p. 60). Assim, todos os movimentos feministas que propõem reformas no capitalismo, equivocam-se,

> Certamente, o feminismo liberal sempre consistiu numa ilusão de igualdade, pois, até hoje, pressupõem que a representatividade na política formal e posições no alto escalão da produção capitalista podem emancipar as mulheres. Esse é o primeiro importante debate para uma crítica ao feminismo liberal (LEITE, 2020, p. 429).

A crítica ao feminismo liberal tornou-se mais aguda com a teorema de Scholz acerca do valor-clivagem, mas Leite (2020, p. 415-417) nos lembra que nem todos os movimentos feministas do período das ondas geracionais foram liberais. No início do século 20 as feministas socialistas russas tiveram uma "participação crucial no fim do czarismo, pois seu levante foi o grande estopim revolucionário, além do motivo pelo qual se comemora o 'dia

internacional da mulher' em 8 de março". Nesse período, Alexandra Kollontai (1872-1952), quando se referia ao "feminismo liberal, de inspiração iluminista, cujo telos é encaixar a mulher na subjetividade racional e jurídica da modernidade", advertia que a luta liberal dispensava a dinâmica desigual e violenta do capitalismo (LEITE, 2020, p. 429). Ou seja, tratava-se de uma incorporação no modelo patriarcal a partir de lutas pela paridade entre homens e mulheres.

Nessa perspectiva, Leite (2020, p. 432) comenta sobre as feministas radicais dos anos 1960 e 1970, que retomam as discussões do início do século 20 para elaborar uma robusta teoria do feminismo marxista. Dos anos 1980 para cá, muitas mulheres, atuantes nos movimentos feministas, teceram críticas ao feminismo liberal como Nancy Fraser, Margaret Benston, Selma James, Peggy Morton, Mariarosa Dalla Costa e Lise Vogel, todas elas discutiam se o trabalho doméstico participava do valor, proposição próxima a de Schulz (LEITE, 2020, p. 331). Nesse sentido, o teorema do valor-clivagem, proposto por Schulz, não inaugura a discussão sobre a histórica divisão masculino/feminino e a geração ou não de valor. Sobre isso, Leite (2020, p. 350) esclarece que a "A teoria do valor-clivagem é inovadora e provocativa, na medida em que vincula o nosso machismo, estruturalmente, ao capitalismo, mas não é absolutamente pioneira". Porém, estabelece uma nova perspectiva que desmonta as conciliações como o capitalismo propostas pelo feminismo liberal ou mesmo por parte da esquerda.

Daí, surge um novo campo de debate e atuação no enfrentamento e superação do patriarcado capitalista, demonstrado na preferência pela expressão marxismo feminista,

> e não um feminismo marxista, embora, no teorema do valor-clivagem, a compreensão do machismo e do capitalismo só pode ocorrer simultaneamente, numa dialética de co-implicação permanente. Trata-se de uma diferença sensível de método, pois, ao invés de partir da ideologia binarista heterodeterminante para buscar as relações da cultura machista com a economia capitalista, Scholz inverte o prisma, e se empenha em demonstrar que as categorias abstratas da economia, alimentadas pela razão instrumental, dialeticamente, sobredeterminam os sujeitos concretos e as práticas sociais, em um movimento dialético permanente (LEITE, 2020, p. 350).

O teorema de Scholz aponta para a necessidade de se compreender o marxismo como, fundamentalmente, feminista, pois o capitalismo se assenta na cisão de gênero e outras opressões históricas, de modo estrutural. A possibilidade de destituir o machismo do

capitalismo é nula, pois são uma coisa só. Considerar o feminismo como um componente basilar do pensamento marxista, a partir do teorema de Schols, não é uma questão de compromisso ético, mas de rigor epistemológico, “não se pode tratar o capitalismo como se a misoginia e o racismo fossem detalhes secundários, e não seus componentes estruturais.” (LEITE, 2020, p.351). O marxismo feminista oferece a retomada radical e revolucionária do gestar um novo modelo de sociedade.

3. PIXAÇÕES E A RELAÇÃO COM A CIDADE

3.1. Pixação como tatuagem - parede enquanto pele da cidade

A noção de imagens tatuadas no corpo da cidade é abordada por Ramos (1994, p. 45) a partir de uma citação originalmente utilizada por Jean Baudrillard no artigo *Kool Killer ou Insurreição pelos signos*, de 1979. É uma metáfora que nos interessa aqui por estabelecer uma analogia da cidade como organismo vivo, sendo sua superfície suporte para a pixação.

Quando tratamos do conceito de pixação na primeira seção desta dissertação, ressaltamos a noção da pixação como ato de transgressão às normas no espaço da rua, a partir de Ramos, e aqui realizamos um estudo que intensifica a relação intrínseca entre a pixação e as ruas da cidade.

Quando a autora se refere a pixação como tatuagem no corpo da cidade é compreensível pois ela acaba por fazer parte da identidade da cidade, apesar de ser rejeitada. Ramos aborda as pixações e *graffitis* a partir de três graus: inovação, liberdade e transgressão, como elementos diferenciadores, compreendendo-os como exercícios de autonomia urbana e de transgressão como justo momento de liberdade. Ressalta ainda a condição democrática e popular. (RAMOS, 1994, p. 43). A ação de intervir nas ruas, pixar, é em si um ato político, porque invariavelmente afeta a comunidade. Essa relação com o ambiente urbano, com as cidades possibilita um retorno da arte integrada à vida, como nas origens do paleolítico, nos rituais e na magia das reuniões de comunidades ancestrais.

Ao abordar as intervenções urbanas do grupo Tupinãodá de São Paulo na década de 1980, Ramos diz que a intervenção e o *graffiti* "sendo alternativa e transgressora, convive com a permanente ameaça de destruição e até prisões de seus participantes." (1994, p. 118). As reflexões sobre apropriação do espaço urbano e o lugar da mulher no espaço público são perpassadas pelo receio da violência seja civil ou policial, estar sujeita a sofrer agressões é um dos receios das pixadoras entrevistadas:

Sobre o receio da violência Juno diz sobre a ação de pixar que,

> Eu faço mais sozinha. E, aí, o que foi acontecendo ao longo dos anos, é o pessoal me convidar, uma pessoa que eu não sei quem é, mas eu conheço por tag, não tem instagram, nem a foto dela, nem nada, mas aí, muitos homens convidam pra dar rolê de pixo. E, nenhuma vez na minha vida eu aceitei, eu fico me perguntando sobre

> isso: ‘quão mal pega, se eu deveria ter feito isso’. Mas, é foda, porque, costuma ser tarde da noite, então dá medo. (2021, APÊNDICE D, RESPOSTA 20).

A pixadora X relata que

> É bem complicado mesmo pra mulher pixar na rua. Porque tem os fiscais. Claro que isso acontece com todo pixador, mas quando... No caso, quando eu digo fiscal, vai de tudo. Vai de vigia, vai de polícia, claro, mas vai de civis também. Vai de pessoas que simplesmente enxergam isso de uma forma ruim, como algo sujo, como vandalismo, como uma transgressão que atinge eles. Então, se sente atingido e aí vai compelir as pessoas, pra satisfazer o ego. (2022, APÊNDICE E, RESPOSTA 20).

Interessante observar que o receio da pixadora não é apenas do policial que oficialmente pode autuá-la, mas de todo e qualquer sujeito que possa abordá-la. Assim, na condição de mulher, sente-se vulnerável no espaço público. As leis, para ela, não asseguram sua segurança. A pixadora X é a mais jovem das entrevistadas, e no entanto, é a que declara sentir-se mais insegura, um reflexo da submissão imposta à mulher na sociedade patriarcal.

No artigo *Do lar às ruas: pixo, política e mulheres* a autora Luana Xavier Pinto Coelho (2017) cita questão feita por um pixador que organizou mobilizações de oposição às ações do prefeito de São Paulo, João Dória (PSDB-SP), contra a pixação na cidade, ele questionava: “O senhor declara o combate à pixação por ser uma agressão à cidade, mas não pensa em garantir uma cidade menos agressora a seus moradores?”.

Do mesmo modo que a cidade se converte em pele tatuada com as marcas das denúncias dos sofrimentos impostos às mulheres, a pele das mulheres pixadoras traz as marcas da cidade, demasiadamente masculina e misógina. E assim, “as mulheres, que sempre tiveram o controle e a violência tatuado em seu corpo, com restrição de acesso ao espaço público pelo sistema patriarcal que lhe relegou o espaço doméstico, também disputam a narrativa nas tintas—ou nos *sprays*.” (COELHO, 2017).

A metáfora da pele tatuada da cidade aponta para o corpo humano, a pele é o nosso indicador ou melhor contato com o meio externo, a pele pode apresentar o nível de saúde que a gente tem, a pixação enquanto marca na pele da cidade, pode ser um indicativo da doença social. Além da cor da pele identificar a etnia, acaba por definir uma divisão social. Como abordamos anteriormente, a sujeição feminina começa com a propriedade privada da terra, a divisão social do trabalho e o surgimento das classes sociais e a superfície da cidade vai

estampar a luta de classes, a pixação é um reflexo gráfico dessa luta. A pixadora X diz que a pixação

> É uma forma de expurgar, é uma forma de mostrar que eu tô na cidade, que eu sou visível, que aquele território também é meu no final das contas, acaba sendo um pouco disso com certeza, mas acaba sendo um pouco também de, às vezes até esperança em alguns dias, de um incentivo, uma chavinha que vira no meu dia, porque eu olho muito pras ruas, é muito bom ver a presença de outras mulheres e seus contextos, seus diversos contextos que variam de acordo com o pixo, mas como eu posso dizer? De que além de ver elas, mostrar pra elas que eu também tô ali. Isso também me fez criar outras relações onde eu fui compreendendo inclusive algumas das raivas: contra tudo, como a mulher é vista na rua, como a gente se sente na rua, como as pessoas nos veem, mas também como não nos veem. (2022, APÊNDICE E, RESPOSTA 36).

É o feminino ocupando a cidade, a cidade que é o mundo público, o mundo do homem. É uma tatuagem que vai indicar uma transgressão na epiderme da cidade, a pixação que no mínimo é uma queixa, mas é uma denúncia, é uma revolução tranquila, pois "A pichação aparece como uma das formas mais suaves de dar vazão ao descontentamento e à falta de expectativas" (GITAHY, 1999, p. 24) assim refletimos então que essa revolta tranquila oculta uma violência anterior, é uma resposta.

No tópico anterior fizemos alusão a propriedade privada, característica do patriarcado, e aqui ao tomar a cidade como pele tatuada, de certo modo é como se reivindicássemos uma reflexão em torno do que foi o matriarcado, uma crítica à propriedade privada que gira em torno do homem. Na teoria marxista que compreende a cidade como mercadoria, os imóveis são negociados enquanto mercadorias, pois possuem valor de troca, diferente de um feudo na Idade Média que não possuía este valor. O senhor feudal tomou para si a terra e a defendia no braço. A espacialidade capitalista dispensa que as pessoas possuidoras de imóveis tomem conta fisicamente dos seus imóveis porque o aparato jurídico provido pelo Estado garante a manutenção da propriedade privada.

Ramos (1994, p. 47) destaca que a contestação por meio da pixação "se dá aos valores históricos, econômicos, sociais e culturais da cidade; e, por isso, a preferência pelos monumentos, instituições bancárias e espaços culturais, como teatros, museus, escolas, igrejas e prédios recém-restaurados, lugares hipervalorizados e sacralizados." Essa observação sobre o ato de contestação por meio da pixação acontece em vários grupos, certamente, pixar edificações importantes para a cidade é sem dúvida uma forma de chamar a atenção para os problemas sociais como a exclusão social. Porém, verificamos que as pixações estudadas

nesta pesquisa contestam de um outro modo. Observamos que com o grupo específico estudado, os espaços escolhidos para a pixação não são necessariamente os valorizados em termos de patrimônio, os espaços eleitos são, sobretudo, os de grande fluxo de pessoas, como avenidas, ruas principais, ruas de acesso ao centro da cidade, como também nas ruas próximas às suas residências e no trajeto cotidiano delas.

A pixadora JC diz que "eu pixo muito mais as áreas que eu já morei, eu morei em três casas aqui em Aracaju, enquanto pixava, antes disso, outras, três bairros diferentes. [...] E acaba sendo uma área que eu peso mais, uma área que eu considero mais minha, mas, obviamente, qualquer pessoa pode pixar. Não é sobre território, né." (2021, APÊNDICE D, RESPOSTA 21).

A pixadora BB relata que,

> [...] o pixo é, com certeza assim, uma briga por um espaço. Muitas vezes, o espaço público das pessoas irem lá e falar: 'olha só, eu existo e vou fazer isso aqui no seu muro', para além das periferias. O meu pixo, e aí eu posso falar por mim, é que não surgiu assim, é isso que eu tava te falando, eu fiz no sentido de protesto. Era protesto. E eu acho que sempre foi. Tanto que eu já fazia umas frases de protesto em alguns lugares antes de fazer a 'bucetalada'. [...] tem também o lance do espaço, do feminismo. (2021, APÊNDICE C, RESPOSTA 26).

E a pixadora X diz que o pixo para ela

> É uma forma de expurgar, é uma forma de mostrar que eu tô na cidade, que eu sou visível, que aquele território também é meu no final das contas, acaba sendo um pouco disso com certeza, mas acaba sendo um pouco também de, às vezes até esperança em alguns dias, de um incentivo, uma chavinha que vira no meu dia, porque eu olho muito pras ruas, é muito bom ver a presença de outras mulheres e seus contextos, seus diversos contextos que variam de acordo com o pixo, mas como eu posso dizer? De que além de ver elas, mostrar pra elas que eu também tô ali. Isso também me fez criar outras relações onde eu fui compreendendo inclusive algumas das raivas: contra tudo, como a mulher é vista na rua, como a gente se sente na rua, como as pessoas nos veem, mas também como não nos veem. Acho que o pixo em geral, seja de conteúdo feminista ou não, ele é sobre as pessoas quererem ser vistas e poderem ocupar lugares que elas não podem habitar por questões socioeconômicas [...]. (2022, APÊNDICE E, RESPOSTA 36)

As pixadoras tem um modo particular de lidarem com a pixação, querem que seus pixos sejam lidos e compreendidos, diferentes de outras práticas da pixação, elas não disputam territórios nem se comunicam de modo cifrado com outras pixadoras, pixadores ou *crew*. Elas destacam a necessidade de se comunicar com outras mulheres, de se fazerem

presentes nas ruas da cidade. Conforme mencionamos, o espaço urbano historicamente foi negado para as mulheres e na contemporaneidade essa violência ainda é bastante presente.

Sobre a relação hostil das cidades com as pessoas, Erna Barros na sua tese: *'Uma cidade muda não muda': Mulheres, Graffitis e Espaços Urbanos Hostis* aborda que "a cidade como espaço de troca, encontros e afetos dá lugar a uma cidade com nuances belicosas, onde são construídas verdadeiras trincheiras que determinam um cotidiano alheio às pessoas e aos usos que elas poderiam fazer de seus espaços." (2020, p. 115), nesse sentido, há muitas cidades que possuem arquitetura e mobiliário urbano que agridem a população ao invés de integrá-la e mesmo possibilitar acesso. Entendemos que a pixação se contrapõe à hostilidade das cidades, num processo de humanização dos espaços e construção estética coletiva e democrática.

Ramos ressalta que *graffitis* e pixações "possibilitam percebermos uma nova epistemologia para a cidade e para a arte, não mais vista e pensada a partir de um ponto de fuga Renascentista ou eurocentrista, mas fractal, participativa e ativista." (2007, p. 1269). Essa ação que é realizada no corpo da cidade evidencia um processo de recuperar a cidade como espaço da cultura, mas como aponta Ramos (2007, p. 1269) "da cultura não só dos dominantes, mas do povo, dos que nela vivem e trabalham."

3.2. Pixações como Paisagens Alternativas em Aracaju

Segundo pesquisa publicada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, a população de Sergipe contabiliza 2.338.474 habitantes em 2021, a informação é de que Aracaju é a capital nordestina que cresce em ritmo mais acelerado. Os dados foram divulgados no dia 27 de agosto de 2021, no site do Instituto. "Até 1º de julho de 2021, Sergipe é o estado nordestino de menor população (2.338.474 milhões de habitantes), mas é o que cresce em ritmo mais acelerado na região Nordeste (0,85%)". (IBGE, 2021). Aracaju começa a constituir-se como uma metrópole e apresenta também os problemas que advém disso, por exemplo, ainda no IBGE na Pesquisa de Orçamentos Familiares 2017-2018 referente ao tema "Análise da Segurança Alimentar", utilizando como parâmetro a Escala Brasileira de Medida Direta e Domiciliar da Insegurança Alimentar - EBIA, em Sergipe, 40 mil domicílios se

enquadram na situação mais crítica da escala, isto é, de insegurança alimentar grave. Ainda segundo o IBGE (IBGE, 2021), a insegurança alimentar grave é caracterizada como uma redução na quantidade de alimentos de adultos e crianças. Uma grande desigualdade social na população de Aracaju, tem origens históricas.

O antigo povoado de pescadores chamado Santo Antônio do Aracaju, às margens do rio Sergipe, dá origem, em 1855, à cidade de Aracaju, destinada então a "tornar-se entreposto comercial, combinando as funções políticas e econômicas" (NUNES, 2005, p. 164). O projeto da nova capital foi idealizado por Inácio Joaquim Barbosa, à época presidente da província, e desenvolvido pelo engenheiro militar Sebastião José Basílio Pirro, conforme a tendência dos traçados urbanos de então, posteriormente o traçado inicial da cidade ficou conhecido como "tabuleiro de xadrez" (DINIZ, 2009, p. 74) ou "quadrado de Pirro".

Seguiu ao estabelecimento da cidade um Código de Posturas, implementado em 1856, que normatizava as construções dentro do "tabuleiro de xadrez", foram proibidas as construções de palha e as casas deveriam ser caiadas duas vezes por ano, afastando assim as pessoas de baixa renda que ficaram fora da área planejada da cidade (FRANÇA, 2014, p. 30). Desse modo, Aracaju cria um dispositivo de segregação socioespacial que marca sua paisagem cultural até os dias de hoje. Por paisagem cultural compreendemos, conforme Corrêa (1995, p. 5), "um conjunto de formas materiais dispostas e articuladas entre si no espaço como os campos, as cercas vivas, os caminhos, a casa, a igreja, entre outras, com seus estilos e cores, resultantes da ação transformadora do homem sobre a natureza."

Cosgrove, *in* por Corrêa (1995, p. 5), aponta que a paisagem geográfica "contém um significado simbólico, porque é produto da apropriação e transformação da natureza" e as divide em dois tipos: paisagem da cultura dominante e paisagens alternativas. A paisagem dominante se caracteriza pelo poder exercido pelas classes dominantes sobre as demais na medida em que a molda a partir da sua própria experiência e a comunica como "reflexo verdadeiro da realidade de todos" (COSGROVE *in* CORRÊA, 1995, pp. 5-6). E neste sentido, as áreas ocupadas pelas populações de maior poder aquisitivo e as centrais da cidade de Aracaju servem como exemplo, são as áreas de maior visibilidade.

As paisagens alternativas, do contrário, se caracterizam por uma menor visibilidade pois são realizadas por grupos não-dominantes, Cosgrove as divide em 3 subtipos: paisagens residuais, paisagens emergentes e paisagens excluídas (COSGROVE *in* CORRÊA, 1995, pp.

5-6). As paisagens alternativas residuais se caracterizam por possibilitar "a reconstrução da geografia do passado", disso servem como exemplo, algumas ruas localizadas em bairros de menor poder aquisitivo que podem ser significadas a partir de um imaginário que nos reportam às antigas cidades do interior (COSGROVE *in* CORRÊA, 1995, p. 6).

Já as paisagens emergentes se caracterizam pela transitoriedade uma vez que são realizadas por grupos sociais que reivindicam novas formas de organização social e, neste sentido, assumem um caráter utópico (COSGROVE *in* CORRÊA, 1995, p. 6). Identificamos, como exemplo, a ocupação do MST na sede do INCRA/SE em março de 2017, conforme a matéria: Sem Terra ocupam Superintendência do Incra em Sergipe, de Luiz Fernando, publicada no site do MST.

Assim, as paisagens excluídas se caracterizam por uma rica simbologia que por vezes não são consideradas pelas classes dominantes. São realizadas por grupos marginalizados socialmente (COSGROVE *in* CORRÊA, 1995, p. 6). A exemplo disso, exemplificamos com as pixações de aspectos feministas nas áreas centrais da cidade de Aracaju. Entre 2019 e 2020 realizamos um mapeamento fotográfico de pixações em quatro bairros da cidade de Aracaju: Centro, São José, Salgado Filho e Grageru. Foram identificadas onze pixações (FIGURA 9) que apresentam aspectos ou mesmo mensagens feministas: *O corpo é meu*, *Fiq atenta*, *Fé nas mina*, *#Ele não!*, *Cangaceiras Crew*, *bucetalada*, *buceta*, *buceta ...*, *xibiuti* e *Juno*, das quais seis compõem o *corpus* de estudo deste trabalho como já mencionamos. Entendemos que tais intervenções na paisagem da cidade apresentam debates que fazem alusão as questões defendidas pelos movimentos feministas.

Figura 9: Mapeamento das pichações com aspectos feministas, Aracaju.

Fonte: Elaboração própria a partir do mapa de Aracaju disponível em: https://mapas.guiamais.com.br/aracaju-se, acesso em: 18 fev. 2021. Acervo da pesquisa.

Com a palavra de ordem "O corpo é meu" (FIGURA 10), o estêncil expõe o debate sobre o corpo das mulheres que sofrem tantas agressões e violências físicas, morais e psicológicas, como também evidencia ainda a luta pela legalização do aborto.

Sobre a submissão do corpo da mulher, Coelho (2017) entende que ele foi

> Domesticado por uma infinidade de dispositivos do poder, o corpo feminino resiste de diversas formas aos mecanismos construídos socialmente para mantê-lo sob a pressão das imposições cotidianas. Em relação contínua com o espaço, estes corpos constituem um espaço social que são lugares de acirrada disputa de poder entre domínio público e privado.

Ela relaciona que a cidade vai se configurar como um organismo dinâmico e complexo que marginaliza grupos e minorias sociais, ou seja, o espaço urbano evidencia essa marginalização e, sendo assim, a relação contínua entre espaço, ordem social e dinâmicas de controle dos corpos. É justamente questionando essa dinâmica de controle sobre o corpo feminino que esta pixação protesta, composta por um desenho estilizado de um corpo feminino que tem a inscrição “O corpo é meu!” escrito no tronco da figura. Infelizmente não conseguimos identificar a pessoa que realizou essa pixação.

Figura 10: Estêncil “O corpo é meu”, 2019. Rua João Pessoa, Centro.

Fonte: Acervo pessoal.

Já na pixação "Fiq atenta!" (FIGURA 11), de forma mais efetiva as questões de violência com o feminino são evidenciadas. A frase pode funcionar como um conselho ou como um aviso para que as mulheres tomem cuidado naquele trajeto, pode ser ainda entendida como uma afirmação imperativa para que as mulheres fiquem atentas ao que ocorre na rua ou mesmo em suas vidas. O pixo é escrito em letras maiúsculas, tem a palavra reduzida para "Fiq", a vocalização já trás o sentido da palavra, a forma da escrita é rápida.

Figura 11: Pixo "Fiq atenta!", 2019. Rua Pedro Paes Mendonça, Salgado Filho.

Fonte: Acervo pessoal.

Outro pixo identificado com aspetos feministas é o "Fé nas mina" (FIGURA 12), que caracteriza um sentimento de sororidade e fortalecimento da condição feminina. A pixadora X comentou que talvez pudesse ter sido feito por um homem trans. (2022, APÊNDICE E, RESPOSTAS 18-19). Isso revela a potência desse pixo, uma mensagem importante para as mulheres. O pixo rebate o descrédito atribuído às mulheres.

Figura 12: Pixo *Fé nas mina*, 2019. Praça Camerino, Centro.

Fonte: Acervo pessoal.

O estêncil *#Ele não!* (FIGURA 13), marca um momento político muito importante na história recente do Brasil, um grande movimento de mulheres contra a campanha eleitoral do presidente Bolsonaro em 2018. Ele foi aplicado no pedestal do monumento em homenagem a Tancredo Neves, em frente à Assembleia Legislativa do Estado de Sergipe, situada na praça Olímpio Campos, importante espaço da política sergipana. O monumento traz a seguinte inscrição: "Guardião da liberdade de pensamento na luta pela democracia brasileira - 1985". É sintomático o pixo ter sido colocado nesse contexto.

Figura 13: Pixo "#Ele não!", 2019. Trav. José de Faro, Centro.

Fonte: Acervo pessoal.

A pixação "Cangaceiras Crew" (FIGURA 14) é a assinatura de um coletivo de pixadoras, a assinatura é acompanhada de um *graffiti* com um rosto. Não conseguimos contatar o coletivo. Mas o nome indica vínculo com a cultura regional e que representa a força da mulher no nordeste.

Figura 14: Pixo “Cangaceiras Crew”, 2020. Rua Pedro Paes Mendonça, Salgado Filho.

Fonte: Acervo pessoal.

As demais pixações fazem parte do nosso *corpus*, pois conseguimos identificar e as pixadoras que consentiram em participar desta pesquisa. Os pixos serão abordados e interpretados à luz do conceito de ato de resistência de Chaui (2021a) e de marxismo feminista de Leite (2020). No percurso de esquadrinhamento das pixações de aspectos feministas nas ruas de Aracaju, muitas outras pixações foram identificadas, porém após análise, elegemos estes exemplares que entendemos tratar de pixações que provocam possibilidades de leitura de mensagens ligadas às questões feministas. Essas pixações possuem características distintas das que predominam em Aracaju, relacionam-se a ação crítica e política voltadas à comunicação com um público maior, pois são escritas de forma legível. Não encontramos nenhuma classificação que abarque tais pixações de aspectos feministas. Há sim grandes contrapontos com as pixações desenvolvidas em sua grande

maioria por homens, como as descritas no livro *Um rolê pela cidade de riscos – leituras da piXação em São Paulo*, de Pereira (2018). Porém em pesquisas como a de Soares (2018) que abordam as pixações vinculadas ao debate político da ditadura civil-militar no Brasil, encontramos indícios de características que podem ser relacionadas às pixações de cunho feminista.

No mapeamento, exposto anteriormente, percebemos que as pixações em questão se encontram em locais onde a paisagem dominante predomina, pois são constituídos por praças, ruas e avenidas arborizadas, casarões dos séculos 19 e 20, que atualmente servem como residências, estabelecimentos comerciais ou repartições públicas, além de condomínios verticais, residenciais e comerciais, dentro do quadrado de Pirro, símbolo da classe dominante. Do contrário, compreendemos que as pixações estudadas, apesar de não serem adensadas, afetam a paisagem dominante e, ao serem observadas quando se transita por aquelas vias, a frequência delas constitui o que Cosgrove define como paisagens alternativas excluídas, pois enquanto materialidade dependem do "muro alheio" e suas mensagens apontam para um grupo social negado em seus direitos.

A ação das pixadoras representa uma resistência ao discurso patriarcal quando marca nos muros da cidade textos que denunciam injustiças, segregações e violências contra as mulheres. A despeito da criminalização do ato de pixar, observamos o caráter subversivo das pixadoras que insistem em construir um espaço de diálogo a partir da interferência na paisagem da cidade que é, não raro, determinada pela cultura dominante.

Ressaltamos a importância dos aportes da Geografia Cultural na compreensão do fenômeno da pixação na paisagem da cidade de Aracaju. O conceito de paisagens alternativas ampliou nossa compreensão acerca das pixações de aspectos feministas. Sendo assim, é possível afirmar que a pixação de aspectos feministas afeta a paisagem dominante e se configura como uma paisagem alternativa excluída, pois é realizada por grupos subjugados socialmente. o espaço em cinza claro no mapa (FIGURA 9) demarca essa paisagem. Para Andrei Isnardis (ISNARDIS *in* JORGE, 2002) quando se pixa se "está desafiando valores importantes, um deles é a propriedade, e com isso eles conseguem fazer uma intervenção na paisagem da cidade com uma potência que ninguém mais faz, a não ser quem tem muito poder econômico."

4. AS MENSAGENS SIMBÓLICAS NAS PIXAÇÕES - O CORPO COMO RESISTÊNCIA

O excessivo amor pela lisura dos muros, a sacralização que faz da pixação demônio, revela enquanto esconde uma estética da fachada.

Márcia Tiburi

4.1. O simbólico e a diversidade do aspecto

Nesta seção procuramos associar as seis pixações na especificidade de suas formas, manifestações expressivas, na sua materialidade urbana dentro de seus contextos políticos e estéticos a partir dos estudos sobre os níveis da mensagem visual de Donis A. Dondis (1997) especificamente no nível simbólico e sobre a diversidade do aspecto em Adrian Frutiger (1999).

A mensagem visual pode ser expressada e entendida em três níveis segundo Dondis (1997), representacional, abstrato e simbólico. A autora ressalta que tais níveis se interligam e sobrepõem-se, porém que há possibilidades de distinções entre eles. O nível representacional envolve aquilo que visualizamos e podemos identificar no ambiente em que vivemos e segundo nossa experiência, o desenho, por exemplo, tende a ser realizado com bastante detalhamento de elementos do tema e o seu reconhecimento é bastante direto. Já no nível abstrato temos a redução do fenômeno visual em seus elementos básicos, de maneira densa, ressaltando de forma direta, emotiva ou mesmo de forma geral e abrangente "[...]uma manifestação visual reduzida à mínima informação representacional, mas também como abstração pura e desvinculada de qualquer relação com dados visuais conhecidos" (DONDIS, 1997, p. 95). São utilizados elementos visuais puros num processo dinâmico e livre de relação explícita com algo do ambiente natural. O nível simbólico envolve uma imensa variedade de sistemas de símbolos arbitrariamente codificados pela humanidade. O desenho de um símbolo não deve conter grande quantidade de detalhes e informação, mas pode manter algumas qualidades de um fenômeno real que simboliza. Para que a mensagem seja apreendida é necessário que as pessoas conheçam o acordo que determina seu significado, geralmente por meio da educação. Sendo assim, o símbolo deve ser simples e pode significar uma ideia, uma atividade, uma instituição, um grupo de pessoas, um país, além dos códigos de linguagens

como a verbal, gestual, musical, entre outras. Aqui entendemos que as seis pixações estão relacionadas ao nível simbólico.

Para realizar o estudo dos aspectos dos sinais e da escrita das pixações utilizaremos o apoio do estudo da diversidade do aspecto em Frutiger (1999, p. 71), que envolve a abordagem que ele faz sobre a relação entre o desenho e o material, como também em relação ao valor do espaço interno e do espaço intermediário nos sinais gráficos. No estudo sobre desenho e material relaciona os instrumentos ao tipo de marca ou inscrição que eles produzem, gerando assim um tipo de visualização do sinal que pode ser percebido de forma ótica e também tátil a depender do instrumento utilizado, como por exemplo, martelo e cinzel. Já o uso do pincel permite que os sinais sejam produzidos com maior rapidez, um fator decisivo para a comunicação. Os instrumentos que têm a capacidade de carregar tinta possibilitam o traçado dos sinais sem ter que levantar a mão, essa característica segundo Frutiger possibilitou-nos a escrita contínua.

A pixação é realizada com o uso de diversos recursos e estilos gráficos. Os estilos variam de pessoa para pessoa, de grupo para grupo e, ainda, de região para região. Não há consenso em torno de uma tipologia que possa caracterizar a diversidade de estilos, porém alguns estilos aparecem com a mesma nomenclatura em diversos trabalhos, como o "*tag* reto", típico de São Paulo e objeto de pesquisa de pesquisadores e pesquisadoras como, por exemplo, os estudos desenvolvidos pelo professor Andrei Isnardis Horta, da Universidade Federal de Minas Gerais, que entende a pixação como espaço de subjetivação (ISNARDIS in JORGE, 2002).

Os recursos mais comuns utilizados para executar uma pixação são: tintas *spray*, látex ou cal; pincel tipo marcador permanente; pincel e trincha comuns; rolo de tinta e *stencil*. Entre as seis pixações escolhidas para este estudo, observamos que todas são produzidas com o uso de tinta *spray*. A pixação realizada com tinta *spray* exige habilidade no trato com as letras e controle na vazão da tinta para definir a espessura do traço e efeitos de traço preciso ou esfumaçado, por exemplo. Já o *stencil* ou molde vazado, uma técnica antiga de gravura por permeação, exige habilidade de desenho e uso de estilete para o corte da matriz, que geralmente é de acetato ou papel cartão. Ambas as técnicas servem bem ao ato de pixar, pois são de rápida execução, condição comum para sua realização.

Para Fonseca (1981, p. 38), “O pichador sabe que tem de estruturar de maneira que leve em conta alguns parâmetros e limitações, para que a escritura funcione. Ele tem que prestar atenção na textura e rugosidade da parede, no tamanho das letras, na cor do *spray*.” Frutiger quando menciona o estudo dos instrumentos para a produção de sinais ressalta um detalhe importante, o aspecto da extremidade de um traço. Para ele uma simples linha determina um percurso com início e fim, quando essas extremidades não tem uma marcação final, o traço parece perder-se no vazio ou no infinito, o início e o fim do traço não ficam bem definidos. Nas escritas caligráficas podemos encontrar marcas desse início e fim com o uso das serifas, mas nas pixações aqui estudadas não foram utilizadas as serifas. Frutiger também menciona o uso do instrumento adequado, material disponível e a limitação temporal. Quanto ao valor do espaço interno e do espaço intermediário, ele menciona que ao lado do aspecto da qualidade do traço está o aspecto do espaço circunscrito. Ou seja, a importância do espaço em branco dentro dos sinais ou mesmo entre eles. Na produção de desenhos essa variação do espaço e do preenchido é um fator determinante para a expressividade criativa. Frutiger diz que “Muitas vezes, a beleza dos sinais é o resultado da luta entre a resistência do material e a ferramenta que supera essa dificuldade.” Para ele pode estar também na maestria do gesto de um pincel traçando um sinal num papel. Nesse sentido, a pixadora BB, aponta a necessidade de se aprimorar buscando informações e dicas com pessoas com mais experiência em pixação.

Lassala (2010, p. 93) ressalta que “fenômenos legítimos de manifestação social urbana” acabam servindo de “inspiração para reflexões visuais que podem e devem auxiliar na construção de novas formas de interpretações gráficas da condição em que vivemos”. Tais reflexões visuais, o que aqui entendemos como mensagens visuais das pixadoras em Aracaju reúnem aspectos que ora passamos a estudar mais especificamente.

4.2. Estudo dos pixos *buceta…, bucetalada* e *buceta (com asas)*

A pixadora BB, autora dos pixos *buceta…*, *bucetalada* e *buceta* (com asas), iniciou as pixações com a palavra *buceta* associando-a à palavra *alada*, separadas e acompanhadas por dois sinais: uma buceta com asas e o espelho de vênus, símbolo do feminino (FIGURA 17). Depois, criou o neologismo *bucetalada* com a junção daquelas palavras. Ambos

realizados apressadamente e sem a preocupação com o acabamento (FIGURA 16). Mais adiante, decide rever o aspecto gráfico do pixo e cria outro com a palavra *buceta* ladeada por asas (FIGURA 17) e, por fim, o pixo com a palavra *buceta* seguida por reticências (FIGURA 15). Esses pixos apresentam a palavra *buceta* grafada com "u", de uso corrente entre a população, contrastando com a forma prescrita pela gramática normativa com "o", cada vez mais raro. Nesse sentido, o pixo *buceta* assume um caráter de resistência popular, pois "a força da pronúncia popular predomina sobre 'boceta', a forma acadêmica e culta" (NAVARRO, 2013, p. 41). A seguir, apresentamos os estudos sobre os pixos da pixadora BB.

Temos em *buceta... buceta é mulher somando na rua* (FIGURA 15) a ênfase no termo *buceta*, esse grafado com reticências evidencia o órgão que representa uma das possibilidades do ser feminino, para a pixadora BB, no pixo *buceta*..."Pode ser reticências, tipo você tá dizendo ou mais coisas. Mas, pode ser só uma firula." (2021, APÊNDICE C, RESPOSTA 23). O colorido e as curvas das palavras tornam o pixo mais dinâmico e esteticamente mais agradável. A pixadora declarou que em algum momento ela passa a se preocupar com a forma e a estética dos pixos e assim procura fazer uma letra com um visual mais trabalhado.

Figura 15: Pixos *buceta...* e *buceta é mulher somando na rua*.

Fonte: Acervo pessoal.

A frase que acompanha, *buceta é mulher somando na rua*, chama atenção para a insurgência das mulheres, que enfrentam a exigência social da pureza e decência e que, em caso contrário, são tachadas, muitas vezes, de vadias ou putas. A frase ressalta a necessidade de união e gera uma sentido de sororidade ao ser lida por outras mulheres que transitam pelo ambiente urbano.

O termo "buceta", considerado obsceno, e portanto, transgressor, é pouco usual nas paredes, isso o torna inusitado e pode gerar riso, porém é percebido, sobretudo, como uma agressão. A pixadora BB relata que,

> a *tag* da 'buceta', ela surgiu numa discussão dessas assim. Eu estava conversando com umas amigas, inclusive que Juno estava, a gente estava conversando, e a gente **estava falando como a gente se sentia mal quando a gente via desenho de 'pinto'**, de pênis, desenhado no banheiro feminino, nas carteiras do colégio, e eu fiquei me questionando né, que loucura, sempre, é como se o pênis fosse atrelado a essa **masculinidade extremamente agressiva**, que sempre colocou a gente, é só um símbolo, mas **que sempre colocou a gente num lugar de se sentir mal, violada de alguma forma.** Então, eu acho que foi por isso que surgiu, a gente nunca via 'buceta' desenhada nos lugares. Eu pensei, aí deu o estalo. Eu fiquei: 'velho, vou fazer uma bucetalada, vou fazer'. E comecei a fazer, porque a buceta é algo feio, é algo sujo, é algo que os moralistas odeiam. E, eu perco as contas de quantas vezes eu passei pixei, e no outro dia estava apagado. E isso não acontece com as outras pixações. Isso me fez mais encucada ainda e aí foi o momento que eu comecei a fazer mais, fazer mais, fazer muito. Saía, às vezes, de madrugada, de bicicleta pra fazer rolê na rua. Acompanhada, às vezes sozinha. Por esse incômodo. (2021, APÊNDICE C, RESPOSTA 20, grifo nosso).

Sobre o *insight* com a *tag buceta* a pixadora BB diz ainda que

> Surgiu dessa inquietação das pessoas falarem que se sentiam mal quando viam uma rola, um pinto desenhado. E aí eu tive vontade de, tá, então, se é tão incômodo pra gente, **então eles vão se incomodar agora, porque eu vou fazer nos muros da cidade uma buceta**, e vocês vão se incomodar do mesmo jeito que eu me incomodei. (2021, APÊNDICE C, REPOSTA 21).

Estes depoimentos sobre o motivo pelo qual a pixadora BB decidiu fazer seus pixos evidenciam a manutenção do sistema patriarcal, onde tudo que é masculino é valorizado, naturalizado e disseminado, em contrapartida ao arquétipo feminino. A operação que a pixadora BB realiza é de exposição e valorização do arquétipo feminino, apesar de poder ser lida como uma agressão e, de fato, o é, mas ao patriarcado.

O pixo *bucetalada* (FIGURA 16) é composto por desenho e palavra, o desenho apresenta uma simplificação da forma de uma vagina com a inclusão de asas. O sentido do desenho é completado pela palavra *bucetalada*. Entendemos como uma simplificação radical,

vinculando ao nível simbólico, conforme Dondis (1997, p. 91). Após termos lido a pixação, o sentido do desenho como sendo de uma vagina com asas fica estabelecido. Essa vulva que pode voar reforça o sentido de liberdade feminina. A letra manuscrita em minúscula, menos solene, torna o pixo mais próxima das pessoas.

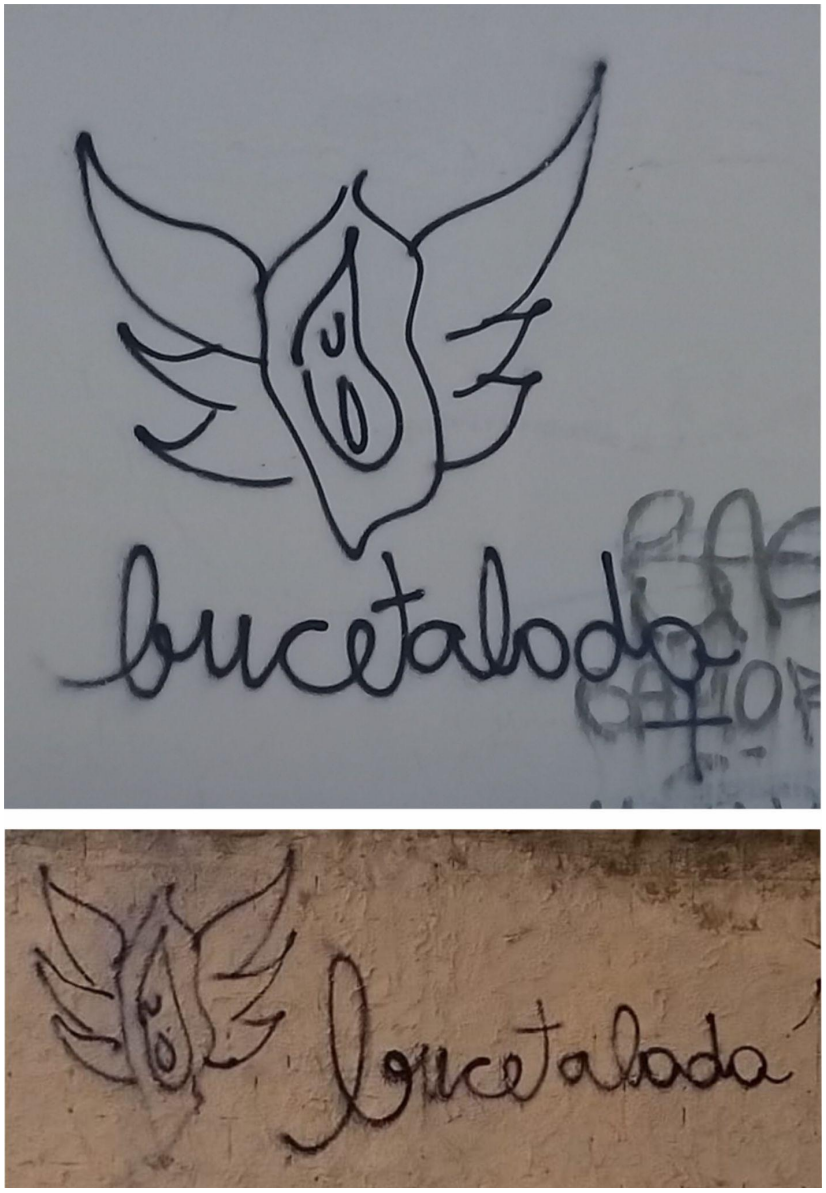
O pixo reivindica a autonomia sobre o corpo da mulher, milenarmente confinado ao ambiente privado e, no capitalismo, reduzido à reprodução. É uma convocação à liberdade para habitar os espaços, as ruas, escolher com quem se relacionar e tudo mais que a liberdade permite. Enquanto é tida como uma palavra obscena, é usada e se estabelece como a dialética da marginalidade[6] no jogo com a norma culta da língua portuguesa.

A inscrição pública de uma junção de um termo que é tido como palavrão com a palavra *alada*, *bucetalada* (FIGURA 16), é ressignificada pelo movimento feminista como uma palavra de ordem para a liberdade da mulher, assim como o termo *embucetada*, um adjetivo comum no nordeste, também utilizado pelas mulheres lésbicas em outras partes do país.

O pixo *bucetalada*, conforme o depoimento da pixadora BB, é o contraponto ao pênis, ao "caraio de asa", com humor e ironia, se reporta à liberdade e à autonomia do corpo feminino.

[6] Rocha em seu ensaio: A guerra de relatos no Brasil contemporâneo. Ou: "A Dialética da Marginalidade" publicado em 2006, apresenta a hipótese de que a "dialética da malandragem" está sendo desafiada pela "dialética da marginalidade", sendo essa última "fundada no princípio da superação das desigualdades sociais através do confronto direto em vez da conciliação, através da exposição da violência em vez de sua ocultação." (2006, p. 36). Assim, expor a violência, ao invés de ocultá-la é uma estrutura de discurso da nossa produção cultural recente, tal discurso não permanece sozinho, mas coexiste com a ordem da malandragem.

Figura 16: Pixos *bucetalada*.



Fonte: Acervo pessoal.

O *pixo buceta* com asas (FIGURA 17), também evidencia a luta pela liberdade da mulher em oposição aos valores patriarcais. Na figura 17 podemos ver uma evolução gráfica da pixação, comentada no início deste tópico. A partir de um desenho extremamente simplificado, com uso de linhas que não se fecham e, portanto, não indicam uma forma e de texto em maiúsculas, que atribuem menos dinâmica visual. Depois, texto e desenho serão fundidos, com texto em minúsculas, apresentando assim um aumento na dinâmica visual, como é possível ver na última versão apresentada na figura 17.

Figura 17: Pixos “buceta” com asas.

Fonte: Acervo pessoal.

A pixadora BB entende

> que pixo pra mim era protesto e era vômito, eu só queria botar ali, é tanto que eu não me prendia à estética, era uma parada estranha, que eu passava depois e dizia: ‘Meu deus! Que coisa estranha que ficou!’, assim as pessoas só vão realmente entender porque tem escrito embaixo, porque tá bem estranho. Eu não me importava com

> estética, com técnica, com qualidade do *spray*, nada, eu só queria saber de jogar ali a minha revolta de alguma forma, e era a forma mais imediata que tinha, porque a gente conversa, a gente discute em ambientes fechados, em coletivos e tal, mas na rua ela tá ali pra todo mundo que passa, ver. Então, eu acho que era a forma mais incisiva que eu teria de fazer aquilo, mas isso também só foi pensado depois, na hora a gente só vai e faz e depois é que a gente pensa, o real, o que isso realmente significava pra mim, porque isso surgiu, e foi dessa inquietação mesmo, dessa revolta, dessa vontade só de fazer alguma coisa sobre, sabe? Um ímpeto assim, que dá e você faz, e depois você pensa. (2021, APÊNDICE C, RESPOSTA 42).

A pixadora apresenta uma reação à intensa agressividade com a qual as mulheres são tratadas e sua necessidade de dar vazão à revolta que essa agressividade lhe causa. As três pixações demarcam o uso do termo *buceta*, a ênfase no corpo feminino como principal bandeira para a libertação e disseminação de algo que deveria ser visto com naturalidade e afeto, é totalmente depreciado e atacado. Segundo pesquisa realizada pelo IPEC - Inteligência em Pesquisa e Consultoria em 2021,

> 15% das brasileiras com 16 anos ou mais relataram ter experimentado algum tipo de violência psicológica, física ou sexual perpetrada por parentes ou companheiro/ex-companheiro íntimo durante a pandemia, o equivalente a 13,4 milhões de brasileiras. Isso significa dizer que, a cada minuto do último ano, 25 mulheres foram ofendidas, agredidas física e/ou sexualmente ou ameaçadas no Brasil.

Ainda segundo estatística do Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2022, houve um crescimento da violência contra a mulher em 2022.

Quando perguntamos a pixadora BB sobre a importância da pixação ela nos diz que valeu pela “troca mesmo, de conhecer pessoas, de tá fazendo uma coisa e de amadurecer também, de entender o porquê que a gente fazia e o porquê que a gente não faz, e de pensar e de ressignificar, e de pensar outras coisas. Acho que de ampliar mesmo assim as narrativas, a forma crítica mesmo de pensar o espaço urbano.” (2021, APÊNDICE C, RESPOSTA 43).

A opressão do patriarcado sobre as mulheres é um aspecto recorrente nas falas das pixadoras entrevistadas. Interessante observar a reação delas a essas opressões. Transcrevemos a seguir os questionamentos da pixadora BB.

> Então, eu acho que ser mulher é uma coisa que a gente aprende várias coisas no decorrer da nossa vida. (...). E, eu fui uma pessoa que sempre me questionava o porquê de eu estar fazendo, desde criança sabe, que eu não queria, sei lá, brincar de boneca, sabe? Eu queria brincar de boneco e de corrida com os meninos, e de bolinha de gude, eu não queria pular corda, eu queria jogar futebol. Então, é um lugar que sempre eu fiquei me questionando o porquê de eu não estar nesses lugares, e eu acho que minha vida toda ela se baseou nisso, sabe? De tentar não seguir um

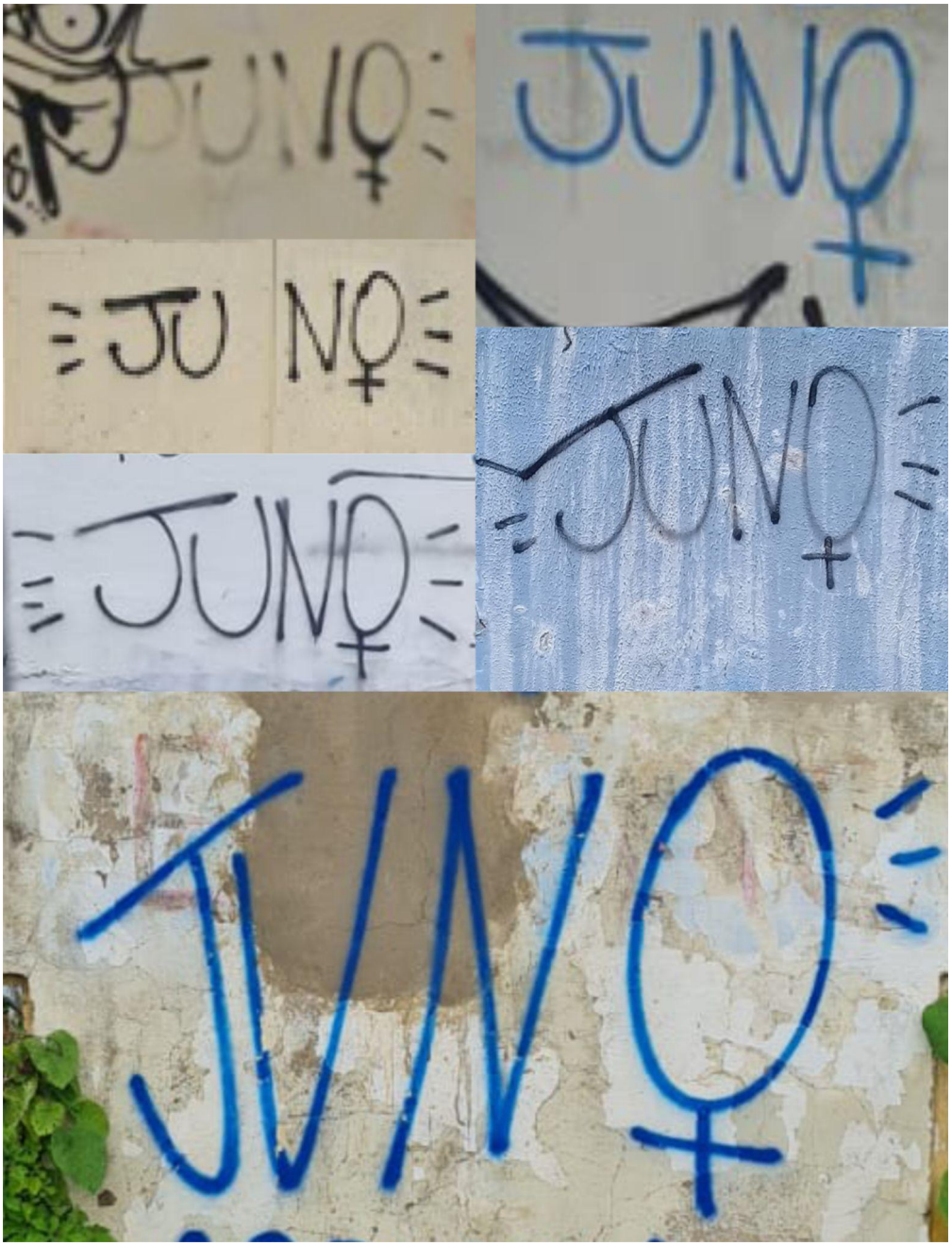
> padrão, mas não consciente, sabe? Era somente inconsciente, por não gostar dessa atribuição das mulheres. O que é de mulher e o que é de homem. Mas, peraí, eu não posso ser uma mulher que gosta de 'coisas' de homem, entre aspas? Então, eu acho que foi uma coisa que percorreu minha vida inteira e aí, quando eu fui introduzida à arte de rua, ao feminismo, bem antes, né, assim, quando eu entrei na faculdade, principalmente, que teve assim, esse 'boom' da discussão mesmo, sobre feminismo, e tudo mais, coletivos feministas surgindo, na América Latina, no Brasil, enfim, no mundo inteiro. (PIXADORA BB, APÊNDICE C, 2021, RESPOSTA 20).

4.3. Estudo dos pixos *Juno* e *coragem*

A pixação *Juno* (FIGURA 18) entra numa categoria de pixação como uma assinatura, uma marca de identidade, espalhada por muitos pontos da cidade. A palavra *Juno* remete ao nome da deusa romana rainha dos deuses mulher de Júpiter, porém para a pixadora JC,

> O motivo de eu ter colocado [o símbolo] no Juno, é porque eu escolhi um nome, que apesar de ser um nome feminino, não é comum no Brasil, e acaba com 'O', e eu queria que as pessoas tivessem certeza, que era uma mulher que estava fazendo aquilo. Porque eu via Deza, eu via Jujuba, eu via Lari, Mari, e muito importante, forte de saber que tinha sido uma mulher que tinha feito. Então, eu queria que outras mulheres tivessem essa sensação ao me ver na rua. Às vezes, uma rua que você tá passando tarde da noite, você é uma mulher com medo, mas você vê que tem um pixo meu lá, que então você pensa, outra mulher passou por aqui, talvez num horário mais tarde que esse, e ela conseguiu, sabe, ela transitou. Então, foi intencional nesse sentido. Eu queria que soubessem que era uma mulher, e queria que as mulheres sentissem coragem ao ver. Então, foi muito fluído passar pra pixar coragem, que é um pixo comum em várias cidades, as pessoas pixam, é uma coisa comum, mas eu só queria continuar nessa ideia de coragem às mulheres, foi intencional e feliz, porque eu recebi muitos *feedbacks*, em relação ao coragem em específico, eu tinha um objetivo que foi alcançado e isso é muito legal. (2021, APÊNDICE D, RESPOSTA 25).

Figura 18: Pixos “Juno” em suas diversas expressões.



Fonte: Acervo pessoal.

O símbolo que remete ao espelho de Vênus (♀) e ao escudo de Marte (♂) foram criados pela alquimia e aludem à Vênus, a deusa do amor, associada com harmonia, beleza e empatia, e a Marte, que era o deus da guerra, associado com a força, agressão e impulsividade (BIROLINI, 2020). Os alquimistas retomaram os estudos gregos que associavam metais, planetas e deuses, assim Marte representava o ferro e Vênus o cobre, durante esse processo,

os nomes originais deram origem aos símbolos que conhecemos hoje (BIROLINI, 2020). Ainda segundo Birolini por muito tempo, esses símbolos permaneceram esquecidos até que, no século 18, o sueco Carolus Linnaeus, que criou o sistema moderno de nomeação de organismos, conhecido como o "pai da taxonomia moderna", passou a se referir às plantas de linhagem feminina com o símbolo ♀, às de linhagem masculina com ♂ e às híbridas com o Caduceu de Mercúrio. Assim, quando visualizamos o símbolo ♀ nas pixações, rapidamente o identificamos com um aspecto relacionado ao feminismo, pois ao longo do tempo foi utilizado pelas mulheres como uma valorização do poder feminino.

Na pixação identificamos também além do símbolo do feminino no lugar da letra "o", o uso das letras maiúsculas que atribuem maior peso visual, capacidade que os elementos visuais têm de chamar mais atenção, segundo Dondis (1994). A maiúscula é menos dinâmica que as letras minúsculas, pois normalmente elas têm a mesma altura, atribuindo à palavra estabilidade e monotonia. A pixadora JC minimiza esses efeitos ao colocar uma barra inclinada sobre a letra "J" e variar os tamanhos das hastes da letra "U", hastes são as linhas verticais das letras. Em outras variações do pixo, percebemos maior utilização de hastes inclinadas.

O uso de pequenos traços nas laterais da palavra *Juno*, podem funcionar como aspas, ou mesmo provocar efeito de brilho, luminescência ou mesmo para realçar a palavra.

Na figura 19 podemos ver outros exemplares do pixo *Juno* que são acompanhados de um desenho de um rosto estilizado de perfil, porém a pixadora não comentou sobre o desenho.

Figura 19: Pixos *Juno* com acréscimos de desenhos de cabeça.

Fonte: Acervo pessoal.

O pixo *coragem* (FIGURA 20) relaciona-se à noção do corpo em movimento, ênfase na ocupação da cidade, na luta pelo direito à cidade. A palavra é também grafada com o símbolo do feminino no lugar da letra "o", e muitas vezes está acompanhada da figura de um rosto estilizado. A mensagem do pixo *coragem!* apresenta uma ênfase no princípio da sororidade para àquelas pessoas abertas ou afetadas pelo contexto. Repetindo a frase da pixadora JC que com a pixação "Você se torna leitor de um novo tipo de literatura." (2021, APÊNDICE D, RESPOSTA 19).

O pixo *coragem!* em tinta branca no fundo azul, possui maior dinamismo em relação ao pixo *coragem!* feito em azul na parede descascada (FIGURA 20) pelo mesmo motivo que já comentamos quando abordamos o pixo *Juno*, com relação a variação do tamanho das letras a despeito de serem maiúsculas elas não têm o mesmo tamanho. As letras com tamanhos diferentes proporcionam uma silhueta mais dinâmica. O pixo *coragem!*, mais dinâmico, comunica mais enfaticamente o movimento da rua, coragem é uma afirmação imperativa que

indica ação, funciona como uma palavra de incentivo, de força positiva. Sobre o ato de pixar JC declara,

> Eu acho que, não sei, porque é foda pixar. Pixar, você pixa na madrugada, e você pixa nos melhores lugares pra ser assaltada. Você vai pixar num lugar escuro, que não tem ninguém passando, um lugar ótimo pra ser assaltada, talvez uma violência muito maior. Eu tenho medo dessas coisas, mas eu acho que, eu tenho mais medo da polícia do que de um estupro. É muito maluco. Eu acho que afeta bastante o meu trabalho, o que eu faço e por que eu faço, como também me dá vontade de continuar exatamente por isso, por todos os medos que me traz. (2021, APÊNDICE D, RESPOSTA 33).

Figura 20: Pixos *coragem!*.

Fonte: Acervo pessoal.

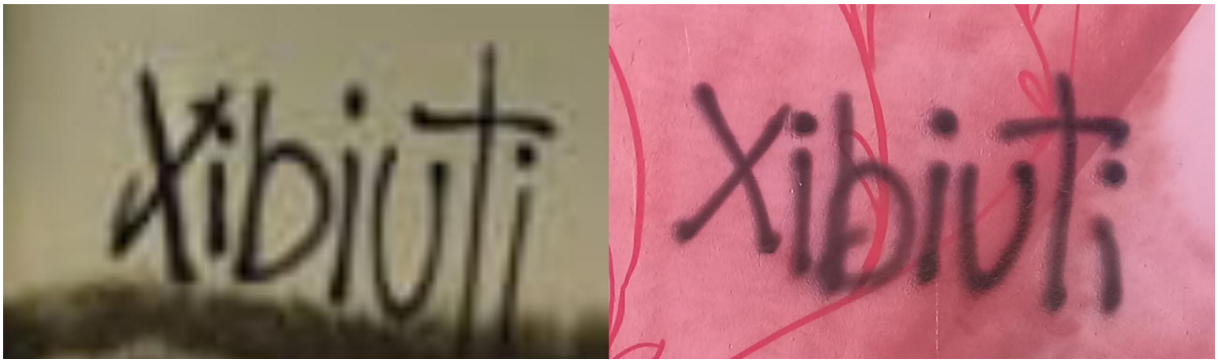
4.4. Estudo do pixo Xibiuti

Para Navarro (2013, p. 654) o termo xibio ou xibiu é o mesmo que vulva, boceta, bacorinha, prexeca, estes termos estão bastante vinculados a nossa cultura, nosso humor e sensualidade presentes nos modos de falar dos estados da região nordeste brasileira. O *pixo xibiuti* (FIGURA 21) nos chamou atenção pois parecia ter sido um termo criado a partir da junção de duas palavras, xibiu e *beauty,* um "neologismo" que reuni a designação popular de vulva com o termo beleza em inglês. E nossa compreensão inicial foi confirmada pelo depoimento da pixadora X,

> Não inventei "Xibiuti", "Xibiuti" veio até mim, porque sou nordestina, porque gosto muito das palavras do nordeste, xibiu, cabrunco, peste, enfim todas as essas gírias que são marcantes linguisticamente falando, então já tinha essa proximidade, nasci em Aracaju, mas sou do interior, então tem essa questão. Acaba que por um motivo que você vai compreender, né? É a tradução do *beautiful,* muitas pessoas me chamam de *beauti*, daí acabou que uma vez eu abreviei o *beauti* para biu em uma determinada rede social, daí uma pessoa chegou para mim e disse que tinha entendido o biu, daí eu perguntei, ué? Porque nessa época eu já pixava, já tinha começado a pixar. Só que poucas pessoas sabiam. Eu pixava "biuri", só que o que aconteceu, eu coloquei esse biu, não tenho foto dessa passada, daí eu pensei que essa pessoa tinha visto uma pixação, então pensei que ela tava sendo paia, porque ela tipo "Eu vi, viu?" Sabe? Tipo, porque que você não troca uma ideia abertamente, porque isso é posto dessa forma? Mas não era isso! Ela achou que era a abreviação de "xibiu". Daí dei gostosas risadas e daí aquilo ficou alí, né? [...] Quando fui fazer na hora lembrei do "xibiu", aí tem a forma de aportuguesar a tradução, daí não queria fazer o "xibiuri" com "r", eu pensei em fazer com a letra "t". Por de alguma forma eu me sentir presente e representada por um outro aspecto pela letra "t", tem uma outra coisa alí por trás, relação com o nome pessoal, resolvi por com "t" e saiu o "xibiuti". (2021, APÊNDICE E, RESPOSTA 42).

Ela relata ainda "que pessoas que pixam com uma seta, quando você vê pixos que eles têm uma seta, tipo tem um traço e ele foi lá e colocou um chapeuzinho. A chance de ser homem, hoje em dia eu compreendo que é de 99%, e aí vem todo o machismo intrínseco alí, falocentrismo e tal." (2021, APÊNDICE E, RESPOSTA 42).

Figura 21: Pixos “xibiuti”, 2020.



Fonte: Acervo pessoal.

A despreocupação com o desenho do grafismo ou das letras, num primeiro momento se deu pela necessidade de executar o pixo com rapidez, mas JC não tem uma preocupação com o traço, porque exercita o desenho rápido e é da natureza de seu processo, o trabalho com mais detalhamento ela faz em casa. Ramos (1994, p. 48) aborda que para as pessoas que pixam

> o resultado final estético não só é secundário, como chega, em alguns casos (como nos rabiscos e palavrões), a ser algo a ser desafiado; já que, como uma estética dissonante que busca o rabisco, o sujo, mais se transgride os padrões da cultura, e, logo, mais se chama a atenção sobre si e sobre o trabalho.

O pixo *xibiuti* se relaciona à beleza do corpo feminino, o xibiu bonito, com bom humor questiona a noção da vagina ser algo feio, sujo, que deve ser escondido. No ano de 1989 a banda Frutos Tropicais lançou o seu primeiro disco de vinil, nele foi gravada a música "Xibiu", de Jorge Humberto, Liminha e Geraldo Santos, conforme consta na foto do encarte do LP (VINIL RECORDS), a letra da canção trazia duplo sentido, nas apresentações da banda era comum a distribuição da bala de mesmo nome. No nordeste do Brasil o termo xibiu também significa vagina, a música logo tomou conotação sensualizada e foi muito tocada nas rádios até meados da década de 1990. A letra da música perguntava “Já chupou xibiu, chupei. Gostou do xibiu, gostei. É uma bala, quem provou não vai esquecer. É gostosa, é gostosa. Na boca vai derreter.” A pixação *xibiuti* é uma mensagem que se relaciona com uma manifestação bem humorada e bonita sobre o tema da vagina.

4.5. O corpo como símbolo

Neste tópico discorreremos sobre a relação das pixações que compõem esta pesquisa com o corpo. Iniciamos discutindo o corpo feminino e a atuação das pixadoras como artistas, depois sintetizamos o estudo das seis pixações enquanto mensagens visuais.

Compreendemos que todos os pixos apontam de diferentes modos para o corpo feminino. O primeiro grupo de pixos, realizado pela pixadora BB, e o terceiro, realizado pela pixadora X, apontam diretamente para o corpo. Esses pixos afirmam o corpo feminino justamente pela parte que, na passagem do matriarcado para o patriarcado e sua mudança de feição no capitalismo, foi um dos motivos principais para o confinamento da mulher no ambiente privado. Além dos argumentos apresentados anteriormente, destacamos uma passagem do confronto entre o pensamento de Silvia Federici (1982) e Roswitha Scholz, realizado por Leite (2020, p. 344), ao tratar da conversão do útero em máquina reprodutora de trabalho vivo, uma batalha da razão contra a natureza, Federici observa que "O que morreu foi o conceito do corpo como receptáculo de poderes mágicos que havia predominado no mundo medieval". A razão instrumental que alicerçou o capitalismo não poderia conviver com os corpos carregados de crenças e dotados de poderes sobrenaturais, foi preciso destruí-los, assim, Leite aponta outra observação de Federici

> A caça às bruxas aprofundou a divisão entre homens e mulheres, inculcou nos homens o medo do poder das mulheres e destruiu um universo de práticas, crenças e sujeitos sociais cuja existência era incompatível com a disciplina do trabalho capitalista, redefinindo assim os principais elementos da reprodução social (FEDERICI APUD LEITE, 2020, p. 345).

Nesse sentido, esses pixos estão ali, em algum muro, para evocar as contradições que cercam o orgão feminino no patriarcado, desde o apelo erótico do termo "buceta" e da alusão ao "xibiu" até a indignação misógina e moralista de tê-lo nos muros da cidade. Ainda em torno do termo "buceta", encontramos o termo "embucetar" com as acepções de misturar, confundir, como também acabar, **destruir**, além da significação de **ficar furiosa** (NAVARRO, 2013, p. 290, grifo nosso), daí o termo "embucetado" ou "embucetada" que além dessas acepções também inclui excelente, do caralho preto, de primeira qualidade (NAVARRO, 2013, p. 290). Essas acepções se relacionam também com os pixos realizados pela pixadora

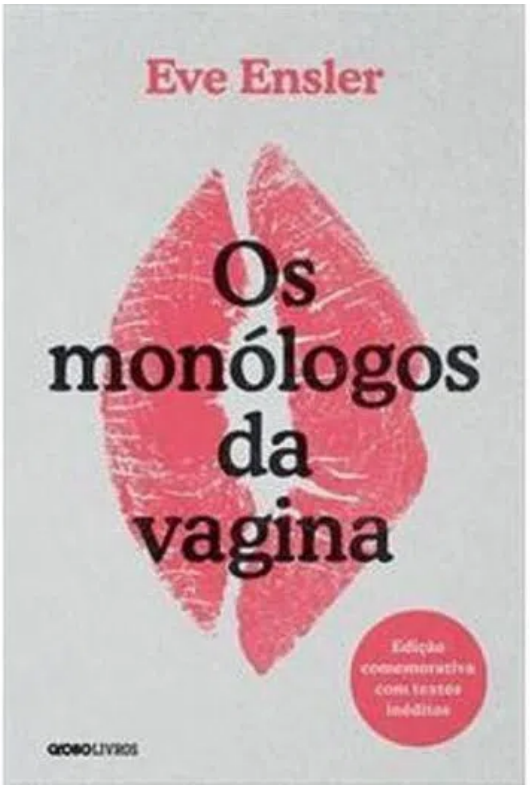
JC. Assim, os pixos *buceta, bucetalada, buceta…, xibiuti, Juno, coragem!* enfocam o corpo da mulher na pele da cidade marcada por relações assimétricas, nesse sentido, a mulher continua marginalizada. A pixação é um crime contra o patrimônio e o desvaloriza.

Quando as artistas estão enfaticamente envolvidas com questionamentos políticos o fazem com todo os seus corpos, como nas performances de arte contemporânea. O corpo como questão central da luta das mulheres, o corpo que foi confinado ao espaço doméstico desde o início do patriarcado, o corpo da mulher como posse do homem, como coisa, nesse sentido o corpo da mulher estava e ainda está a serviço do homem.

Por muito tempo a possibilidade de apenas falar sobre a vagina era impensada, tudo relacionado a vagina era tido como algo íntimo e que não deveria ser tratado com outras pessoas, só recentemente, em 1998, a urologista australiana Helen O'Connell descreveu a anatomia completa do clitóris (PLITT, 2021). Isso evidencia o quanto a mulher é desimportante no patriarcado, basta a procriação, o órgão que lhe dá prazer não interessa contar detalhadamente nos atlas de anatomia.

Na introdução da edição de 2018, de 20º aniversário, de *Os monólogos da vagina* (FIGURA 22), Eve Ensler, autora do livro, diz que "Tudo começa onde Os monólogos da vagina e tantos outros atos de resistência feminista radical começam - por meio da fala. Quando falamos sobre o que vemos. Quando nos recusamos a ser silenciadas." Entendemos que por meio de mensagens visuais também é um processo de luta contra o silenciamento. Ensler completa "Quando você rompe o silêncio, descobre quantas outras pessoas viviam esperando uma permissão para fazer o mesmo. Nós - todos os tipos de mulheres, cada uma de nós, e nossas vaginas - nunca mais seremos silenciadas." As pixadoras rompem radicalmente com o silenciamento imposto às mulheres, pixando suas vozes nos muros da cidade e provocando artisticamente a população.

Figura 22: Capa do livro *Os monólogos da vagina,* de Eve Ensler, 2018.



Fonte: https://www.amazon.com.br

As pixadoras não esperam que a crítica, curadoria ou outra instituição de arte legitime a pixação, elas a entendem enquanto afrontam a propriedade privada e entendem que a pixação é arte. Como podemos confirmar pelos depoimentos em entrevistas com as três participantes da pesquisa. Para a pixadora BB (2021, APÊNDICE B, RESPOSTA 37),

> [...]eu acho que sim é arte, é uma forma de linguagem também, um momento que você está querendo colocar algo ali e que tem todo um simbolismo, e que não é só uma palavra, ou uma *tag*, ou *bomb*, um *graffiti*, o que seja. Tem um simbolismo, algo que tá ali, que é dizer algo para além do que é visual. E também tem o estudo, o amadurecimento, eu diria sim que é arte.

Para a pixadora JC (2021, APÊNDICE C, RESPOSTA 39),

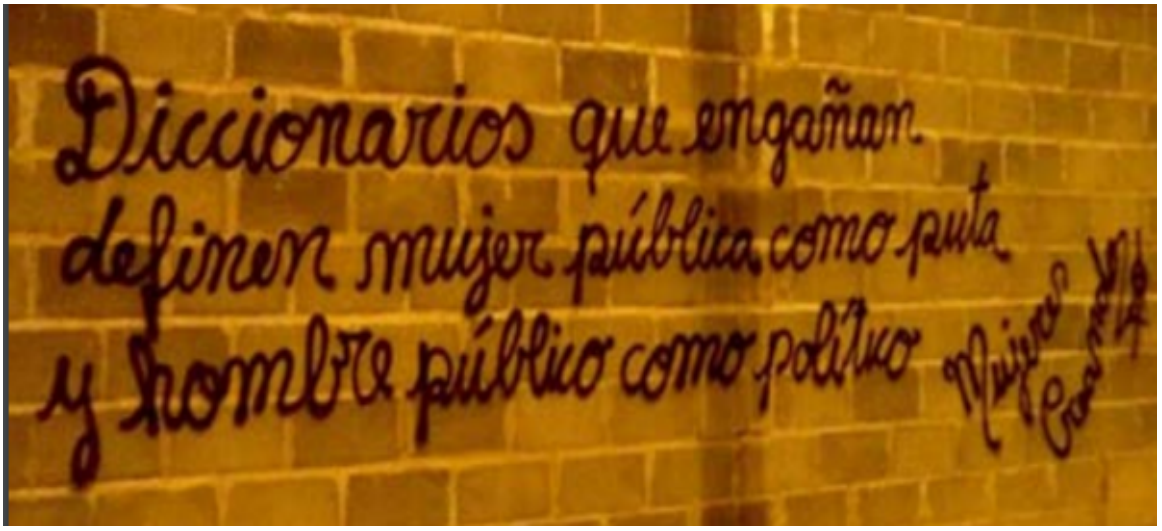
> Pra mim é estético. Mas nem pra todo mundo. Tem um documentário que discute isso muito bem, que se chama 'pixo', Um documentário feito em São Paulo, maravilhoso. Eu não tenho uma conclusão assim, real. Que eu diria: 'pixo é sim arte'; 'pixo não é arte'. Mas, eu considero. Talvez, porque eu tenho uma intimidade com a tinta e o que eu faço com tinta é arte, não sei. É um debate bem profundo

> essa, na real. Eu considero, mas eu… não tem nada que realmente demarque, tipo: ‘isso é arte’; ‘isso não é arte’. (2021, APÊNDICE D, RESPOSTA 39).

A pixadora X relata que “Não gosto muito de desenhar, gosto de escrever, mas no pixo, nessa escrita, no sentimento dessa escrita e tudo o mais, acabei criando uma relação e a forma como enxergo é justamente como um recorte de arte e cada dia mais entendendo as camadas e a profundidade disso.” (2022, APÊNDICE E, RESPOSTA 35).

Sendo assim, as três mulheres que participaram desta pesquisa entendem o pixo enquanto arte, enquanto processo de enfrentamento do sistema político, econômico, social e cultural. Nesse sentido, as pixadoras não buscam legitimação dos pixos como arte, elas promovem esse enfrentamento. Outras mulheres também envolvem-se com essa maneira de entender-se enquanto artista, a exemplo do coletivo *Mujeres Creando* (FIGURAS 23 e 24).

Figura 23: Pixo do coletivo Mujeres Creando, Bolívia, 2017.



Fonte: https://terradedireitos.org.br/acervo/artigos/do-lar-as-ruas-pixo-politica-e-mulheres/22448

Figura 24: Pixação do coletivo Mujeres Creando. Bolívia, 2017. *No se puede descolonizar sin despatriarcalizar.*

Fonte:http://www.youphil.com/fr/article/01414-des-feministes-graffeuses-secouentla-bolivie

No artigo escrito por Coelho (2017) ela ressalta que

> Dentre as minorias, marginalizadas e segregadas dentro do espaço da cidade, destacam-se as mulheres. Para esse grupo historicamente confinado ao espaço privado, o pixo possui um significado especial, uma vez que rompe com a espacialização a que se condiciona o gênero feminino, que passa a ocupar, através da arte, o espaço público das ruas. Na problematização sobre a dualidade público-privado, soma-se aos estereótipos de gênero vigentes associados às mulheres a divisão sexual do trabalho, que atribuiu às mulheres a dedicação prioritária à vida doméstica e colaborou para que a domesticidade feminina fosse qualificada como um traço natural e como um valor regulador para comportamentos desviantes.

Essa ocupação do espaço público através da arte de que trata Coelho é justamente a ação de resistência feminina que ressaltamos neste trabalho. Pois, como completa Coelho (2017),

> O engajamento feminino, embora variado e complexo, tem em comum um mesmo potencial disruptivo: romper com a dicotomia "mulheres privadas, homens públicos"—próprio da imposição ilegítima: público/político associado ao masculino e privado/apolítico associado ao feminino—e reivindicar um papel de agência nas arenas decisórias. A participação eleitoral das mulheres, a atuação em sindicatos e o protagonismo em manifestações são exemplos de engajamento feminino. A recusa

em aceitar determinada política e uma intervenção urbana também são. Porém, nem tudo que acontece no espaço público é considerado político, por isso optamos por dialogar com uma prática de resistência que, por ser contra-hegemônica, nem sempre é reconhecida como legítima: o pixo.

A ênfase no corpo feminino, é o recurso mais potente para a reivindicação da rua como espaço de comunicação. A pixação *Juno* foi encontrada em conjunto com outros pixos que em sua grande maioria são identificados como sendo de mulheres pixadoras (FIGURA 25). Elas foram citadas nas entrevistas como sendo pixadoras que já tem maior tempo de envolvimento com a pixação e o *graffiti* como é o caso de Deza, Buga, Reja, LivreMar, Lari e Jujuba. Os pixos *xibiuti* e *bucetalada* também são encontrados próximos a outros pixos e configuram a paisagem alternativa excluída como abordamos anteriormente. Essas mensagens visuais têm grande potência quando estão concentradas ou próximas umas das outras pois transmitem a força de um processo coletivo que ocupa a cidade.

Figura 25: Pixações em conjunto, 2020. Av Desembargador João Bosco de Andrade Lima, Atalaia.

Fonte: Acervo pessoal.

Como principais aspectos visuais das pixações identificamos aqui o uso do símbolo feminino, o uso de palavras que evidenciam o corpo feminino, o agrupamento das pixações das mulheres, os desenhos com simplificação radical, as letras manuscritas com curvas que se estendem, a influência da letra bastão e as letras manuscritas feitas apressadamente. Em síntese, como produção de sentido advindo dos nossos estudos das mensagens visuais, entendemos que em tais pixações o corpo feminino simbolizado é livre, é identificado, está em movimento, é belo, é alegre e é coletivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Relacionamos aqui junto aos estudos de pixação, o estudo do marxismo feminista, a noção de paisagem alternativa e o conceito de cultura popular como ato de resistência. Considerando a nossa questão norteadora: As pixações *bucetalada*, *buceta*, *buceta*..., *Juno*, *coragem!* e *xibiuti* constituem mensagens visuais de atos de resistência? Os estudos das mensagens visuais simbólicas das seis pixações correlacionadas aos depoimentos das pixadoras à luz dos fundamentos desta pesquisa, nos levam a entender que tais pixações constituem-se em atos de resistência, são pixações embucetadas, que revelam a indignação da situação da mulher. A pesquisa considera a pixação como de aspectos feministas na medida em que foi realizada por mulheres e suas mensagens são explicitamente voltadas às questões feministas.

Observamos a pixação como cultura popular, pois, a despeito das leis que a criminalizam, em favor da propriedade privada em detrimento da população despossuída, é uma forma legítima de denúncia e protesto contra as opressões impostas pelo patriarcado capitalista. Sobretudo, quando envolve as questões da mulher cujas pixações apontam para opressões milenares e arraigadas socialmente. A partir dos estudos de Célia Antonacci Ramos tomamos as pixações pela metáfora da pele tatuada da cidade, pois da mesma forma que a cidade exprime as contradições sociais em sua paisagem, o corpo feminino, em um sentido amplo, além de sua própria fisicalidade, também o faz. Nesse sentido, o pixo feminista é uma transgressão lúdica que cobre à cidade e desvela suas contradições cobertas pelo aparato "moralizante" das leis.

Os estudos de Celso Gitahy e Andrei Isnardis, dentre outros, nos deram um aporte necessário para verificarmos que o ato de pixar, em sentido amplo, acompanha a humanidade há muito tempo, desde a pré-história, vale ressaltar, conforme o documentário de Marcos Jorge. A pixação não escapa de possuir um viés fortemente político, conforme apontam Célia Antonacci Ramos e Thiago Nunes Soares, com esse entendimento observamos os pixos objeto de estudo desta pesquisa. Verificamos esse viés político nos depoimentos das pixadoras. Nesse sentido, apontamos o documentário de Bruna Noveli, que ao apresentar a produção de mulheres sergipanas na arte de rua, nos possibilitou observar a problemática das

mulheres, como a subordinação, a insegurança e a busca de soluções em um quadro mais amplo.

A compreensão da pixação como ato de resistência e cultura popular devemos às contribuições de Marilena Chaui. Desde os questionamentos em torno do termo "cultura popular" até a legitimação do pixo como ato de resistência. Chaui discorda da divisão cultural hegemônica que diferencia as chamadas cultura letrada-erudita e cultura popular. Para ela, essa divisão é tão somente ideológica e fruto da sociedade de classes. Outrossim, essa divisão é construída para o exercício da dominação e ocultamento das desigualdades, legitimadas por narrativas as quais afirmam-se a inferioridade das pessoas que realizam a cultura popular. Para Chaui a cultura, grosso modo, é uma só e em seu interior encontramos os elementos de resistência a ela mesma. Assim, a cultura popular, apresenta aspectos que a caracterizam como atos de resistência, especificamente, o ato difuso de resistência, caracterizado por Chaui pelo humor, anonimato e por estar na rua, que nos propiciou categorizar os pixos estudados nesta pesquisa.

Para Chaui, a cultura é um direito, em oposição ao privilégio e, nesse sentido, a luta por direitos é legítima e se manifesta nas expressões da cultura popular. Daí, termos um caminho para discutir a legitimidade daquelas pixações, pois onde tais direitos não existam nem estejam garantidos, tem-se o direito de lutar por eles e exigi-los. Assim, a compreensão da cultura popular como ato de resistência, evidencia a luta de classes e, portanto, a divisão assimétrica das riquezas produzidas em sociedade na qual a propriedade privada é seu ícone mais evidente. Daí, compreendermos o papel regulador e protetor do Estado que privilegia a classe proprietária. A partir dos depoimentos das pixadoras, compreendemos as pixações como ato de resistência, pois implicam em ações que incomodam ao se apropriar e ocupar a cidade, como voz da rua, como uma ação democrática contra a ideologia dominante, característica fundamental da cultura popular. A partir das falas das pixadoras BB, JC e X entendemos que a pixação pode ser uma ação de incomodar, de se apropriar e ocupar a cidade, como voz da rua, como essa ação democrática contra a ideologia.

Ressaltamos ainda que o contato, que essa pesquisa nos possibilitou, com essas mulheres, contribuiu de forma efetiva para que pudéssemos compreender o contexto e aspectos vinculados com a pixação em Aracaju. Bem como, as disciplinas e atividades do

mestrado em Culturas Populares que contribuíram com troca de saberes, referências e aportes teóricos para o desenvolvimento deste trabalho.

Decidimos pelo subsídio teórico do marxismo feminista por julgá-lo adequado às discussões estabelecidas no percurso da pesquisa, corroboradas pelos depoimentos das pixadoras. A partir do pensamento de Marilena Chaui, discutimos a divisão cultural como um elemento de opressão das classes subalternizadas nas quais a mulher sofre mais duramente essas opressões. Os relatos das pixadoras evidenciam o mal-estar cotidiano imposto às mulheres. Os estudos acerca do marxismo feminista a partir da pesquisa de Taylisi Leite nos propiciaram compreender, de modo aprofundado, as relações entre capitalismo e patriarcado como razão estrutural da opressão contra a mulher no mundo contemporâneo.

Desse modo, fizemos um recuo ao Neolítico para observarmos como a antropologia explica a gênese dessa opressão. Tomamos as considerações de Evelyn Reed e a crítica de Friedrich Engels à família, à propriedade privada e ao Estado. Com isso, percebemos que a opressão sofrida pelas mulheres teve início com o decaimento das comunidades matriarcais, nas quais as mulheres ocupavam um lugar central, e o início das apropriações da terra para a criação de animais. Engels de imediato estabelece um vínculo entre essas ocorrência e a necessidade de confinar a mulher no ambiente privado e destituí-la de qualquer poder, nomeadamente, do seu corpo. A capacidade reprodutora da mulher passa a ser regulada pelo interesse do homem. As pixações, objeto desta pesquisa, refletem essa apropriação do corpo feminino. Não à toa, todas as pixações se reportam ao corpo. Ao riscar "buceta" na parede atualiza-se o pleito milenar que reclama o direito sobre o próprio corpo.

Considerando, que a opressão da mulher surgiu a partir das apropriações, que em um longo percurso histórico, culminou no capitalismo, tomamos os estudos de Taylisi Leite para compreender as razões da continuidade da opressão contra as mulheres no capitalismo, mesmo que reconfiguradas. Percebemos, a partir desse aporte teórico, que o capitalismo é o próprio patriarcado, conforme o teorema de Roswitha Scholz, inovador ao apresentar que a forma-valor possui uma especificidade quanto ao gênero. Na gênese do capitalismo, as características arquetípicas masculinas foram associadas ao trabalho abstrato e, consequentemente, ao valor, ou seja, as características compreendidas socialmente como masculinas, como a coragem, a inteligência, a competição, a ferocidade, a capacidade de empreender e gerenciar etc. estão intimamente associadas ao valor e, portanto, o valor é

arquetipicamente masculino. Do contrário, as características arquetípicas associadas ao feminino como a gestação, o cuidado, o afeto, a delicadeza, o amor, a sensualidade etc. foram dissociadas do trabalho produtivo. Porém, Scholz, ao observar que sem as atividades femininas a humanidade não sobrevive, para que o trabalho seja realizado alguém tem que cuidar das crianças, do vestir, do alimentar e, portanto, para que o próprio trabalho se realize e dele se extraia o trabalho abstrato que enfim gerará o valor. Sendo assim, a atividade feminina considerada não trabalho, participa indiretamente do valor. Essa dissociação é entendida como valor-clivagem. Nesse sentido, a expropriação do trabalho é mais intensa que a percebida até então. A constituição do valor se dá a partir do trabalho produtivo, abstrato, masculino, e do trabalho feminino, à sombra. Assim, há um valor total gerado da forma-valor, arquetipicamente masculina, e do valor-clivado, arquetipicamente feminino.

O teorema de Scholz aponta para a necessidade de compreendermos as lutas sociais por equidade como anticapitalistas, pois o capitalismo se assenta na cisão de gênero e outras opressões históricas, de modo estrutural. A possibilidade de cessar as opressões no capitalismo é nula, pois sendo o capitalismo arquetipicamente masculino é ele o próprio patriarcado. Qualquer luta que desconsidere isso cai em uma inevitável ilusão. A partir dessas observações, compreendemos que, ao afrontar a propriedade privada, ao discutir as opressões de gênero, ao declarar o valor e a audácia da mulher como na pixações *juno* e *coragem!*, ao afirmar a liberdade da mulher como na pixação *bucetalada* e, humoradamente, elogiar a vagina como faz a pixação *xibiuti*, as pixações guardam uma potência anticapitalista que deve ser estimulada e aprofundada. Escrever nos muros tais mensagens se torna um ato de resistência pois materializa a reivindicação das mulheres pelo espaço público, e sua apropriação dos espaços públicos que vão além dos espaços privados.

Essas pixações, tatuadas na pele da cidade, definem uma paisagem geográfica a qual Denis Cosgrove denomina de paisagem alternativa excluída, pois caracteriza-se por uma rica simbologia que, por vezes, não são consideradas pelas classes dominantes e são realizadas por grupos marginalizados socialmente. Os estudos de Cosgrove enriqueceram nosso estudo acerca da relação entre as pixações e a cidade. Se tomarmos o viés acentuadamente político e contestatório das pixações, aqui estudadas, percebemos a impossibilidade de as pixações serem consideradas pela classe dominante. Considerando-se a cidade no capitalismo, cada imóvel está para um valor de troca e as pixações afetam este valor negativamente. Por isso, as

pixações estão associadas à paisagem alternativa excluída. Andrei Isnardis aponta que quando se pixa, desafia-se valores importantes e, com isso, pixadoras e pixadores conseguem fazer uma intervenção na paisagem da cidade de grande potência, comparada a dos grupos que têm poder econômico.

Os estudos sobre as mensagens simbólicas nas pixações a partir dos níveis da mensagem visual sistematizados por Donis A. Dondis, especificamente no nível simbólico e a diversidade do aspecto sistematizado por Adrian Frutiger, permitiram determinarmos mais precisamente o corpo como resistência. O conjunto das pixações estudadas nesta pesquisa apontam para o corpo da mulher e esse como espaço ativo de resistência. Sendo assim, consideramos a relação material na qual as pixações estão tecnicamente inseridas. É fato que o uso da tinta *spray* exige habilidade no trato com as letras e controle na vazão da tinta para definir a espessura do traço e efeitos de traço preciso ou esfumaçado, por exemplo. Esses estudos nos auxiliaram na identificação do corpo como um símbolo evocado nas pixações. Os aspectos visuais que identificamos foram o símbolo do feminino, o uso de palavras que evidenciam o corpo feminino, o agrupamento das pixações das mulheres realizados com simplificação radical, as letras manuscritas com curvas que se estendem, a influência da letra bastão e as letras manuscritas feitas apressadamente. Em síntese, como produção de sentido advindo dos nossos estudos das mensagens visuais, entendemos que em tais pixações o corpo feminino simbolizado é livre, é identificado, está em movimento, é belo, é alegre e é coletivo. As mulheres artistas pixadoras intervêm de modo radical, mas também com humor, irreverência e crítica. Esses enunciados sociais possibilitam um novo pensar sobre a nossa ocupação dos espaços na contemporaneidade.

Por fim, a partir dessas considerações, compreendemos as pixações aqui estudadas como embucetadas na medida que utilizam signos do próprio corpo, se enfurecem e protestam contra o sistema capitalista patriarcal que as silencia, imobiliza e oprime. Portanto, configuram-se como atos de resistência a toda essa ordem de opressões.

Vislumbramos a possibilidade de continuarmos esta pesquisa apoiada na teoria marxista feminista que muito nos afetou para a construção de uma crítica social fundamentada na teoria crítica do valor, especialmente do valor-clivagem, e relacionada à uma intervenção artística na paisagem da cidade de Aracaju que amplie a investigação para as questões das sexualidades.

REFERÊNCIAS

ANUÁRIO BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. 2022. Disponível em: https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/06/anuario-2022.pdf?v=5 Acesso em: 2 jul. 2022.

APERS - Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul. **Pelos muros da ditadura, ações de resistência.** 17/04/2014. Disponível em: https://resistenciaemarquivo.wordpress.com/2014/04/17/pelos-muros-da-ditadura-acoes-de-resistencia-a-ditadura/ Acesso em: 23 mai. 2022.

APPOLINÁRIO, Fábio. **Metodologia da Ciência:** filosofia e prática da pesquisa. 2 ed. São Paulo: Cengage Learning, 2012.

BRASIL. Caixa Econômica Federal. **Número de Identificação Social.** Disponível em: https://www.caixa.gov.br/servicos/nis/Paginas/default.aspx Acesso em: 12 mai. 2022.

BRASIL. **Lei nº 12.408, de 25 de maio de 2011**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 26 maio 2011. Seção 1, p. 1.

BRASIL. **População brasileira chega a 213,3 milhões de habitantes, estima IBGE.** 2021. Disponível em: https://www.gov.br/pt-br/noticias/financas-impostos-e-gestao-publica/2021/08/populacao-brasileira-chega-a-213-3-milhoes-de-habitantes-estima-ibge Acesso em: 28 ago. 2021.

BARROS, Erna. **'Uma cidade muda não muda'**: Mulheres, Graffitis e Espaços Urbanos Hostis. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Federal de Sergipe, 2020.
Qual a origem dos símbolos de masculino e feminino?

BIROLINI,Gustavo. **Qual a origem dos símbolos de masculino e feminino?** 2020. Disponível em: https://super.abril.com.br/mundo-estranho/qual-a-origem-dos-simbolos-de-masculino-e-feminino/Acesso em: 28 ago. 2021.

CHARLOT, Bernard. **Rapport au savoir en milieu populaire:** une recherche dans les lycées professionnels de banlieue. Paris: Anthropos, 1999.

CHAUI, Marilena. **Conformismo e resistência**. Coleção Escritos de Marilena Chaui, v.4. Belo Horizonte: Autêntica; São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2021a.

CHAUI, Marilena. **Mesa 02** – Cultura e Democracia. Crise e Transformação. Youtube, 2021b. Disponível em: https://culturaedemocracia.com.br/2021/11/09/mesa-02-cultura-e-democracia-crise-e-transformacao/. Acesso em: 9 jul. 2022.

CHAUI, Marilena. Escritos de Marilena Chaui - O que é cultura? 2021c. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=-YQcFNoiDMw. Acesso em: 27 set. 2021.

COELHO, Luana Xavier Pinto. **Do lar às ruas:** pixo, política e mulheres. 2017. Disponível em: https://terradedireitos.org.br/acervo/artigos/do-lar-as-ruas-pixo-politica-e-mulheres/22448 Acesso em: 23 abr. 2022.

CORRÊA, Roberto Lobato. **A dimensão cultural do espaço:** alguns temas. Espaço e Cultura, [S.l.], n. 1, p. 1-22, out. 1995. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/3479. Acesso em: 17 fev. 2021.

COSGROVE, D. **A geografia está em toda parte:** cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, R. L.; ROZENDAHL, Z. (Orgs.). Paisagem, tempo e cultura. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998. p. 222-236.

DINIZ, Dora Neuza Leal. **Aracaju:** A Construção da Imagem da Cidade. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo. São Paulo, p. 270. 2009. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-15032010-155846/publico/Dissertacao_Final_Dora_Diniz.pdf. Acesso em: 17 fev. 2021.

DONDIS, Donis A. **Sintaxe da linguagem visual.** 2.ed. Tradução Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

DUARTE, Angelina Maria Luna Tavares. **A sociedade secreta de pichadores/as e grafiteiros/as em Campina Grande-PB**. 2010. 231 f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.

ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. São Paulo: Boitempo, 2019.

ENSLER, Eve. **Os monólogos da vagina.** São Paulo: Globo Livros, 2018.

FONSECA, Cristina. **Poesia do acaso.** São Paulo: T. A. Queiroz Editor, 1981.

FRANÇA, Vera Lúcia Alves. **Diagnóstico da cidade de Aracaju**. 2014. Disponível em: https://ewsdata.rightsindevelopment.org/files/documents/11/IADB-BR-L1411_WbttEZe.pdf. Acessado em: 17 fev. 2021.

FRUTIGER, Adrian. **Sinais e símbolos**. Desenho projeto e significado. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

GALVANI, Giovanna. **"O estuprador é você":** música feminista contra violência percorre o mundo..., 2019. Disponível em: https://www.cartacapital.com.br/diversidade/o-estuprador-e-voce-musica-feminista-contra-violencia-percorre-o-mundo/ Acesso em: 23 jan. 2022.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GITAHY, Celso. **O que é grafite**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

ISNARDIS, Andrei *in* JORGE, Marcos. **O ateliê de Luzia** - A Arte Rupestre no Brasil. Documentário. 2001- 2002. Disponível em: https://vimeo.com/132775716. Acesso em: 9 abr. 2020.

IBGE. **Pesquisa de Orçamentos Familiares 2018-2019**: Análise da Segurança Alimentar no Brasil . Rio de Janeiro: IBGE, 2020.

IBGE. **População.** 2021. Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/se/panorama Acesso em: 9 abr. 2020.

IPEC - Inteligência em Pesquisa e Consultoria. **A cada minuto, 25 brasileiras sofrem violência doméstica.** Pesquisa, 2021. Disponível em: https://fontesegura.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2021/10/Ed_80_Multiplas_vozes_A_cada_minuto_25_brasileiras_sofrem_violencia_domestica.pdf Acesso em: 9 abr. 2022.

LASSALA, Gustavo. **Pichação não é pixação:** uma introdução à análise de expressões gráficas urbanas. São Paulo: Altamira Editorial, 2010.

LEITE, Taylisi de Souza Corrêa. **Crítica ao feminismo liberal:** valor-clivagem e marxismo feminista. São Paulo: Editora Contracorrente, 2020.

NAVARRO, Fred. **Dicionário do Nordeste**. 2 ed. Recife: Cepe, 2013.

NOVELI, Bruna. **Onde estão as mulheres?** 2017. Acervo da diretora.

NUNES, M. T. **A presidência do Dr. Inácio Joaquim Barbosa:** a mudança da capital da Província de Sergipe. In: Revista de Aracaju/Prefeitura Municipal de Aracaju. Vol. 1, n. 11. Aracaju: FUNCAJU, 2005.

PEREIRA, Alexandre Barbosa. **Um rolê pela cidade de riscos:** leituras da pixação em São Paulo. São Carlos: EdUFSCar, 2018.

PEREIRA, Alexandre Barbosa. **As marcas da cidade:** a dinâmica da pixação em São Paulo. Lua Nova - Revista de Cultura e Política - 79. 2010. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ln/a/ny6sCYSBBjVwbTq98tkzVwx/?lang=pt# Acesso em: 2 out. 2020.

PEREIRA, Alexandre Barbosa. **Cidade de riscos:** notas etnográficas sobre pixação, adrenalina, morte e memória em São Paulo. Revista de Antropologia, São Paulo, USP, 2013, V. 56, n.º 1. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/64462/67117 Acesso em: 2 out. 2020.

PICHAÇÃO "ABAIXO A DITADURA" (1968). **Memórias da ditadura**. Disponível em: http://memoriasdaditadura.org.br/obras/pichacao-abaixo-ditadura-1968/Acesso em: 9 set. 2019.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Feminismo, História e Poder**. Rev. Sociol. Polít., Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, jun. 2010.

PLITT, Laura. **Como realmente é o clitóris** – e suas semelhanças com o pênis. reportagem da BBC News Mundo. 9 de dez. de 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=t2cQfxH1cYw Acesso em 22 mai. 2022.

RAMOS, Célia Maria Antonacci. **Grafite, Pichação & Cia**. São Paulo: Annablume, 1994.

RAMOS, Célia Maria Antonacci. **Grafite & Pichação:** Por uma nova epistemologia da cidade e da arte. 16° Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores de Artes Plásticas Dinâmicas Epistemológicas em Artes Visuais, Florianópolis, 2007. Disponível em: http://anpap.org.br/anais/2007/2007/index.html Acesso em: 10 ago. 2021.

REED, Evelyn. **Sexo contra sexo ou classe contra classe**. São Paulo: Editora Instituto José Luís e Rosa Sundermann, 2011.

ROCHA, João César de Castro. A guerra de relatos no Brasil contemporâneo. Ou: "A Dialética da Marginalidade". **Letras**, *[S. l.]*, n. 32, p. 23–70, 2006. DOI: 10.5902/2176148511909. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11909. Acesso em: 26 jan. 2022.

ROSSI, Amanda; CARNEIRO, Julia Dias; GRAGNANI, Juliana. **#EleNão:** A manifestação histórica liderada por mulheres no Brasil vista por quatro ângulos, 2018. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45700013 Acesso em: 21 jan. 2022.

SÁ, Cacau de. Espia, Escuta. In **Álbum Mulamba**, 7 de novembro de 2018. Canal oficial da Mulamba no YouTube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=CgU3Fcf7m1E Acesso em: 30 jul. 2021.

SOARES, Thiago Nunes. **Gritam os muros:** Pichações e ditadura civil-militar no Brasil. Curitiba: Editora APPRIS, 2018.

SOUZA, David da Costa Aguiar de. **Pichação carioca:** etnografia e uma proposta de entendimento. Dissertação UFRJ, 2007. Disponível em: http://teses.ufrj.br/IFCS_M/DavidDaCostaAguiarDeSouza.pdf Acesso em: 22 mai. 2021.

SOUZA, Izabele Lira Queiroz de. **Para além dos muros:** Uma abordagem antropológica sobre graffitis femininos na cidade de Manaus. Dissertação Universidade Federal do Amazonas. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, 2019. Disponível em: https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/11/browse?type=author&order=ASC&rpp=20&value=Souza%2C+Izabele+Lira+Queiroz+de Acesso em: 22 mai. 2021.

STOREY, John. **Teoria cultural e cultura popular**: uma introdução. Tradução de Pedro Barros. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2015.

TIBURI, Márcia. **Pensamento Pixação.** 2010. Disponível em: http://www.marciatiburi.com.br/textos/pixacao.htm Acesso em: 02 mai. 2022.

VINIL RECORDS. Fotografia de encarte de LP da banda Frutos Tropicais. Disponível em: https://vinilrecords.com.br/produto/frutos-tropicais/ Acesso em: 22 ago. 2021.

ZUIN, Aparecida Luzia Alzira. **O grafite da Vila Madalena:** Uma abordagem sociossemiótica. São Paulo: Academia Editorial, 2005.

APÊNDICES

APÊNDICE A: Modelo de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos _____ como voluntária a participar da pesquisa "AS PIXAÇÕES PRODUZIDAS POR MULHERES EM ARACAJU", título provisório, que tem como objetivo: compreender o motivo da produção das pixações de cunho feminista em Aracaju entre 2019 e 2021 a luz dos campos discursivos de ação de Alvarez (2014). E como objetivos específicos: caracterizar o perfil das pixadoras em Aracaju; identificar as expectativas das mulheres com a produção dessas pixações e descrever o contexto da pixação realizada por mulheres em Aracaju. O motivo deste convite é que a voluntária é uma das autoras das pixações alvo desta pesquisa.

Para este estudo adotaremos os seguintes procedimentos: 1. Observação empírica e mapeamento, 2. Revisão bibliográfica, 3. Entrevistas semiestruturadas com as pixadoras identificadas por meio de contatos com artistas e coletivos de Aracaju e São Cristóvão, 4. Caracterização do Campo discursivo de ação a partir dos depoimentos.

Para participar deste estudo a voluntária não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira, mas será garantido, se necessário, o ressarcimento de suas despesas, e de seu/sua acompanhante, como transporte e alimentação.

A voluntária será esclarecida sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar, retirando seu consentimento ou interrompendo sua participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que será tratada pelo pesquisador.

O pesquisador irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de uma pesquisa, sendo que em caso de obtenção de fotografias, vídeos ou gravações de voz os materiais ficarão sob a propriedade do pesquisador responsável. Seu nome ou o material que indique sua participação só será liberado com a sua permissão. A voluntária não será identificada nesta publicação, para tal utilizaremos um codinome quando necessário. Os resultados da pesquisa estarão à disposição da participante quando finalizada.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável e a outra será fornecida à voluntária.

Caso haja danos decorrentes dos riscos desta pesquisa, o pesquisador assumirá a responsabilidade pelo ressarcimento e pela indenização.

Eu, _____, portadora do CPF _____, nascida em ____/____/_____, residente no endereço _____, na cidade de _____, Estado de _____, podendo ser contatada pelo número telefônico ( ) _____, fui informada dos objetivos da pesquisa intitulada “AS PIXAÇÕES PRODUZIDAS POR MULHERES EM ARACAJU”, título provisório, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Concordo que os materiais e as informações obtidas relacionadas à minha pessoa poderão ser utilizados em atividades de natureza acadêmico-científica. Ao mesmo tempo, libero a utilização de fotografias de meus trabalhos e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e quaisquer outros arquivos digitais), em favor da pesquisa supracitada. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar, se assim o desejar, de modo que declaro que concordo em participar desse estudo e recebi uma via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Aracaju - SE, ____ de _____ de 2021.

_____	_____
Assinatura da participante	Assinatura do pesquisador

Pesquisador: Fernando Marinho Fernandes da Silva

Orientadora: Profa. Dra. Marjorie Garrido Severo

Fone: (79) 98817 0667

E-mail: fernandomarinhofs@gmail.com

APÊNDICE B: Estrutura de perguntas para entrevistas com pixadoras

PERFIL

Idade?

Naturalidade?

Bairro onde mora?

Estado civil?

Orientação sexual?

Identidade de gênero?

Como se autodeclara em termos de raça (IBGE Amarela, Branca, Preta, Parda)?

Formação?

Profissão?

Como se mantém financeiramente? Possui autonomia financeira?

SOBRE A PIXAÇÃO

1. Fale sobre o seu cotidiano. Quais atividades faz no dia-a-dia? (Leituras? Referências de feminismos?)
2. Fale sobre pixação. (Quando/por que começou a pixar? E a sua prática na pixação?)
3. Como a pixação aconteceu na sua vida? (Fale mais sobre o pixo 'B'. Como faz para pixar? Em grupo ou sozinha?)
4. Qual dessas pixações você fez? Fale um pouco sobre elas.
5. Você conhece as autoras dessas outras pixações?
6. Vocês pixam juntas?
7. O que você mais gosta no ato de pixar? (Por que você pixa?)
8. Conhece pixadores homens?
9. Você faz parte de alguma *crew*? Quantas pessoas fazem parte? Mulheres e homens?
10. Como a identidade de gênero afeta o seu pixo?
11. Como a orientação sexual afeta o seu pixo?
12. Além do pixo, se expressa de outra forma?

13. Como escolhe os lugares para pixar?
14. Como define o horário?
15. Se reúnem constantemente? Como são as reuniões?

SOBRE A PARTICIPAÇÃO EM GRUPOS E DISCUSSÕES FEMINISTAS

16. Faz parte de algum grupo? Fale sobre ele.
17. Se reconhece como uma feminista?
18. Quais pautas lhe mobilizam para pixação?
19. Quais feministas você segue?
20. Como se entende feminista?
21. Quais dificuldades já enfrentou como mulher pixadora?
22. Por que (buceta) (bucetalada) (buceta...) (Juno) (coragem) (xibiuti) ?

CULTURAS POPULARES/ RESISTÊNCIA?

23. Por que discutir o feminismo pela pixação?
24. A quem destina a sua pixação?
25. O que espera alcançar?
26. Haveria outras formas de fazê-lo?
27. Qual a importância da pixação na sua vida?

APÊNDICE C: Transcrição da entrevista com Pixadora dos pixos Bucetalada e Buceta, aqui denominada **Pixadora BB**.

Data: 11/08/2021
Via Google Meet

A entrevista iniciou com a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, informações sobre a pesquisa e a participação da entrevistada.

Pergunta 1: Dessas pixações, qual a que você executa? (Foram apresentadas as fotografias dos onze pixos mapeados).

Resposta 1: Bucetalada e Buceta. As duas.

Pergunta 2: Ok. É que as letras são bem diferentes, né?

Resposta 2: Sim.

Pergunta 3: Muito bacana!". Aqui? Aqui, Juno eu sei que é Juno, não tem a ver contigo. Xibiuti, eu imagino também que não.

Resposta 3: Não. Eu conheço Xibiuti, mas não, não sou eu não.

Pergunta 4: Aqui, 'Fiq atenta' e 'Fé nas minas'?

Resposta 4: Não, nenhum dos dois. É, eu acho que se eu não me engano essa segunda aí é de 'Salva'. Que tá ali: 'Salva para alguém'. É Salva. Só que Salva é, ela se identifica hoje como homem, né! Homem trans.

Pergunta 5: Qual a sua idade?

Resposta 5: Eu tenho 28 anos.

Pergunta 6: Sua naturalidade?

Resposta 6: Aracajuana.

Pergunta 7: Qual é o bairro onde você mora?

Resposta 7: Salgado Filho.

Pergunta 8: Estado Civil?

Resposta 8: Solteira.

Pergunta 9: Orientação sexual?

Resposta 9: Bissexual.

Pergunta 10: Identidade de gênero?

Resposta 10: Mulher.

Pergunta 11: Como se autodeclara em termo de raça? Seguindo os critérios do IBGE, a gente teria assim: 'amarela, branca, preta, parda ou alguma outra que você queira colocar, enfim? Se você se vê nessa descrição: amarela, branca, preta ou parda, você se coloca numa dessas.

Resposta 11: Branca.

Pergunta 12: Ok. Formação do ponto de vista acadêmico, profissional?

Resposta 12: Eu tenho o ensino superior completo. Formada em Comunicação Social, com habilitação em Audiovisual pela Universidade Federal de Sergipe.

Pergunta 13: Profissão?

Resposta 13: Diretora. Fotógrafa. Várias coisas. Mas, Diretora de Fotografia.

Pergunta 14: Como se mantém financeiramente? Possui autonomia financeira?

Resposta 14: Sim. Autônoma.

Pergunta 15: Me fale sobre seu cotidiano, quais atividades você faz no dia a dia?

Resposta 15: Tá. No dia a dia, eu trabalho tanto em casa (*home office*) com edição, com material que eu trabalho. Gosto de pedalar, gosto de fazer atividade física e gosto de fazer também algumas experimentações artísticas, não num âmbito profissional, mas numa coisa mais pessoal também. E é isso. Eu não pixo mais, inclusive. Faz muito tempo que eu não pixo. Mas, é isso assim, atividades de casa mesmo, faxina. Acho que meus dias estão resumidos a isso, assim. Trabalhar e fazer coisas em casa." (Em contexto de distanciamento físico por conta da Pandemia da Covid-19).

Pergunta 16: Com relação a informação, você assiste TV? Você busca informação pela internet, enfim, como você se informa, recicla seu conhecimento, coisas assim?

Resposta 16: É, então, eu gosto de ler também, eu estava fazendo pesquisa pra um mestrado, só que acabei interrompendo o mestrado, mas eu gosto de estudar, gosto de ver bastante filme, e estudo também. Quê mais. Como eu me informo? Eu gosto geralmente de assistir jornal, ou mídias digitais, tipo Instagram, coisas assim, coisas que eu olho e falo assim: 'ah, quero ler mais sobre isso', aí vou procurar na internet, em alguns sites de jornalismo mesmo. Mas é isso.

Pergunta 17: Você citaria algumas leituras de sua preferência ou alguma temática que seja bem recorrente?

Resposta 17: Agora eu tô lendo sobre o cangaço, sobre as mulheres no cangaço. Tem sido uma leitura mais recorrente assim na minha vida. Tô com uma pilha de livros sobre o cangaço, Maria Bonita, pra ler, que é uma coisa que eu quero me debruçar e tal, estudar.

Pergunta 18: Tem a ver com o seu projeto de pesquisa, o seu interesse no Mestrado?

Resposta 18: Sim. Não tinha, não tinha. Eu queria estudar, inclusive, o meu TCC, minha monografia, foi um documentário sobre mulheres artistas que fazem seus trabalhos na rua. Inclusive seria até bem interessante pra você, se você quiser eu posso até te passar um link pra você depois.

Pergunta 19: Ah, eu vou querer sim, me interesso.

Resposta 19: E, é isso.

Pergunta 20: Eu fiquei curioso com o tema das cangaceiras. Quer dizer, quando você fala também do seu trabalho, né, mulheres artistas que atuam na rua, então são intervenções urbanas e tal, e agora as cangaceiras. Eu fiquei aqui pensando: são questões que a gente pode traçar uma comparação. Há comparações claro e há diferenças. Maria Bonita não era, necessariamente, uma artista que estava na rua, né, mas ambas são mulheres que têm um certo protagonismo. Aí a minha pergunta é, o seu interesse na questão da mulher? Queria que você falasse um pouco sobre isso.

Resposta 20: Então, eu acho que ser mulher é uma coisa que a gente aprende várias coisas no decorrer da nossa vida. Várias coisas. E, eu fui uma pessoa que sempre me questionava o porquê de eu estar fazendo, desde criança sabe, que eu não queria, sei lá, brincar de boneca, sabe? Eu queria brincar de boneco e de corrida com os meninos, e de bolinha de gude, eu não queria pular corda, eu queria jogar futebol. Então, é um lugar que sempre eu fiquei me questionando o porquê de eu não estar nesses lugares, e eu acho que minha vida toda ela se baseou nisso, sabe? De tentar não seguir um padrão, mas não consciente, sabe? Era somente

inconsciente, por não gostar dessa atribuição das mulheres. O que é de mulher e o que é de homem. Mas, peraí, eu não posso ser uma mulher que gosta de 'coisas' de homem, entre aspas? Então, eu acho que foi uma coisa que percorreu minha vida inteira e aí, quando eu fui introduzida à arte de rua, ao feminismo, bem antes, né, assim, quando eu entrei na faculdade, principalmente, que teve assim, esse 'boom' da discussão mesmo, sobre feminismo, e tudo mais, coletivos feministas surgindo, na América Latina, no Brasil, enfim, no mundo inteiro.

E eu acho que quando esse discurso se tornou algo mais recorrente, e é extremamente importante, eu acho que comecei também a andar mais na rua, ver as coisas na rua, enxergar, inclusive, a cidade com outros olhos e perceber as problemáticas e ser mulher e estar nesses espaços físicos, nesses espaços públicos. E, aí, inclusive, a buceta, a *tag* da 'buceta', ela surgiu numa discussão dessas assim. Eu estava conversando com umas amigas, inclusive que Juno estava, a gente estava conversando, e a gente estava falando como a gente se sentia mal quando a gente via desenho de 'pinto', de pênis, desenhado no banheiro feminino, nas carteiras do colégio, e eu fiquei me questionando né, que loucura, sempre, é como se o pênis fosse atrelado a essa masculinidade extremamente agressiva, que sempre colocou a gente, é só um símbolo, mas que sempre colocou a gente num lugar de se sentir mal, violada de alguma forma. Então, eu acho que foi por isso que surgiu, a gente nunca via 'buceta' desenhada nos lugares. Eu pensei, aí deu o estalo. Eu fiquei: 'velho, vou fazer uma tag bucetalada, vou fazer'. E comecei a fazer, porque a buceta é algo feio, é algo sujo, é algo que os moralistas odeiam. E, eu perco as contas de quantas vezes eu passei pixei, e no outro dia estava apagado. E isso não acontece com as outras pixações. Isso me fez mais encucada ainda e aí foi o momento que eu comecei a fazer mais, fazer mais, fazer muito. Saía, às vezes, de madrugada, de bicicleta pra fazer rolê na rua. Acompanhada, às vezes sozinha. Por esse incômodo.

E o lance também de tá em coletivos na rua. Eu fazia parte de um coletivo que ocupava o 'Espaço Cajueiros', que era bem aberto, que aí todo mês a gente fazia uma ocupação com a arte mesmo, chamava a galera pra tocar, passava chapéu, vendia uns zines que a gente fazia com cifras das bandas daqui, com ilustrações da galera. Uma coisinha assim, bem simples, mas que a gente fazia pra rodar mesmo. E aí que também foi crescendo mais essa inquietação mais também sobre a rua, sobre a gente ocupar os espaços urbanos, a gente começou a

estudar, inclusive, o meu TCC saiu daí também. Meu trabalho de conclusão que foi sobre as mulheres artistas, porque a gente começou a ler sobre direito à cidade, eu comecei também a assistir muitos filmes feministas, cinema de mulheres, cinema de diretoras e aí foi se criando esse conceito mesmo. Essa inquietação, essa vontade de entender mais, e de escrever, e de produzir algo sobre.

Pergunta 21: Esse grupo que você se refere, é também um grupo que saía pra pixar? Fale um pouco mais sobre o *insight* com a *tag* buceta.

Resposta 21: É isso que eu te falei. Surgiu dessa inquietação das pessoas falarem que se sentiam mal quando viam uma rola, um pinto desenhado. E aí eu tive vontade de, tá, então, se é tão incômodo pra gente, então eles vão se incomodar agora, porque eu vou fazer nos muros da cidade uma buceta, e vocês vão se incomodar do mesmo jeito que eu me incomodei. Foi basicamente isso.

Pergunta 22 (Comentário): Foi tipo uma reação, uma resposta.

Resposta 22: É, só que aí quando você coloca numa linha do tempo, quando eu via esses desenhos, eu era criança, pré-adolescente no colégio. Eu não era adulta. Porque se eu visse hoje em dia, eu ia falar: 'velho, que bosta", sabe? É não ter o que fazer. Um cara desenhando rola nas paredes. Porque é isso, às vezes, a própria pessoa não entende o quão misógino isso é. Porque não basta um mundo extremamente dominado por homens e você ainda vai lá e coloca o símbolo. Que o símbolo do masculino, da força, do poder, que não é porra nenhuma, que a gente sabe. Então, eu só queria dar essa resposta. Meio que uma resposta, mas também uma inquietação e de também ver como as pessoas iam reagir. Então, tanto tem pessoas que apagaram, tanto tem pessoas que colocavam… Porque depois se transformou, né, eu comecei a fazer só uma *tag* que era 'buceta', não era mais o desenhinho da buceta com asas. Era só uma *tag*, só escrita, que foi essa que você mostrou aí, que é uma parada mais trabalhada.

Pergunta 23: Aquilo são reticências? (Se referindo ao pixo Buceta).

Resposta 23: É mais ou menos. É só uns pontinhos assim. Pode ser reticências, tipo você tá dizendo ou mais coisas. Mas, pode ser só uma firula. Porque eu comecei a trabalhar e a pensar em uma *tag* que fosse mais trabalhada, inclusive que as pessoas pudessem me reconhecer, entender também esse processo de amadurecimento, porque a gente, quando eu comecei a pixar, não entendia direito o que era o pixo, só depois que eu fui pesquisar, fui conversar com pessoas que já faziam isso a muito tempo e estudar mesmo, assistir documentário. Inclusive tem documentário super interessante sobre pixo também, entender que essa *tag* é algo que, às vezes, as pessoas que não conhecem pixo acham sujo, acham feio, porque não entendem, a maioria das vezes. E a galera do pixo sabe tudo. Tem gente que não consegue ler… tem gente realmente analfabeto que não consegue ler, mas sabe ler pixo. É incrível assim é muito louco. Tem um documentário que é Pixo. O nome do documentário é Pixo, e aí tem um rapaz que fala.

Aí foi só mais um amadurecimento mesmo do traço e de técnica mesmo, com *spray* e tal, que eu comecei a fazer esse. E aí, meio que também parou de ser apagado. Acho que porque as pessoas não entendiam tão… não é tão legível. Mesmo, eu acho que é bem legível, comparado com outras *tags* que as pessoas fazem. Mas, começou a ser menos apagada quando eu comecei a fazer assim.

Pergunta 24: Quando você me fala que você buscou pessoas que pixavam a mais tempo, essas pessoas eram mulheres ou eram homens?

Resposta 24: Então, os dois. Era um pouco dos dois. Inclusive, muitas das vezes que eu saía pra fazer, eu saía com alguns amigos.

Pergunta 25: Você saía com amigos por uma questão de se sentir vulnerável ou por que eram amigos e eram as pessoas que estavam ali com você no momento?

Resposta 25: Olha, a gente sempre recai assim sobre isso de que eu, e assim, eu acho que eu posso falar por algumas que já falaram a mesma coisa sobre isso, sobre se sentir mais segura com homens na rua do que com mulheres. Eu acho que isso é uma coisa recorrente. Então,

sim, eu me sentia mais segura com eles, mas também eles eram meus amigos e a gente já tava na rua mesmo, então só ia.

Pergunta 26: Como você vê o pixo feito por homens e o pixo feito por mulheres?

Resposta 26: Eu acho que no geral, acho que o pixo é, com certeza assim, uma briga por um espaço. Muitas vezes, o espaço público das pessoas irem lá e falar: 'olha só, eu existo e vou fazer isso aqui no seu muro', para além das periferias. O meu pixo, e aí eu posso falar por mim, é que não surgiu assim, é isso que eu tava te falando, eu fiz no sentido de protesto. Era protesto. E eu acho que sempre foi. Tanto que eu já fazia umas frases de protesto em alguns lugares antes de fazer a "bucetalada". Eu fazia umas frases de protesto na UFS, na rua assim, vindo de ônibus da UFS pra casa, em lugares assim, mas… fazia alguns lambes também, que é algo mais tranquilo, assim, dá pra fazer de manhã. Não é algo que a galera condena tanto, quanto o pixo. Pra mim é isso, mas eu acho que tem também o lance do espaço, do feminismo.

Mas, eu acho que pra galera que tá na cultura mesmo do pixo… eu não me sinto, inclusive, uma pessoa que tá nessa cultura, sabe. Porque, ela é, necessariamente, hoje em dia talvez não tanto, mas ela se criou na periferia, das pessoas periféricas irem fazer justamente por não estarem inseridas nesses espaços, que deveriam estar, né? Por elas serem marginalizadas.

Nessa cultura do pixo, tem uma galera, tem um evento aqui, não sei se tá tendo ainda, por conta da pandemia, mas tinha o 'poesia marginal', que assim, quando eu fui, é muito doido. Porque eu sou uma menina branca de classe média, extremamente privilegiada, e quando eu fui pra esse espaço que é da galera da periferia, que faz pixo e que vive assim, caligrafando, fazendo letra diferente, tem as modalidades de escrita, 'xarpi', enfim, várias modalidades, eu não entendia nada, eu cheguei e fiquei 'gente, do céu, eu não sei pra onde vai'. Porque a galera treina, é uma arte, é uma linguagem muito incrível. E eu fiquei sem entender, achando incrível, obviamente, mas assim, totalmente excluída do rolê. E aí foi o momento que eu ressignifiquei e parei de pixar também, eu falei assim, talvez… Porque faz muito tempo que eu não faço nada, assim.

Pergunta 27: Quando você começou a pixar? Quando você pixou o buceta? E quando você parou de pixar?

Resposta 27: Eu acho que eu comecei a pixar no finalzinho de 2014 pra 2015. E eu lembro que foi no primeiro de janeiro de algum ano, eu não lembro se foi de 2015 ou de 2016, que eu lembro que a cidade estava vazia e eu saí sozinha, e fiz assim, umas quatro assim na rua. Eu acho que 2016 já era "buceta", janeiro, no primeiro dia do ano. Eu parei faz um tempo, acho que já faz um ano, acho que faz bem uns dois anos já que eu não faço nada na rua.

Pergunta 28: Nossa, então tem pixos ainda que estão frescos, né?

Resposta 28: Isso, essa que você me mostrou ali da esquina no São Luiz, que era o antigo colégio São Luiz, aquele ali acho que foi 2018. E tá bem novinho ali, ninguém tirou e tá bem fresco mesmo! Direto eu passava pelo Arqui, colégio Arqui, eu estudei lá, estudei lá três anos. Eu fazia toda vez, dois ou três dias depois que eu passava tava apagado já, porque o colégio é católico, né? Eu fazia direto, mas sempre apagavam, eu fiz umas três ou quatro vezes lá. Acho que já tinham uma tinta branca pronta lá pra isso.

Você falou uma coisa sobre adrenalina, sobre a diferença do pixo masculino e do feminino, eu acho que é isso mesmo. Inclusive, muitas mulheres. Relatos que eu já ouvi, muitas mulheres se sentiam muito mal de, às vezes, tá saindo com um bando de homens pra pixar. De que elas queriam ter um bonde de mulheres, inclusive, depois surgiu uma *crew* de mulheres - Arteiras - que elas saiam pra fazer coisa, que é Deza, Buga, Lari, cê já deve ter visto os pixos delas.

Pergunta 29 (Comentário): Tem uma *crew* também que é Cangaceiras.

Resposta 29: Sim. Tem essa também. É, porque hoje em dia tem muita mulher fazendo, sabe. Muita mesmo. E aí é isso, tinha esse lance também que era muito gostoso assim, você sair de madrugada. Saí várias vezes. Com Juno, assim, a gente marcava para sair de bicicleta às 4h da manhã, marcava um trajeto e tal, vamos lá, a gente se encontrava de *bike* e ia fazendo o trajeto

todo. E era muito bom assim, adrenalina lá em cima, a sensação era maravilhosa. Tinha isso também, que eu me sentia muito bem, mas era um corre que, tipo, era uma adrenalina que se a gente fosse pega, talvez, não seria tão interessante. Então, é sempre um risco, você está fazendo isso na rua e tal. Que é isso como você falou, logo no começo da entrevista (Antes de começar a entrevista), que é uma coisa que é ilegal. Então, o tempo todo assim sempre com medo.

Pergunta 30: E a polícia misógina também, né?

Resposta 30: Racista, misóginos, a polícia é um mal.

Pergunta 31: De algum modo, alguém pixou também, entre aspas, imitando você? Isso existe na pixação?

Resposta 31: Teve um cara, muito escroto, que pixou, ele colocou 'caralho alado', e fez uma rolinha com asas. Aí eu fui lá, pixei em cima dele, porque eu achei bizarro, isso é uma afronta no mundo do pixo. Mas, claramente, ele não era do rolê, e fez só pra tirar onda com a minha cara. Aí eu fui lá e fiz um bem grande em cima.

Pergunta 32: Ele fez em cima do seu pixo?

Resposta 32: Não, não tinha nada. Ele só fez.

Pergunta 33 (Comentário): Uma maneira de ele dar uma resposta. Se tem a bucetalada, vai ter o caralho alado.

Resposta 33: Isso. E aí, tem uma conhecida minha que faz 'xablaia chapada'.

Pergunta 34 (Comentário): Aqui em Aracaju eu nunca vi essa.

Resposta 34: Tem poucas, eu acho que ela não faz mais, acho que foi o momento da vida dela, que ela fez uns, mas eu acho que ela não faz mais. Mas, tinha "xablaia chapada", que era meio que sonoro né, parecia bucetalada, xablaia chapada. Eu acho que não é imitação, talvez fosse só uma inspiração mesmo.

Pergunta 35: Buceta Livre você conhece?

Resposta 35: Não.

Pergunta 36: Você sabe dessa pixação, é de sua época por lá (UFS)?

Resposta 36: Eu acho que sim, eu acho que eu lembro dessa pixação lá, mas não foi eu não. Não sei também quem fez. Porque eu não via muito por aí não, acho que só tinha essa na UFS mesmo.

Pergunta 37: Vocês tomam pixo como uma expressão artística, pixo seria arte pra vocês?

Resposta 37: Eu acho que se insere na discussão de que a pixação ela não é… eu acho que sim é arte, é uma forma de linguagem também, um momento que você está querendo colocar algo ali e que tem todo um simbolismo, e que não é só uma palavra, ou uma *tag*, ou *bomb*, um *graffiti*, o que seja. Tem um simbolismo, algo que tá ali, que é dizer algo para além do que é visual. E também tem o estudo, o amadurecimento, eu diria sim que é arte. Eu diria, eu acho que eu considero uma expressão artística.

Pergunta 38: A gente poderia entender como uma diferença do pixo masculino e do feminino, no pixo feminino uma intenção de se comunicar mais amplamente, devido à escrita ser, aparentemente, mais legível?

Resposta 38: Não, eu não acredito nisso. Eu acredito, depende da estética da pessoa e do que ela quer colocar. Eu acho que a gente não deveria colocar enquanto um pixo masculino e um pixo feminino e as suas diferenças. Eu acho que é porque como eu te falei, o meu pixo, ele era

um pixo de protesto, então sim, eu queria que as pessoas que não entenderiam o pixo, a estética, às vezes, ilegível, é das pessoas entenderem mesmo, qualquer pessoa que passa ali ela vai ver e vai entender o que é, e era isso que eu queria. Então, eu acho que a única diferença do meu pixo, pra de mulheres e pra de homens, independente do que eles façam, é que eu queria realmente que as pessoas entendessem. É tanto que, por exemplo, eu acho que existem homens que devem fazer coisas que são legíveis, ou de mulheres, enfim, acho que depende do que a pessoa quer colocar e aí eu acho que é isso assim. É porque o meu eu realmente queria que todo mundo conseguisse ler mesmo.

Pergunta 39: Então não havia essa intenção de estender a comunicação?

Resposta 39: Isso.

Pergunta 40: Você e outras meninas que pixam também nessa temática feminista, você reconhece uma pixação feminista em Aracaju?

Resposta 40: Eu acho que se ela é feita por alguma mulher ela já é feminista. Acho que não necessariamente precisaria ter uma mensagem ali que você vai ler e você vai entender que é feminista. Não, eu acho que só do fato de uma mulher tá na rua fazendo o que ela faz, e ser mulher e tá ali num espaço lutando, brigando por um espaço, eu acho que poderia dizer sim que é feminista. Acho que uma coisa não é feminista só porque ela tem intenção de ser.

Inclusive foi uma das tensões que foram criadas quando eu decidi parar de pixar. Porque uma pessoa veio me questionar: 'você não acha buceta meio agressivo não, pra mulheres transsexuais?' Eu fiquei: 'sim'. Eu fiquei encucada com isso, eu fiquei pensando. Inclusive depois disso eu fiz, acho que foi um dos meus últimos pixos que eu fiz, e eu coloquei: 'nem toda mulher', bem legível, e coloquei a *tag* buceta embaixo. Nem toda mulher tem buceta. Acho que foi um dos meus últimos, assim, que também foi apagado, foi apagado uns três ou quatro dias depois assim. Eu passei depois de uns cinco dias e já estava branco.

Eu tenho algumas coisas aqui, eu posso procurar e te mandar. Algumas fotos que eu passei depois e tirei.

Eu tinha uma ali, entrando ali perto do farol da Farolândia, numa esquinazinha antes do farol, na entrada do farol, na Beira-mar, do lado de um hotel, que eu botei, eu acho que: 'tirem seus rosários dos nossos ovários' e aí fiz a *tag* do lado, eu posso mandar pra você, eu tenho algumas coisas.

Pergunta 41: Eu ia perguntar, por que você parou? Mas, você já respondeu.

Resposta 41: Foi uma das motivações, eu comecei a focar em outras coisas, a pensar outras coisas. E é isso, quando eu comecei a frequentar lá, que eu ia, às vezes, no poesia marginal, que eu via que tipo assim, não é que eu desconsiderei a minha luta ou a minha… mas eu só pensei assim: 'acho que o buceta já deu'. Acho que já deu, acho que era isso que eu queria fazer, eu não quero levar o pixo ou o *graffiti* pra uma linha profissional, ou de trabalhar com isso, de ficar mantendo isso, porque é isso como eu te falei, é um risco que a gente corre, a gente gasta dinheiro porque tem que comprar *spray*, a gente tem que tá se desdobrando, enfim, pra sair à noite de madrugada pra fazer, e é uma coisa que eu fiquei pensando: 'Poxa! Será que alguma mulher trans leu e se sentiu mal com isso, com essa *tag* ou com esse desenho?' Porque eu fiquei assim pensando que poderia ser em algum aspecto transfóbico. Eu fiquei me questionando sobre essas coisas e só decidi parar também porque, enfim, outras prioridades, outras visões. O mundo muda, nossa cabeça muda, a gente vai amadurecendo, pensando outras coisas sobre as coisas que a gente faz e só deixei pra lá assim, eu acho que já foi, fiz o que tinha que ser feito assim pra mim e enfim, é isso.

Pergunta 42: Por que discutir uma questão feminista a partir do pixo?

Resposta 42: Eu acho que dentro daquela discussão que eu te falei, que eu tava com várias amigas e a gente chegou nesse consenso e eu falei: 'vou dar a resposta nisso', foi a forma mais imediata e não foi consciente. E, eu até falava assim que pixo pra mim era protesto e era vômito, eu só queria botar ali, é tanto que eu não me prendia à estética, era uma parada

estranha, que eu passava depois e dizia: ‘Meu deus! Que coisa estranha que ficou!’, assim as pessoas só vão realmente entender por que tem escrito embaixo, porque tá bem estranho. Eu não me importava com estética, com técnica, com qualidade do *spray*, nada, eu só queria saber de jogar ali a minha revolta de alguma forma, e era a forma mais imediata que tinha, porque a gente conversa, a gente discute em ambientes fechados, em coletivos e tal, mas na rua ela tá ali pra todo mundo que passa, ver. Então, eu acho que era a forma mais incisiva que eu teria de fazer aquilo, mas isso também só foi pensado depois, na hora a gente só vai e faz e depois é que a gente pensa, o real, o que isso realmente significava pra mim, porque isso surgiu, e foi dessa inquietação mesmo, dessa revolta, dessa vontade só de fazer alguma coisa sobre, sabe? Um ímpeto assim, que dá e você faz, e depois você pensa.

Pergunta 43: O que é que valeu a pena nisso?

Resposta 43: Foi uma experiência muito massa, de entender essa dinâmica da rua, sobre as artes urbanas, como as coisas, elas podem ficar ali por três, quatro, cinco ou dez anos e como algumas coisas elas somem em dois ou três dias, esse ciclo. Foi interessante perceber, foi interessante pra minha pesquisa do TCC também, de chegar e conhecer mais mulheres que faziam, e de não só mulheres que faziam pixo, mas que faziam lambes, poesia na rua, *rap*, eu acho que tudo vai caminhando junto, eu acho que tem uma galera que se conhece que tá fazendo as coisas. Hoje em dia não tanto por causa da pandemia, mas tinha há dois anos uma galera que estava fazendo muita coisa na rua. É a troca mesmo, de conhecer pessoas, de tá fazendo uma coisa e de amadurecer também, de entender o porquê que a gente fazia e o porquê que a gente não faz, e de pensar e de ressignificar, e de pensar outras coisas. Acho que de ampliar mesmo assim as narrativas, a forma crítica mesmo de pensar o espaço urbano.

(Agradecimentos.)

APÊNDICE D: Transcrição de entrevista com Pixadora dos pixos Juno e Coragem, aqui denominada de **Pixadora JC.**

Data: 19/08/2021
Via Google Meet

Pergunta 1: Qual sua idade?

Resposta 1: 25 anos

Pergunta 2: Você é nascida em Sergipe, em Aracaju?

Resposta 2: Eu nasci em Maceió-AL, mas passei pouco tempo lá, a maior parte da minha vida eu passei aqui em Aracaju mesmo.

Pergunta 3: Bairro onde você mora?

Resposta 3: Eu acabei de me mudar para o Augusto Franco.

Pergunta 4: Estado Civil?

Resposta 4: Oficialmente solteira, mas eu tô casa no Augusto Franco e não é no papel nem nada.

Pergunta 5: Orientação sexual?

Resposta 5: Eu sou lésbica.

Pergunta 6: Identidade de gênero

Resposta 6: Mulher cis mesmo.

Pergunta 7: Como se autodeclara em termos de raça seguindo os critérios do IBGE?

Resposta 7: Eu sou parda, inclusive na foto (Perfil do Google Meet) é da minha companheira e eu percebi agora, só pra não confundir as coisas.

Pergunta 8: Formação acadêmica?

Resposta 8: Superior incompleto. Eu fazia comunicação social, mas tranquei no 5º período. Era em habilitação em Audiovisual.

Pergunta 9: Profissão?

Resposta 9: Atualmente eu estou trabalhando como artista plástica. Até o final do ano passado, eu trabalhava em restaurantes servindo mesas. Eu era caixa e garçonete. No início desse ano, eu saí. Eu tô vivendo só do que eu produzo mesmo, pela primeira vez. Já tive vários empregos diferentes.

Pergunta 10: Possui autonomia financeira?

Resposta 10: Sim.

Pergunta 11: Me fale sobre seu cotidiano, quais atividades você faz no seu dia a dia?

Resposta 11: Como eu tenho produzido pra mim mesma, então, atualmente… É engraçado essa pergunta, porque como eu acabei de me mudar, eu estou caindo em uma nova rotina. Pandemia e como eu estou trabalhando em casa, então, eu tenho estado muito dentro de casa e eu tenho o costume de… não sei… quando eu vou fazer alguma compra na rua, qualquer atividade fora de casa, eu tô sempre de olho no que é que tem de lixo que eu possa resgatar, pra construir algum móvel, alguma escultura. É o que eu mais gosto de fazer, são esculturas. Então, eu tô sempre, quando eu vou comprar, ou sair pra alguma coisa, eu tô sempre garimpando esses materiais.

Então, quando eu tô em casa, eu não saio, e eu, geralmente, tô trabalhando com eles. Eu tenho coleções de coisas. Coleções de pedais de bicicleta que eu encontro. Coleções de madeirinhas. E, aí, eu vou juntando essas coisas. Então, atualmente, eu tenho trabalhado assim em casa, com materiais que eu tenho juntado ao longo do tempo.

Pergunta 12: Como você se informa?

Resposta 12: Sempre usando a internet com plataformas diferentes. Às vezes vai ser o *Instagram*, às vezes o *Twitter*, às vezes alguns jornais que eu acompanho. Não tenho um

costume muito acirrado com isso, porque me deixa muito ansiosa. Mas, sempre pela internet, *podcast* também.

Pergunta 13: Me fale sobre a pixação?

Resposta 13: A pixação pra mim é uma coisa maravilhosa, que se precisa de muito pouco pra fazer demais. Eu me apaixonei criança ainda, aprendendo a ler, eu ia lendo os anúncios de lojas nas ruas, passando de carro, eu sempre gostei muito de ler, eu escrevo, faço poema, então, aprendendo a ler era sempre na rua, por onde eu estava passando nas ruas estava lendo o que estava nos muros, fosse uma propaganda ou fosse um pixo. Pixo é bem mais difícil de ler, então acabou sendo uma coisa adquirida ao longo dos anos. E ainda bem novinha, eu fui reparando nas mulheres, em específico, de Aracaju. Primeira de todas foi Deza, e adolescente isso, e aquilo foi me apaixonando, percebendo com ela tava em tantos lugares. E, aí, ainda na universidade, com meus 17, 18 anos, eu comecei a pixar dentro do campus, porque era muito seguro e já tinha muita pixação, e fazer parte disso foi assim, um ponto de virada. Foi extremamente empoderador, quando eu viajo para alguma outra cidade, eu conheço as cidades pelos pixos que tem nelas. Eu conheço Aracaju também pelos pixos que tem nela. Eu sempre tive muita dificuldade de locomoção, pessoa que embaralha as ruas, é bem minha cara.

Então, quando eu comprei minha bicicleta, eu comecei a pixar fora do campus. E a bicicleta e o pixo foram me fazendo aprender a andar na cidade também. Então, às vezes minha referência de local, eu ia explicar para alguém onde é que entrava, a única coisa que eu conseguia lembrar era o pixo que tava na parede, sabe? Então, abriu muitos caminhos, uma diversidade muito diferente de existir dentro da cidade, uma maneira muito diferente. Me sinto parte dela, sabe, construindo. Até porque cada rua, se eu deixo uma marca minha, me parece muito mais casa. Ali é um lugar, por exemplo, que eu vou lembrar sempre, como é que chega, porque eu fiz o meu próprio caminho nele.

Então, pra mim, a pixação é uma coisa mágica, é a voz da rua. É a arte mais democrática que existe, basta ter olhos.

Pergunta 14: Quando é o seu primeiro pixo? Antes de entrar na universidade você pixava?

Resposta 14: Não. Eu comecei a pixar logo que entrei na universidade.

Pergunta 15: Você lembra a data?

Resposta 15: A data não, mas eu tenho como encontrar ela porque eu postei uma foto nesse dia, desse pixo, desse primeiro pixo. Eu fiz ele no chão e era: "Deza, eu te amo". Foi para outra pixadora em específico, sabe? Coincidentemente. Eu consigo achar essa data.

Eu tenho foto e coincidentemente vai sair um documentário do coletivo EXP e os últimos dois minutos são só de trabalhos meus do pixo na rua feito ao longo de todos esses anos que eu tô pixando, esses poucos anos. Então, tem material antigo, novo. Posso te mandar depois.

Pergunta 16: Esse documentário, todo mundo vai ter acesso?

Resposta 16: Na verdade, só no dia do lançamento, depois ele sai da internet pra poder circular festival. Vai passar um dia disponível online. Esse mês.

Pergunta 17: Foi você que fez a pixação "Buceta Livre" na UFS?

Resposta 17: Eu conheço quem fez e tem até uma história interessante. Agora, eu acho que é uma pessoa que fez pontualmente. Não é uma coisa que ela leva.

Pergunta 18 (Comentário): Eu não sou uma pessoa que anda muito. Na verdade, eu comecei a fazer alguns percursos pela cidade, justamente por conta das pixações.

Resposta 18 (Comentário): Então, esse é o 'podre' do pixo. É isso aí mesmo.

Pergunta 19 (Comentário): Você começa a observar a cidade de um outro jeito.

Resposta 19 (Comentário): Você se torna leitor de um novo tipo de literatura.

[Sobre o pixo 'Buceta Livre'] tem uma história interessante que ele foi feito uma vez, por essa menina que se chama Lua, se você precisar de contato, ou alguma coisa assim, eu passo. E aí ela fez uma vez, porque antes da UFS reabrir antes de alguma dessas greves, alguns homens tinham entrado lá e feito várias pixações machistas, então a gente fez uma força-tarefa de tá tarde da noite na UFS pra rasurar as pixações machistas e racistas e pixar outras coisas. E, aí, essa pixação veio nessa leva, só que como era na parede externa do DCOS e é de pastilha, ele

era muito fácil de ser apagado, então a UFS apagava toda hora. A questão é que eu e minhas amigas se encontrava na frente desse pixo pra fumar cigarro, porque era muito fácil de identificar.

Então, a gente sempre falava: "vamo se encontrar lá na 'Buceta'", aí íamos lá na 'Buceta' pra fumar cigarro. Só que como apagavam, a gente começou a força-tarefa de qualquer uma de nós, sempre refazer por cima. Então, ele foi refeito umas 5, 6, 7 vezes. Porque eles apagavam e a gente colocava de novo, porque era o nosso ponto de encontro. E, aí, eu tenho um carinho especial. Engraçado você trazer ele.

Pergunta 20: Eu gostaria que você falasse de quando você sai sozinha pra pixar e quando você faz as pixações em grupo.

Resposta 20: Majoritariamente, eu faço sozinha, mas de fato eu comecei com BB, foi a primeira pessoa fora da UFS com quem eu pixei junto. Acho que foi de carro, a gente fez um rolê no carro dela. E, a gente parou de fazer isso, porque placa né, é complicado, e não é muito prático também. Descer do carro, estacionar, chama muita atenção. E, aí, inclusive, eu comprei a bicicleta que eu tenho até hoje, dela. É uma bicicleta antiga dela. Não é sobre isso, eu ia falar sobre outra coisa, mas enfim…

Eu faço mais sozinha. E, aí, o que foi acontecendo ao longo dos anos, é o pessoal me convidar, uma pessoa que eu não sei quem é, mas eu conheço por tag, não tem instagram, nem a foto dela, nem nada, mas aí, muitos homens convidam pra dar rolê de pixo. E, nenhuma vez na minha vida eu aceitei, eu fico me perguntando sobre isso: 'quão mal pega, se eu deveria ter feito isso'. Mas, é foda, porque, costuma ser tarde da noite, então dá medo.

Então, eu só pixei com um homem, que é um amigo meu, então assim, é diferente. E eu, não fui sozinha com ele, eu fui com BB. E, quando eu faço pixo em grupo, são sempre outras mulheres. E são sempre outras mulheres que estão de bicicleta também. Nunca mais de três pessoas, porque uma vez ou outra, já fiz isso, e sempre tem alguém que vai fazer mais barulho do que o desejado. Meio que não pega a visão assim de ser rápido. Rápido, silencioso e tchau, e ir embora. Fica muito lento com muitas pessoas. Então, o máximo de pessoas é eu e mais duas, três pessoas.

E é muito legal fazer em grupo, às vezes uma pessoa olha pra você, te dá um pezinho pra você subir, mas o meu rolê que eu gosto mesmo é muito solitário. Eu em casa, sair 4h30, 5h da manhã, e voltar pra casa umas 7h, de bicicleta, com o dia amanhecendo, é o mais gostoso de se fazer. E seguir meu próprio roteiro. Porque às vezes a pessoa diz: 'ah, mas essa área que você quer ir eu já pixei muito'. Não sei, eu gosto de ir sozinha. Mas, é legal com as amigas também.

Pergunta 21: O pixo que você pratica tem os critérios do pixo praticado por homens. Você estabelece um território? Como é isso, na verdade pra você?

Resposta 21: Eu sei das disputas de território que tem em Aracaju, elas são bem referentes a torcidas, torcidas de futebol. E aí, realmente, tem um lado bem sombrio, de rolar morte, de rolar violência mesmo. Mas, eu não tenho isso. Eu sei que eu pixo muito mais as áreas que eu já morei, eu morei em três casas aqui em Aracaju, enquanto pixava, antes disso, outras, três bairros diferentes. Esses três bairros, eu pixei muito mais que todos os outros, porque é muito perto de casa, então, você sai de bike rapidinho, volta, não tem aquela preocupação de um rolê muito longo. E acaba sendo uma área que eu peso mais, uma área que eu considero mais minha, mas, obviamente qualquer pessoa pode pixar. Não é sobre território, né. É só coincidência da coisa, comodidade. Então, Siqueira Campos, a Coroa do Meio e agora o Augusto Franco, são lugares que eu tô bem espalhada.

Pergunta 22: E você sabe do território dos outros e das outras pixadoras? Se as outras pixadoras têm isso como marcar, marcar os territórios? Como você sabe que não tá invadindo uma área e pode ter algum tipo de represália?

Resposta 22: Eu acho que não chega a tanto em área. Pelo menos não em Aracaju. Até onde eu sei, não tem uma grande preocupação se eu pixo o Santos Dumont e não o Augusto Franco. Mas, as pessoas têm uma certa vaidade com a sua zona. Se você é da zona sul, se você… aqui em Aracaju. E rola assim de olharia um pouco pra baixo se você é de uma zona mais rica da cidade, o que eu entendo completamente. Mas, se isso acontece comigo, se alguém acha ruim que eu pixei alguma área, eu nunca fiquei sabendo. Geralmente, essas notícias correm rápido. Eu acho que não tem grande problema, o negócio é não passar por

cima, só isso. Quem atropela quem, geralmente, é uma torcida atropelando a outra, você distingue bem pelas cores, se é azul, se é vermelho, se tem um xingamento do lado.

Eu já fui 'atropelada' não sei por qual razão, mas era uma rasura, em cima do meu, um traço mesmo, mas não sei por qual motivo. Existe uma pequena possibilidade de ter sido lebiofobia, porque tinha 'SPT' do lado. Eu não sei se isso é referente à sapatão, ou se isso é de uma crew, pode ser um grupo de pixadores que tem 'SPT' e eu não conheço. Mas, eu fiquei pensando nisso, até hoje eu não sei o que aconteceu. Eu diria que é uma pessoa pixadora só pela tinta que foi usada, que é 'squeeze', e isso é uma coisa que você tem que ir na internet pra comprar, então, acho que sim, mas não sei quem é.

Pergunta 23: Antes de pixar, como você pensa a pixação, você planeja, você faz estudos, você mostra pra alguém, você tem um grupo que vocês compartilham ideias, conversa sobre a pixação?

Resposta 23: Eu tenho algumas amigas que são pixadoras, então de algum modo a gente tá sempre trocando. Mas, não é uma coisa muito pensada pra mim. Eu faço artes plásticas, eu faço literatura, eu pinto, eu faço desenho, e tudo isso leva bastante tempo pra eu estruturar o que eu estou fazendo. O pixo é a única expressão artística que eu não faço nada disso. É rápido, é sujo, é tronxo, é feio. Você vai ver muita pixação que é linda, que a galera chama de "na régua", é uma coisa que é retinha, que tá alinhada com o que está embaixo. Eu não faço isso, eu abro o spray e vrau, de qualquer jeito, se o início tá menor do que o final, tudo bem, se tá falhado, eu não ligo. E eu nunca pensei também o porquê. Mas, é uma coisa que eu faço espontânea. Eu não me preocupo com minha grafia, eu não tenho letra, se você reparar, minha letra é caixa alta. O pessoal desenvolve a própria tipografia, eu faço isso com desenhos meus, eu tenho uma tipografia que é minha, mas na minha tag não está presente. Porque, por alguma razão, a experiência que eu quero ter com o pixo é de largar ele na parede e sair fora.

Pergunta 24: Você tem outros pixos?

Resposta 24: Eu tenho um outro que eu repito bastante que é coragem. Uma coisa bem, sei lá, clichê. Eu coloco o 'O' com o símbolo do feminino que nem na tag do Juno e coloco os tracinhos também. E tem outro pixo que eu costumo fazer também que é 'melhor ir de bike,

viu?' São os pixos que eu repito. Geralmente em lugares de trânsito intenso. O único indicativo [de que o pixo da bike seria meu] são os três tracinhos de cada lado.

Pergunta 25: Eu queria que você me falasse mais dessa assinatura enquanto mulher. Quando você traz o símbolo [do espelho de vênus] no pixo coragem também é uma afirmação do feminino, uma afirmação feminista. Você vê dessa maneira, como uma afirmação feminista, como um engajamento? Como é isso pra você?

Resposta 25: Eu vejo dessa maneira sim. O motivo de eu ter colocado [o símbolo] no Juno, é porque eu escolhi um nome, que apesar de ser um nome feminino, não é comum no Brasil, e acaba com 'O', e eu queria que as pessoas tivessem certeza, que era uma mulher que estava fazendo aquilo. Porque eu via Deza, eu via Jujuba, eu via Lari, Mari, e muito importante, forte de saber que tinha sido uma mulher que tinha feito. Então, eu queria que outras mulheres tivessem essa sensação ao me ver na rua. Às vezes, uma rua que você tá passando tarde da noite, você é uma mulher com medo, mas você vê que tem um pixo meu lá, que então você pensa, outra mulher passou por aqui, talvez num horário mais tarde que esse, e ela conseguiu, sabe, ela transitou. Então, foi intencional nesse sentido. Eu queria que soubessem que era uma mulher, e queria que as mulheres sentissem coragem ao ver. Então, foi muito fluído passar pra pixar coragem, que é um pixo comum em várias cidades, as pessoas pixam, é uma coisa comum, mas eu só queria continuar nessa ideia de coragem às mulheres, foi intencional e feliz, porque eu recebi muitos *feedbacks*, em relação ao coragem em específico, eu tinha um objetivo que foi alcançado e isso é muito legal.

Pergunta 26: Esse pixo coragem, você também o vê em outras cidades com esse símbolo do feminismo?

Resposta 26: De memória, assim, de cabeça, eu não lembro não. Mas, me parece muito comum. Acho que nada de outro mundo. Mas, eu tenho certeza que em algum lugar tem.

Pergunta 27: A questão do movimento feminista, como é isso para você?

Resposta 27: Eu acho que, pensando hoje em dia, eu acho que eu sempre fui feminista. Até criança, quando eu não entendia algumas coisas, eu já achava elas deturpadas, por mais que fosse a normalidade de todas as pessoas ao meu redor. Os vizinhos, os meus pais. Ali eu já

tinha falas que se encontravam com esse movimento, sem saber que ele existia. Inclusive, sempre ouvindo de forma negativa essa palavra, feminista, quando criança. Eu acho que sempre esteve ali, pronto para aflorar. E a universidade trás isso pra gente de maneira maravilhosa, geralmente. Como eu fiz Comunicação Social, tinham muitos encontros dos estudantes, os Enecom's, encontros nacionais. Aí as primeira mesas que eu participei, sobre o estudo realmente do feminismo. Eu não participo ativamente de nenhum coletivo feminista, mas sempre estive em grupos de mulheres fazendo coisas. Às vezes, gratuitas, pra cidade, oficina de lambe, oficina de sei lá o que, sempre grupo de mulheres, muitas vezes para mulheres, então são ações que eu sempre fui fazendo… não sei… fui encontrando com as pessoas no caminho. Mas, eu não tenho nenhum grupo fixo, nem nada assim. Mas, sempre esteve ali, então eu tenho as minhas leituras, os meus livros, os vídeos que eu vejo, eu pratico de uma maneira mais solitária de novo, coincidentemente.

Pergunta 28: Fala um pouco sobre as suas leituras, os vídeos, esse material que você estabelece um diálogo com o feminismo.

Resposta 28: Eu acho que com quem eu mais aprendi, talvez por número de livros ou, não sei, quem me tocou mais foi Angela Davis e Djamila Ribeiro. Djamila, eu acompanho ela pela internet também e vídeos que eu vejo, não vai ser nenhuma feminista falando no youtube nada assim, quando eu falei isso eu estava pensando em clipes de rap de mulheres, que é uma coisa que eu amo profundamente. Então, eu sou muito assídua de clipes, eu gosto de conhecer clipes novos, ver milhões de vezes o mesmo clipe, então quando eu falei vídeos, eu tava com isso em mente. Eu gosto muito de rap, e rap tem uma literatura muito forte. Inclusive, está muito ligado ao pixo também. Gosto muita de Kmila CDD, de Brisa Flow, de várias mulheres, na real, e eu tenho um apreço assim por Karina Buhr, as músicas que ela faz, os trabalhos como artista visual e a militância dela na internet também. Ela tem um blog, produz muito material sobre o feminismo, em específico, e é uma pessoa que eu sou muito fã e eu não sou muito fã de muitas pessoas.

Pergunta 29: Você conhece algum coletivo de mulheres pixadoras que a gente pode dizer assim: 'são feministas', que fazem uma militância feminista e usam o pixo pra isso. Você tem conhecimento disso aqui em Aracaju?

Resposta 29: O que me vem à mente é o Arteiras, Arteiras Crew. Eu não acho que elas são super incisivas, mensagens retas sobre o feminismo. Mas, as ações delas são feministas por si só, e elas trabalham entre mulheres, elas saem juntas, de madrugada, eu fui convidada algumas vezes pelas Arteiras, entrei no grupo, saí do grupo, eu acho que umas três vezes, mas nunca fui ativa não, mas, é só as cabulosa lá, Buga, Deza, LivreMar, Lari, uma galera.

Pergunta 30: Você conhece homens pixadores?

Resposta 30: Conheço vários, tem alguns que eu tenho alguma afinidade, outros que são mais distantes assim, mas conheço vários. O Poesia Marginal é um lugar pra se conhecer a maioria das pessoas que pixam em Aracaju.

Pergunta 31: Onde é o poesia marginal?

Resposta 31: Ele acontece na praça da bandeira, e ele acontecia acho que todas as terças-feiras, se eu não me engano. Eu não sei como a pandemia afetou isso. Eu fui poucas vezes, porque era exatamente no meu horário de trabalho, no meu último emprego. Mas, aquilo era incrível. É dos melhores coletivos que eu já vi atuando em Aracaju. O único com uma pegada voltada para arte de rua, realmente. Então, era o Rap, o pixo e a poesia de rua [SLAM].

Pergunta 32: Nesse encontro, há alguma distinção entre grupo de homens e grupo de mulheres? Ou todo mundo junto, é democrático nesse sentido?

Resposta 32: É bem democrático, é mesclado. Tanto o pessoal que é do coletivo, como quem participa. São muitos homens e muitas mulheres. Tem mais homens, mas as mulheres estão sempre arrasando lá, ganhando todas coisas, participam tanto quanto. Apesar de ser um número um pouco menor.

Pergunta 33: O contexto da sua existência, de ser mulher, lésbica, isso conduz o seu pixo de algum modo?

Resposta 33: Eu acho que sim. No início, quando não existia o nome Juno, eu sempre pixava: ‘Eu amo ser sapatão’, depois eu larguei de fazer, porque é longo. Mas, eu sempre fazia esse, era o primeiro que eu fiquei repetindo, sabe. Eu boto fé que choca muita gente, e eu acho

maravilhoso. Eu acho que, não sei, porque é foda pixar. Pixar, você pixa na madrugada, e você pixa nos melhores lugares pra ser assaltada. Você vai pixar num lugar escuro, que não tem ninguém passando, um lugar ótimo pra ser assaltada, talvez uma violência muito maior. Eu tenho medo dessas coisas, mas eu acho que, eu tenho mais medo da polícia do que de um estupro. É muito maluco. Eu acho que afeta bastante o meu trabalho, o que eu faço e por que eu faço, como também me dá vontade de continuar exatamente por isso, por todos os medos que me traz.

Pergunta 34: Aqui em Aracaju, você tem relatos sobre a atuação da polícia em relação às mulheres que pixam?

Resposta 34: Eu nunca soube de uma mulher, por exemplo, que foi suja de tinta, pixaram o rosto. Mas, eu sei de homens. Represália com mulheres assim, eu sei que já rolou, realmente, de abrir um processo contra a pessoa, a pessoa teve que fazer serviço comunitário. Mas, eu não fiquei sabendo de nenhuma violência direta para além da verbal. Mas, só até aí. Nunca aconteceu comigo. A gente sabe que se tá chegando um carro da polícia, e você sabe que vai ser pega, a ideia é tirar todos os caps das latas de spray, dos bicos do spray e jogar no mato, pra eles, justamente, não poderem pintar você. Tem esse tipo de estratégia.

Pergunta 35: Você também faz Hip Hop?

Resposta 35: Não. Adoraria, é uma coisa que eu amo muito. Mas, eu nunca tive a coragem não.

Pergunta 36: Seus poemas você declama?

Resposta 36: Sim, o meu primeiro contato com arte de rua, na verdade, foi…

Pergunta 37: Você participa publicamente, publica seu material escrito?

Resposta 37: Sim. Eu tenho um blog, desde os 15 anos. Eu não divulgo ele no instagram das pixações, porque o nome do blog, coincidentemente, é o meu nome e sobrenome, então eu não divulgo ele lá. Só que meu primeiro contato com arte na rua, foi através da poesia. Eu conheci o Sarau Debaixo, que acontecia embaixo do viaduto do terminal. Foi o meu primeiro contato com poesia na rua, porque eu escrevia poesia desde bem pequena. Minha mãe me deu

um livro do Mário Quintana e eu queria ser o Quintana. Depois de ver o pessoal no Sarau Debaixo, eu já não queria mais ser o Quintana. Eu queria encontrar uma voz minha, que se comunicasse daquela maneira. E eu nunca parei de escrever. Até hoje, inclusive essa participação no documentário que eu comentei com você, são os meus trabalhos e por cima disso, eu declamo um poema meu, sobre arte aqui em Aracaju, aqui em Sergipe, especificamente. E eu faço alguns improvisos poéticos, com banda, com a Urubu Melancia, eles tocam instrumental atrás e eu faço um improviso por cima, com poesia espontânea, na hora. Então, a poesia é uma coisa muito forte na minha vida. Eu acho que tem um tamanho tão grande quanto o pixo. Eu posso te passar um link depois, se você quiser conhecer alguma coisa.

Pergunta 38: Por que discutir o feminismo, através da pixação?

Resposta 38: Porque é revolucionário. Porque é diferente de qualquer outra plataforma, é a mais democrática que existe, e é forte, tem uma força diferenciada. Pinta uma cidade tão cinza, tão branca, tão *clean*, tão igual. Eu acho que é uma manifestação de arte selva de pedra. O urbano em si, é o pixo. A cidade é o pixo dela. Acho que é isso.

Pergunta 39: Me fala um pouco sobre entender o pixo como expressão artística.

Resposta 39: Eu não diria que é uma expressão artística pra todo mundo que pixa. Porque tem gente que não considera dessa forma. Tem gente que considera como comunicação reta. Não é estético. Pra mim é estético. Mas nem pra todo mundo. Tem um documentário que discute isso muito bem, que se chama 'pixo', Um documentário feito em São Paulo, maravilhoso. Eu não tenho uma conclusão assim, real. Que eu diria: 'pixo é sim arte'; 'pixo não é arte'. Mas, eu considero. Talvez, porque eu tenho uma intimidade com a tinta e o que eu faço com tinta é arte, não sei. É um debate bem profundo essa, na real. Eu considero, mas eu… não tem nada que realmente demarque, tipo: 'isso é arte'; 'isso não é arte'.

Me aconteceu uma coisa curiosa sobre isso uma vez na UFS, que eu pixei no departamento de educação física, e eu fui pega e aí o coordenador de educação física, ele foi muito violento. Eu estava falando com ele numa voz amena, e ele estava gritando sob a minha voz. E ele estava gritando, repetidamente: 'NÃO É ARTE'. E, em nenhum momento eu falei pra ele que eu estava fazendo alguma arte, mas achei interessante como ele se pegou nisso, como ele estava

apegado nisso. Ele dizia: ‘ISSO NÃO É ARTE, ISSO AQUI É MEU!’. E eu pegava os pedregulhos do chão do departamento assim e dizia: ‘isso é seu? Isso é seu?’ E ficamos nesse debate aí. Mas o interessante que foi isso que mordeu ele, e em nenhum momento eu defendi essa ideia.

Pergunta 40: O que você estava pixando nessa ocasião?

Resposta 40: Rapaz, eu não sei mais, porque o motivo de eu ter encontrado com ele foi por que um funcionário dele pegou duas crianças do Rosa Elze que estavam correndo na pista de atletismo e levou pra coordenação e eu fui atrás desesperada, porque eram duas crianças pequenas e eu não sabia o que ia acontecer. E tem muito essas histórias de segurança que coloca em salinha, faz de um tudo com criança. E, então eu fui atrás, e quando ele começou a brigar comigo, foi por que o funcionário dele me dedurou, mas eu não tinha feito pixo no dia, eu tava só defendendo as crianças. Acho que a raiva dele acumulou. Então, eu não sei mais o que eu estava pixando, ele tinha me visto pixando em alguma outra semana. Ele tinha feito um vídeo meu, alguma coisa assim. Eu fui debochada na hora, dei tchau. Ficou por isso mesmo.

Pergunta 41: Um caminho de solução para o machismo, você concorda que deve ser trilhado por homens e mulheres?

Resposta 41: Concordo sim.

Pergunta 42: Você percebe esse movimento, da inclusão dos homens na discussão sobre o feminismo nas artes de rua? Qual sua opinião a respeito disso?

Resposta 42: Eu acho que eu fui falha em muitos momentos de não ter tido a coragem ou a organização de sair para pixar com outros homens, porque eu digo isso, porque, vários deles, vieram de maneira muito simpática, muito gentil conversar comigo, me botam muito pra cima, falam que acham foda, que é uma mulher que faz isso… Eu sempre fui incentivada pelos homens daqui, e sempre ouvi histórias de outras mulheres também serem incentivadas por homens daqui, de pixo. O pessoal do pixo de Aracaju é muito aberto a ensinar e os homens também estão inclusos nisso. As mulheres ensinam muito, já me ensinaram bastante, e eles sempre se ofereceram pra ensinar a fazer alguma coisa com o spray diferente, de um

site onde você pode comprar, eles sempre foram muito solícitos. Eu não tenho uma reclamação, eu não acho que eles são excludentes de nenhuma maneira. Se eles são, nunca me alcançou. Sempre foram muito abertos, eu não posso reclamar dos caras em relação a isso. Foi um medo meu, de não querer sair tarde da noite, mas eu tenho uma crença dentro de mim, que poderia ter sido tudo bem. Porque eles são muito dispostos assim, de dizer: 'eu boto a tinta, vamo'; 'vamo de bike'; 'vamo tal hora'; 'quando você pode'. Eu acho que os caras daqui, em geral, são muito legais com as mulheres do pixo, e vice-versa. Eu acho importantíssima a participação masculina dentro de qualquer discussão a respeito. Na minha experiência, já ouvi também histórias de boicotes, nem tudo são flores, mas…

Pergunta 43: Em relação às mulheres trans, você sabe de mulheres trans pixando? E se são acolhidas pelas outras mulheres?

Resposta 43: Eu tenho algumas amigas trans, pixadora só uma. Eu gosto também do trampo dela, a gente nunca pixou junta, mas a gente sempre teve essa intenção. O nome dela é Dalila. Mas, é a única pessoa e até onde eu sei, me parece aberto. Porém, isso é uma perspectiva de uma pessoa cis, às vezes elas podem ter passado por alguma coisa no universo do pixo que eu não faço nem ideia.

Pergunta 44: Dalila tem alguma pixação no sentido do empoderamento como coragem, buceta alada?

Resposta 44: Não que eu saiba. O que eu sei do pixo dela é sempre um item iconográfico, é um desenhinho. Não escreve o nome dela, não tem nome, até onde eu sei. Talvez ela tenha desenvolvido mais.

Eu poderia colocar só mais uma coisinha. Eu tenho o símbolo da vênus no final do nome e eu acho interessante que vários caras que entram em contato comigo, eles entram achando que eu sou um homem, porque eles leem 'JUNQ', como se fosse um 'Q' no final, e eu acho isso muito engraçado, porque é pixador, pixador sabe ler símbolo, sabe. Mas, eu acho que não sei, tem uma coisa assim: 'imagina se vai ser uma mulher'; 'tá muito espalhado pra ser uma mulher'; 'não, tem que ser um homem'. E você não tá me vendo pela câmera, mas eu não performo feminilidade muito assim, eu me considero feminina, mas as outras pessoas geralmente não. Então, eu sou muito confundida com um homem também, em aparência.

Então, às vezes eu tô de madrugada de bicicleta na rua, e eu sou comprimentada, e eu sei que tô sendo comprimentada por aquele cara, porque ele acha que é um homem que tá passando por ele. Já rolou de eu ir gravar um documentário sobre pixo, um documentário de Buga, que ela era diretora, e eu passei a tarde toda com um monte de mulher e várias delas passaram a tarde inteira achando que eu era um homem. Isso me deixa chocada. Porque tem o símbolo do feminino tal, e de algum modo, as pessoas, ainda assim, fazem essa confusão de gênero. Talvez eu tenha uma aparência um pouco andrógina. Acham direto que eu sou um cara, mas aí eu tenho que bater nessa tecla. Eu já pensei em colocar na minha bio do instagram: 'sou uma mulher'. Só para vocês terem certeza. Se não sabem pelo símbolo, não sabem pela minha cara, o que é que eu faço? Vou colocar meu RG lá.

Pergunta 45: Você pode me falar mais sobre essa questão da necessidade da afirmação do ser mulher?

Resposta 45: Eu acho que a necessidade de afirmação é já uma questão minha, que vem de várias áreas da minha vida. Eu atendia mesa, por vários anos, em restaurante, e, eu acho que 80% das pessoas que eu atendia achavam que eu era um homem. E isso é uma coisa que não existe pra mim. Eu nunca consegui entender o porquê. Então, é uma questão já sensível de antes. Eu costumo levar muito na boa. Milhões de vezes eu nem corrijo mais as pessoas, eu deixo elas pensarem o que elas preferirem, porque é menos desconfortável, é menos estranho na hora. Mas, eu achei que com o pixo eu poderia deixar isso muito claro, e mesmo assim, não. Mas, eu nunca fico brava, a não ser que a pessoa queira me machucar. Eu nunca fico brava, eu compreendo. Minha aparência não é na cara assim, eu tenho meus pelos, eu tenho a minha maneira de andar, a minha maneira de me vestir, só que eu fui assim desde criança, eu não fui me descobrindo sapatão e mudando minhas roupas… Não, eu sempre fui assim. Então, o pixo veio muito pra demarcar isso sim, mas não sei, as coisas se repetem, esse eterno retorno. Muitas pessoas vão continuar achando, que eu sou um cara, mas, elas acharem que eu sou um cara deve ser porque elas estão acostumadas à mulheres tão críveis, ou, o quê que uma mulher pode ser, pode ser tudo que um cara pode ser e, inclusive, provavelmente, melhor, porque é mais difícil, sabe, fazer as coisas que a gente faz, temos mais dificuldades no caminho. Eu acho que é por isso que me confundem o tempo todo. Imagina se vai ser uma mulher, mas isso me dá um gostinho, sabe. Não é só uma mulher, como sou eu sabe, uma

mulher sim, e eu vou mostrar muita coisa que não esperam que eu faça, que meus pais não esperam que eu faça, que a sociedade não espera que eu faça, isso me dá só vontade de seguir.

(Agradecimentos.)

APÊNDICE E: Transcrição de entrevista com Pixadora do pixo Xibiuti, aqui denominada de **Pixadora X.**

Data: 08/02/2022

Via Google Meet

Antes de iniciarmos a entrevista propriamente dita, conversamos livremente, comentamos sobre a pesquisa e o seu desenvolvimento, lemos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e apresentamos uma sequência de *slides* com alguns pixos para a entrevistada reconhecê-los.

IMAGEM – O CORPO É MEU (FIGURA N.?)

Pergunta 1: Você conhece este pixo?

Resposta 1: Esse eu acho que foi com estêncil, durante uma manifestação. Ele tá muito desgastado e me lembra muito as manifestações de 2013, 2014.

Pergunta 2: Você se lembra especificamente dessa pixação?

Resposta 2: Esse especificamente eu não sei, eu não posso afirmar, minha memória não é tão clara assim. Mas, a frase, a forma como ela foi posta na figura, eu já vi isso sendo de outra forma. Isso eu tenho certeza. Eu acho que já vi isso embaixo do viaduto do DIA. Mas, já cobriram hoje, não está mais lá. Mas ficava em um dos pilares do viaduto.

IMAGEM – XIBIUTI (FIGURA N.?)

Pergunta 3: Aqui a imagem de "Xibiuti" que é a sua, né?

Resposta 3: Sim, é minha. É uma das minhas primeiras. Que engraçado. A pessoa que tá do lado é uma amiga que pixa.

Pergunta 4: Você lembra, especificamente, esta? Você lembra qual foi o ano que você pixou?

Resposta 4: Que rua é esta?

Pergunta 5: Essa é a rua Francisco Gumercindo Bessa, no Grageru.

Resposta 5: Você pode dar uma referência ou mostrar no mapa?

Pergunta 6: Eu não a tenho agora no mapa.

Resposta 6: É que ela me lembra uma que eu acho que não é no Grageru, mas no Luzia, que é do lado do Grageru.

Pergunta 7: Ah! Mas pode ser mesmo.

Resposta 7: Perto do Andaluzia, do G Barbosa.

Pergunta 8 (Comentário): Isso!

Resposta 8: Essa pixação eu acho que é de 2018. Mas, é 2018, porque em algum momento no final de 2018 pra 2019, eu comecei a datar as minhas pixações.

Pergunta 9 (Comentário): Interessante o fato das datas comporem a pixação.

Resposta 9: Depois de um tempo eu comecei a fazer (pixações) muito em ônibus. Mais em ônibus do que em outros lugares. E aí, durante esse tempo que eu fiquei fazendo no ônibus, e como sempre trocam a linha do ônibus, eu não sabia como identificar o meu avanço nas tags. Ir mudando-as e registrando esse processo e aí eu resolvi datar. Depois disso, eu fiz algumas na parede (com as datas), mas não tenho feito muitos.

Pergunta 10: Você tem fotos dessas *tags* nos ônibus?

Resposta 10: Tenho.

Pergunta 11: Se você se sentir à vontade, você pode compartilhar?

Resposta 11: Sim.

Eu uso uma câmera CyberShot, e registro muito as pixações.

Pergunta 12: Você prefere a câmera do que o celular pra registrar?

Resposta 12: A qualidade da câmera é boa. Não pela quantidade de *pixels*, mas pela abertura dela e pela quantidade de cor. E eu não corro o risco de ser assaltada. Então, se roubarem ela

não tem problema, como teria se fosse o meu celular. Depois que eu entendi isso de um tempo pra cá, eu só uso ela.

O "Hara" (outra *tag* que aparece na foto), talvez você possa identificar também como um discurso feminista. Pelo "Hara" ser uma menina e ela se identificar como uma pessoa rara. Toda uma questão que tem a ver com empoderamento pessoal.

Pergunta 13: "Hara" teria alguma pixação que aponte para o corpo, para alguma questão feminista?

Resposta 13: Não. Essa questão assim não. Eu falei porque é uma tag também.

Pergunta 14 (Comentário): Mas, eu acho legal registrar, porque de qualquer modo, é possível que eu dê continuidade à pesquisa. Mas, a questão de mulheres pixando e essa questão que você trata do empoderamento, da afirmação, a manifestação da existência na própria parede da cidade, isso interessa bastante.

A outra pixação é o "fique atenta!". A gente não sabe se é de uma mulher. Mas, como diz: "fique atenta!", a gente tá supondo que entra nesse corredor por conta da violência no espaço urbano, o desrespeito à mulher, à agressividade. Estamos supondo que esse "fique atenta" possa ter essa relação.

Resposta 14 (Comentário): Você já viu ele em algum outro lugar?

Pergunta 15 (Comentário): Eu vi, mas não está aqui nas fotos.

Resposta 15 (Comentário): Se você puder me dizer qual foi esse outro lugar, talvez possa me ajudar a esclarecer um pouco. Por que assim, nessa parede, eu reconheço esse "etzinho", já vi em outros lugares, mas é um menino que faz. E essa pessoa do lado direito "nick", "nickone", também é um cara. E aí tem esse "pisa" que eu não consigo entender o que é. Era "pisa" o quê?... Porque quem fez esse "fique atenta" fez esse "pisa". É a mesma letra e é branco.

Pergunta 16 (Comentário): Pode ter sido na mesma ocasião.

Resposta 16 (Comentário): Eu acho que foi na mesma ocasião.

Pergunta 17: Eu vou dar uma olhada em uns arquivos que temos. Eu não sei se o "fique atenta" é de fato muito raro?

Resposta 17: Eu acho. Eu andava por aí, Salgado Filho, Pereira Lobo e tal. E eu já vi uma letra parecida com essa pelo Pereira Lobo e dentro desse conjunto dessa foto, pode ter sido uma menina de rolê com os meninos pra pixar, ou pode ter sido uma outra pessoa. Mas, pode ter sido alguém acompanhando, pelo menos, o "*nick*" que a tinta tá bem parecida a tonalidade.

IMAGEM – FÉ NAS MINA (FIGURA N.12)

Resposta 18: O "fé nas mina" eu tenho um palpite. É justamente por isso que eu falei pra você conversar com Buga, porque eu acho que ela pode saber. Por que assim, esse letrado me lembra o letrado de um grupo de mulheres pixadoras. Eu posso compartilhar... Ahhhh! Eu sei quem foi na verdade. Vi um detalhe que antes eu não tinha visto. Tem um "salva" escrito do lado esquerdo, "salva pra manu". É, realmente, foi uma dessas pessoas, mas "salva" é um homem trans.

Pergunta 19: Bacana, aí você supõe que seja "salva"?

Resposta 19: "Salva" que fez o "Salva pra Manu" e esse que tá em cima, rabiscado assim, "Xarpi" e com essa auréola em cima é Manu. É a própria Manu. Não, na verdade né Manu não, eu acho que é Dani. E o "Fé nas mina" parece a letra de "Salva". Se você reparar o "N" é feito igual. Então, eu acho que foi "salva" que fez. Essa pixação do meio é de uma mulher?

Pergunta 20 (Comentário): É, o "A" tem o mesmo movimento também.

Resposta 20: Entendeu. É o mesmo movimento. Então, "Salva" deixou um recado pra "Manu": "Fé nas mina". E Dani era a companheira dele, então, é um casal de rolê que saiu pra pixar.

É bem complicado mesmo pra mulher pixar na rua. Porque tem os fiscais. Claro que isso acontece com todo pixador, mas quando... No caso, quando eu digo fiscal, vai de tudo. Vai de vigia, vai de polícia, claro, mas vai de civis também. Vai de pessoas que simplesmente

enxergam isso de uma forma ruim, como algo sujo, como vandalismo, como uma transgressão que atinge eles. Então, se sente atingido e aí vai compelir as pessoas, pra satisfazer o ego.

Pergunta 21 (Comentário): Pois é, acham que estão numa atitude cidadã.

27:33 | **Início da primeira parte da entrevista**

Pergunta 22: Eu vou fazer agora perguntas bem objetivas para constar aqui. Qual a sua idade?

Resposta 22: 24 anos

Pergunta 23: Naturalidade?

Resposta 23: Aracaju, Sergipe.

Pergunta 24: Qual bairro que você mora?

Resposta 24: Inácio Barbosa

Pergunta 25: Estado civil?

Resposta 25: Solteira

Pergunta 26: Orientação sexual?

Resposta 26: Bissexual

Pergunta 27: Identidade de gênero?

Resposta 27: Mulher

Pergunta 28: Como se autodeclara em termos de raça?

Resposta 28: Branca

Pergunta 29: Formação acadêmica?

Resposta 29: Ensino superior incompleto

Pergunta 30: O que você estuda?

Resposta 30: Eu curso Publicidade e Propaganda

Pergunta 31: Você trabalha com quê?

Resposta 31: Sou redatora CLT.

Pergunta 32: Você possui autonomia financeira?

Resposta 32: Sou cadastrada no NIS Baixa Renda.

30:18 | **Início da segunda parte da entrevista**

Pergunta 33: Me fale sobre o seu cotidiano, quais atividades faz no dia a dia, leituras que você faça e gosta?

Resposta 33: De segunda a sexta eu trabalho, fico 10 horas na empresa, menos na terça, faço 6 (horas) corridas porque eu tô terminando a faculdade. Tirando isso, em casa fazendo o TCC e outras atividades, né, de lazer mesmo e quando não tô fazendo isso, tô com meus amigos, mas pela pandemia eu tenho tentado ficar muito em casa, até porque peguei COVID, peguei Influenza e tô perto da 3ª dose então tô mais em casa nesse processo de TCC e no trabalho. Sobre leituras... tô fazendo leituras pro TCC sobre redação publicitária, né, material de publicidade mesmo, Razão e sensibilidade no texto (publicitário) e fora... tava lendo muito Milton Santos, um pouco de Bell Hooks pra colocar no meu trabalho e por leitura de *hobby* mesmo e autoconhecimento... tenho lido um pouco sobre o hip hop, um livro da Ana Lúcia Silva Souza, Letramentos de reexistência. Poesia, grafite, música, dança: hip-hop. Lendo muitas coisas relacionadas ao meu TCC, então... tenho procurado fundamentação porque planejo seguir para o mestrado também, então eu quero que a minha pesquisa vire uma linha de pesquisa realmente, dá pra tirar bastante coisa do meu recorte e é isso.

Acabou que tive muito contato na universidade com áreas de diversos cursos, como o meu curso incentiva muito a interdisciplinaridade, acabou que eu fiz isso entre cursos também e aí tenho um tanto de aproximação com o departamento de Arquitetura e Urbanismo e aí caí na questão dos geógrafos etc., foi assim.

Pergunta 34: E tem a ver com a pixação, não é?

Resposta 34: Acabou explorando diversos pontos de vista da territorialidade.

Pergunta 35: Me fale sobre sua relação com a pixação.

Resposta 35: A minha relação com a pixação achava uma coisa muito interessante, por mais que as pessoas próximas a mim não vivessem em um meio onde as pessoas viam a pixação como ela é, não como realmente um crime. Acabava que por mais que eu tivesse essa influência, eu não enxergava assim mas não entendia muito bem. Tentava me aproximar quando via alguém pixando ou grafitando e... entender um pouco desse processo como recorte de arte mesmo porque eu sinto que já enxergava como um recorte de arte. Quando eu entrei na universidade, eu comecei a ter outras vivências na universidade e fora dela, acabei conhecendo pessoas do movimento hip-hop e tudo mais e própria Juno também, dessa forma acabei criando uma relação, só que, acho que isso foi também impulsionado por uma raiva, algo de dentro pra fora, de querer me mover contra algumas coisas que estavam me afetando muito emocionalmente e como transgredir a essa energia, sabe? Acabei encontrando isso através do pixo. Não gosto muito de desenhar, gosto de escrever, mas no pixo, nessa escrita, no sentimento dessa escrita e tudo o mais, acabei criando uma relação e a forma como enxergo é justamente como um recorte de arte e cada dia mais entendendo as camadas e a profundidade disso.

Pergunta 36: Você se sente à vontade a falar um pouco sobre o conteúdo dessa raiva? Você diz que toma a pixação também como uma maneira de resolver, de compreender talvez, essa raiva e também como uma forma de expurgar, assim entendi.

Resposta 36: É uma forma de expurgar, é uma forma de mostrar que eu tô na cidade, que eu sou visível, que aquele território também é meu no final das contas, acaba sendo um pouco disso com certeza, mas acaba sendo um pouco também de, às vezes até esperança em alguns dias, de um incentivo, uma chavinha que vira no meu dia, porque eu olho muito pras ruas, é muito bom ver a presença de outras mulheres e seus contextos, seus diversos contextos que variam de acordo com o pixo, mas como eu posso dizer? De que além de ver elas, mostrar pra elas que eu também tô ali. Isso também me fez criar outras relações onde eu fui compreendendo inclusive algumas das raivas: contra tudo, como a mulher é vista na rua, como a gente se sente na rua, como as pessoas nos veem, mas

também como não nos veem. Acho que o pixo em geral, seja de conteúdo feminista ou não, ele é sobre as pessoas quererem ser vistas e poderem ocupar lugares que elas não podem habitar por questões socioeconômicas, mas também de estar passando naquele momento, em 2017... 2018, por uma crise pessoal muito grande de, não de mim para mim, mas do que eu estava absorvendo do que estava sendo posto para mim por outras pessoas, um momento de que em família, em amigos, nos meus círculos, as pessoas mostraram que nem todas respeitavam minha orientação sexual e outras questões sobre mim, sobre quem eu sou e como isso fez com que, automaticamente, eu passasse por algumas situações de violência e que, além disso, afetasse meu desempenho em vários campos e isso me fez afastar dessas pessoas em algum momento e eu fui tendo uma manutenção ali e uma das coisas que me ajudou foi o pixo. Foi deixar esse recados e colocar a voz no mundo, nas paredes.

Pergunta 37: Quando começou a pixar? Lembra o ano?

Resposta 37: 2017. Minto, 2017 não. Meu primeiro pixo foi em 2016.

Pergunta 38: Me fale da sua relação com o lugar de pixar. Anteriormente você comentou que pixava nos ônibus. Me fale sobre o pixo na parede e nos ônibus.

Resposta 38: Na verdade parede, ônibus, chão, porta, o que tiver pela frente vai ficar registrado. É esse o ponto, na verdade. É claro que tem pessoas que desejam ir a algum lugar, a um lugar geográfico, mas elas não vão pra aquele lugar, especificamente, claro que tem situações e situações, mas veja, em geral, elas não vão só pra pixar. Elas pixam o que está no caminho delas, por onde elas passam.

Pergunta 39 (Comentário): Tem coincidido este comentário...

Resposta 39: Sim, porque acaba que vem todo histórico do ser humano com as pinturas rupestres. Eu acho que tem um pouco dessa essência, de como ao longo da história as paredes foram marcadas. Eu acho que cada dia mais algumas pessoas têm se sentido de uma forma mais... nós estamos regredindo, né? A situação toda no momento... há toda uma regressão. Então eu vejo muito desse sentimento, em geral, nas pessoas e na própria história do pixo também. Sobre o ônibus... Pega ônibus pra ir pra universidade, pega ônibus pra ir pro rolê, pega ônibus pra ir trabalhar, pega ônibus pro “corre”, o dia a dia. Quem é que pega ônibus e

como se dão as relações no ônibus? As pessoas de arte de rua, de arte marginal de qualquer forma são mal vistas dentro do ônibus pela maioria das pessoas, não todas, claro, você sempre encontra e é sempre muito bom encontrar as pessoas que simpatizam, mas não são todas, então acaba que é um afronte também, é um afronte em vários momentos e não só um afronte, mas, às vezes até de... várias outras questões... porque isso é algo que já refleti internamente... às vezes eu estava com preguiça de fazer mas aí, de... tipo assim, ah! tinha gente... só não queria lidar em algum momento, em algum momento eu queria gastar minha energia interna, mas em outros momentos não queria, né? Ela já está mais baixa, mas de sentir a necessidade de, sei lá, pega um ônibus recorrentemente e eu quero saber se eu estou pegando o mesmo ônibus que eu peguei outro dia ou se é um outro carro, sabe? Se é um outro carro e que eu posso não estar naquela linha, mas as pessoas daquela linha vão estar me vendo, eu vou tá presente lá de qualquer forma e, assim, várias pessoas veem, reconhecem, às vezes respondem, então tem todo um diálogo, né? Porque nos ônibus tem as pessoas do pixo que tão ali de uma forma mais... porque tem o pixo adolescente, mais infantil, que tá com um canetão e aí vai lá e faz aquele pixo ali, um recadinho pra fulano, uma coisinha muito mais um diálogo sem entender a profundidade do movimento em si, né? Uma coisa mais com outro sentido. Então pixar no ônibus faz com que eu posso não tá lá, mas as pessoas sempre me veem, sabe? Minha sogra já me viu no ônibus. Então são as situações do dia a dia. Nos pontos de ônibus também, eu gosto de marcar todos os lugares que eu vou, sabe? Se eu vou pra outra cidade, eu vou fazer também. Se eu vou pra outro estado, eu vou fazer também, então... mas eu tenho que fazer majoritariamente no meu espaço, né? É onde eu vivo a maior parte do tempo, então o que tiver pela frente, é isso, não só ônibus, sabe? Mas eu não encontro das outras pessoas, pelo menos algumas dessas que você mostrou aí são ciclistas, não são pessoas do ônibus e eu também, cada vez mais, não posso deixar de fazer porque eu também virei ciclista, virei *biker*, então não pego ônibus praticamente. Mas ainda encontro alguns. De qualquer forma eu paro em pontos de ônibus, onde tiver mais no caminho.

Pergunta 40: No ônibus você usava qual material? Você usa o *spray*, não é? Xibiuti identifico que é *spray*.

Resposta 40: No ônibus, canetão. A "Juno" também, a "buceta" você vai, não só elas, todas essas pessoas você vai encontrar *spray*, canetão. Tem um outro material, esqueci o nome, é

tipo um tubo assim que na boca tem uma esponjona, só que isso vendido pronto é muito caro e aí eu vejo uma galera improvisar um desse. Compra tinta pra carimbo, pega bucha pra lavar prato ou estopa, põe, passa uma fita isolante e aí usa isso, então são vários materiais, você vai ver. Porque é aquela coisa, pra você pixar, você compra, mas você também sai recolhendo qualquer tinta que você possa encontrar pelo seu caminho e possa lhe ser útil, qualquer coisa que possa pigmentar, né? Não tem, eu não vejo como se tivesse um recorte técnico nesse sentido, sabe? Pelo menos com todas essas pessoas aí, todas elas têm esses materiais e usam, depende da situação.

Pergunta 41(Comentário): Sim, dependendo do material.

Resposta 41(Comentário): Dependendo da superfície, da arte.

Pergunta 42: Especificamente sobre "Xibiuti", me fale sobre como você inventou, como criou?

Resposta 42: Não inventei "Xibiuti", "Xibiuti" veio até mim, porque sou nordestina, porque gosto muito das palavras do nordeste, xibiu, cabrunco, peste, enfim todas as essas gírias que são marcantes linguisticamente falando, então já tinha essa proximidade, nasci em Aracaju, mas sou do interior, então tem essa questão. Acaba que por um motivo que você vai compreender, né? É a tradução do *beautiful,* muitas pessoas me chamam de *beauti*, daí acabou que uma vez eu abreviei o *beauti* para biu em uma determinada rede social, daí uma pessoa chegou para mim e disse que tinha entendido o biu, daí eu perguntei, ué? Porque nessa época eu já pixava, já tinha começado a pixar. Só que poucas pessoas sabiam. Eu pixava "biuri", só que o que aconteceu, eu coloquei esse biu, não tenho foto dessa passada, daí eu pensei que essa pessoa tinha visto uma pixação, então pensei que ela tava sendo paia, porque ela tipo "Eu vi, viu?" Sabe? Tipo, porque que você não troca uma ideia abertamente, porque isso é posto dessa forma? Mas não era isso! Ela achou que era a abreviação de "xibiu". Daí dei gostosas risadas e daí aquilo ficou alí, né? Daí um outro dia, tinha ido para um evento de poesia que tinha no Centro, um Slam, já era uma coisa que eu gostava muito de ir pra Slam e quando eu comecei a pixar em 2016 também foi com essa relação com o Slam e com as manifestações, minto…te dei uma informação falsa, oh! repá! Eu pixei a primeira vez em 2013, nas manifestações. Daí ficou isso na minha cabeça e depois fiquei enjoada do jeito que estava

fazendo a letra e tudo mais, queria entender mais, porque sempre fui muito ruim em letra cursiva, tinha dificuldade pro Xarpi e também não tinha pego um básico ainda para ir pra colocar um *Bomb* e ir pro Graffiti, além que é muito mais prático e sem chance de erro, erro na aplicação da técnica mesmo, no pixo, então quando eu fui fazer, eu tinha uma mania, eu riscava às vezes uma coisa ou outra no caderno, eu vejo que as pessoas em geral do pixo treinam muito no papel, até chegar nessa evolução que você registrou, foi treinado muito no papel. Só que eu não gosto muito do papel, só em ocasiões que o papel me vem. Então eu gostava de chegar na hora e testar na hora. E o que sair, saiu e é isso. Era muito impulsivo, me deixava entregar aquilo alí naquele momento e não desprender aquilo em pequenos momentos e aí também não usava muito canetão nessa época. E aí é que eu comecei a dar uma treinada mais no papel. Quando fui fazer na hora lembrei do "xibiu", aí tem a forma de aportuguesar a tradução, daí não queria fazer o "xibiuri" com "r", eu pensei em fazer com a letra "t". Por de alguma forma eu me sentir presente e representada por um outro aspecto pela letra "t", tem uma outra coisa alí por trás, relação com o nome pessoal, resolvi por com "t" e saiu o "xibiuti". E ao mesmo tempo que o "xibiuti" saíu, que eu tava mudando essa letra, eu percebi …, não eu … eu saía pra produzir arte com Juno e Buceta e via os detalhes dos signos que estão alí, percebia como aquilo estava se dando, tem muito disso no pixo de quanto mesnos traços forem feitos, melhor, né? Tipo a técnica, sempre sai muito mais dançante. Resolvi olhar pra isso de outro aspecto, toda vez que fosse treinando. E aí eu percebi que os "is" viravam bucetas. Tem o xibiu e a pessoa lendo ela já vai se sentir incomodada, é que eu já vi pessoas se incomodando com outros pixos que elas não iam se incomodar dessa forma, com esse peso. Mas pela questão do peso da palavra nordestina. Aí fui colocando essas bucetinhas. Tem uma situação, teve uma colocação que me foi feita uma vez,que eu fiquei refletindo sobre ela, de que pessoas que pixam com uma seta, quando você vê pixos que eles têm uma seta, tipo tem um traço e ele foi lá e colocou um chapeuzinho. A chance de ser homem, hoje em dia eu compreendo que é de 99%, e aí vem todo o machismo intrínseco alí, falocentrismo e tal Quando eu compreendi isso, compreendi que deveria continuar fazendo bucetinhas. Mas ao mesmo tempo eu queria confundir, queria pregar uma peça. Porque quando eles vissem eles iam sacar que era uma mulher, uma mulher dentro do que eles enxergam como mulher. O que seria a feminilidade, enfim, a identidade de gênero sendo vista de uma forma muito binária. Daí resolvi colocar uma seta, porque eu sou uma mulher bissexual, daí resolvi pegar o último

“i” e colocar uma seta. E achei engraçado, eu gastava muito que tava na ponta, era o pinto pra fora ali, na ponta. Eu colocava a data mais pra baixo, aí imaginava como isso seria enxergado, sabe? Várias formas, mas que aquilo ali iria causar impacto por ser uma coisa confusa, porque do lado direito iria parecer muito masculino, mas do lado esquerdo não iria parecer dentro da concepção da pessoa. Daí dá possíveis gatilhos nas ideias daquela pessoa e começar a perceber outras coisas, para que ela pudesse perceber outros elementos e tudo mais, sabe? Pelo menos as próprias pessoas que pixam no caso, não as pessoas que estão vendo e não pixam. Porque dentro do próprio movimento, como você falou, das mulheres serem oprimidas de várias formas, tem uma manutenção do machismo se manter ali, por mais que “Fé nas minas” e discursos assim, não essencialmente aquela pixação, mas empoderamento feminino, que foi um empoderamento muito do discurso da parte de outras pessoas. Das mulheres em partes, né? Aí vem aquela coisa, quando você me ligou e falou sobre os pixos contemporâneos de temática feminista e aí tipo, sou femisnita, mas que ótica é essa sua do feminismo? Porque dependendo não sou feminista, é um feminismo elitista? Que não é um feminismo que compreende outras realidades e outras mulheres. Tanto de classe social de identidade de raça, todos esses aspectos. Porque o feminismo é essencialmente branco, acaba que ao longo dessa trajetória, desse movimento do hip-hop, da pixação me fez perceber muito isso de que em muitos momentos em que eu estava dentro da própria manifestação, do que seria lido como a própria esquerda, seja ela institucional, seja ela revolucionária, o discurso acabava se cruzando porque nessa mesma época também, quer dizer, foi de 2012 ou 2011 pra cá que o discurso feminista estorou?Foi por aí, né? Então o fato de eu ter começado em uma manifestação, ter feito meu primeiro foi empoderada por outras mulheres ali no ambiente, né? A fazer aquilo. Estava num momento que estava conhecendo isso, entendendo isso. Mas quando fui entender esse outro aspecto, sempre gosto de levantar esse ponto, porque como você mesmo falou: Ah! Interessante que o homem trans pixou isso aqui, né? Qual a vivência por trás disso, de quais feminismos são esses? É muito disso.

Pergunta 43: Você comentou que “xibiuti” não foi uma criação, que “xibiuti” lhe chega, mas pela sua descrição eu entenderia que você inventou “xibiuti”.

Resposta 43: É, eu inventei, mas eu não teria inventado se não tivesse vivido algumas das situações que eu vivi. E que eu abri aquela porta pra estar ali, entende? Literalmente arrombei

aquela porta para estar ali, nesses momentos. E isso no caso da minha construção, da construção social de minha vida.

Pergunta 44 (Comentário): Esse pixo que te mostrei não tem a seta.

Resposta 44 (Comentário): Sim, ele não tem. Ele foi um dos primeiros. Justamente, quando eu passei a colocar a seta, eu tinha tido essa conversa sobre isso. Porque eu tinha um incômodo sobre aquilo. E eu interpretava daquele jeito, na verdade mesmo antes quando eu não entendia mais do pixo, eu não conseguia reconhecer às vezes o letrado e tal, não tinha visto tantos recortes, por não prestar tanta atenção a isso na cidade durante a minha adolescência, chegou uma hora que eu percebo isso como…me perdi.

Pergunta 45 (Comentário): Eu estava frisando que "xibiuti" é uma invenção sua, é você que faz a junção de "xibiu" com "biuri", não é? É uma interação sua.

Resposta 45: É, eu sinto que surgiu daí, porque foi através dessas pessoas e dessas situações que eu vivi com essas pessoas que eu comecei a pixar. Então, surgiu das minhas relações sociais.

Pergunta 46: Você falou que começa a pixar e cita Bucetalada e Juno. Você já participou de algum grupo, de uma crew?

Resposta 46: Não.

Pergunta 47: No ônibus você pixa sozinha? E na parede?

Resposta 47: No ônibus sim, sozinha. Na rua depende, sozinha ou acompanhada. Nunca tive uma Crew, mas já dei rolê com outros pixadores. Às vezes a gente se encontra, tem um grupo aqui que se chama Poesia Marginal, é um grupo do Hip-hop organizado por algumas dessas pessoas presentes nas pixações que você mostrou e que tenta aprofundar coisas, botar competições e aproveitar dessas competições para trazer pautas e conversar sobre coisas, sempre tem o rolê de sair pra pixar, tem a agendinha, que é fazer folhinhas uns pros outros. E também sair pela rua e na maioria das vezes sou eu em outras situações, porque isso não ocorre tanto, sei lá, uma vez por mês. Digo que metade foi sozinha e metade foi acompanhada. Que acaba que em outras situações, que por mais que as pessoas que

estivessem comigo não pixassem, era o momento que me sentia segura para, sabe? Na ida ou volta de um bar, de madrugada. Porque de dia é complicado, de dia eu não uso spray, só se realmente eu veja que não tem ninguém, nenhuma câmera.

Pergunta 48: Quando você falou desses grupos que se reúnem, que pixam em competições, você me detalha isso?

Resposta 48: No Hip-hop, bom aquele livro que eu falei dos Letramentos ele expõe mais isso, mas tem a cultura do MC do Mestre de Cerimônia, do dançarino do Break, do DJ e também a do pixador e graffiteiro e aí tem evento do Hip-hop que englobam dança, música e tudo mais e tem eventos que às vezes são dos escritos, a cena do hip-hop em Aracaju é muito forte.Porque conheço um pouco da cena do hip-hop em Salvador e pela diferença de tamanho de território e pela consistência de grupos, de eventos e de encontros, como também de produções artísticas de diversos tipos, seja musical, seja escrita, seja falada, seja pintada, eu acho que a gente tem a cena muito forte. E as pessoas fazem competições a nível municipal ou às vezes treinamentos, digamos assim, porque tem os sarais, os slans e as disputas de folhinha, que é assim, o público diz uma palavra, por exemplo diversidade, daí fazem chaves de competidores que se inscreveram para pixar na folhinha, então você vai escolher o letrado que vais usar para fazer aquele pixo. Sabe o "Buceta" que você comentou em algum momento sobre a preocupação no acabamento das letras e tudo mais, a disputa da folhinha é isso. É treinar bastante pra chegar lá e mandar ver. Então, o público diz uma palavra na hora, dá uma folha pra você, dá uma folha para seu oponente, e dá 2 minutos, 1 minuto e manda você fazer. E aí você tem que pensar no conceito daquilo e executar, você não tem outra folha não, é naquela folha. Tem o recital de poesia porque o palco é aberto. É interessante que nesses eventos aparecem pessoas de fora que não são de Aracaju, sejam de outras cidades de Sergipe ou de outros estados. A troca é muito interessante. Tem também disputa de free stile, batalha de rima, todo evento que geralemente vou tem a disputa de folhinha, a batalha de rima, tem também a disputa de tag.

Pergunta 49: Você comentou que nessas competições se aproveita também que alguns assuntos venham à tona.

Resposta 49: É que o movimento Hip-hop é educação, ele em essência é educação. As pessoas estão se encontrando ali, elas já produzem aquilo, elas já tem aquela noção enquanto movimento de estar com outras pessoas no coletivo, por mais que às vezes elas carreguem algum machismo ou outras situações de preconceito, vez ou outra acontece, mas é aquela coisa sempre o hip-hop não tem lugar para o preconceito, é sobre abraçar todos e todas, todas as realidades. Ouvindo a vivência do outro seja em música, em poesia, é um movimento muito forte. Daí nos eventos que eu vou as pessoas têm entre 20 e 30, vou por essa margem, não minto, como tem gente que é universitário, entre 17 e 28 anos, e aí tem as pessoas que são mães, elas vão levantar pautas sobre a mãe ser inclusa no rolê, a solidão da mulher que é mãe, não só a solidão, porque não basta ser sozinha, ainda tem que vir gente para dar palpite na criação do filho, de Ah! você trouxe pro rolê seu filho! Que problema! A se não trouxe, com que deixou seu filho? Então elas levantam muito isso, dessa rede de apoio, de as pessoas serem essa rede de apoio. Com os homens, eles vão levantar muito a questão da violência, a violência com o homem negro, quando não é o homem negro, acaba sendo o homem branco pobre que vai estar ali mais próximo na pirâmide. Com esses homens eles vão falar da violência do estado contra eles, a violência de outros homens contra eles e daí entra a situação desse outro lado do machismo. As pessoas em geral vão falar de relacionamentos amorosos ou relacionamentos familiares, mas aí vão falar também, tudo acaba se cruzando com outras coisas, daí vão falar da violência e também das estatísticas, dos dados estatísticos, da educação, falar sobre seu processo de compreendimento para transmitir para que outras pessoas compreendam o quão importante é aquilo ali, como educação e o poder que aquilo tem para transformar as pessoas e consequentemente transformar o mundo. Transformar as pessoas em sujeito ativo, é muito isso, tirar as pessoas da passividade. E o Hip-hop eu enxergo dessa forma.

Pergunta 50: Você pixa outras coisas além de “xibiuti”? E como seu entendimento da sua sexualidade e da sua existência afeta no seu pixo?

Resposta 50: Afeta, mas eu faço outras coisas além de “xibiuti”, majoritariamente “xibiuti”, nessas outras coisas, algumas vão ser motivadas por tudo que eu já te disse. E vão acabar tendo alguns discursos, é uma coisa fixa igual Coragem e Juno? Não é. Vai variar muito da situação, vai variar a partir do que eu quero colocar pra fora naquele momento, eu não vou por

em uma rede social, eu vou por no muro, tem muito disso. Mas também tem um ponto, às vezes eu só estou completamente saturada da narrativa triste, que envolvam coisas que pesam em mim, eu não estou fazendo aquilo… essa raiva, essa revolta, essa vontade de revolução não vem à toa. Então, acaba que, às vezes, eu só quero me divertir, literalmente entrar na mente das pessoas, quero só fazer coisas engraçadas, que afeta elas e elas vão ficar se perguntando quem fez.

Pergunta 51: Apesar de você já ter se colocado. Você se reconhece feminista?

Resposta 51: Sim, em parte. Como eu já disse, me reconheço, mas que feminismo é esse? A gente vai ter Angela Davis que vai trazer uma contribuição, a Bell Hooks, vai ter a Carolina Santos, vai ter muita gente, muita referência, com outras realidades, outros pontos de vista, narrativas, mas primeiro que essas narrativas não chega a todos, nem todos compreendem. Tem uma brincadeira que eu falo muito com minhas amigas, internamente, que 2022 é o ano do desempoderamento, é que as mulheres levantaram tanta…, não no sentido de deixar de lutar ou nada do tipo, mas feminista passou a ser vista como uma coisa chata durante um tempo, tipo, as pessoas viam muito superficialmente, não liam, não entendiam, não buscavam essa informação e estão em espaços que poderiam trazer essas provocações, que quando ela não vem da teoria, vem da vivência. As outras realidades que não são abarcadas por alguns desses espaços, que mesmo com pessoas que fizeram e fazem essas leituras e aí já entrou em mulherismo africano, e eu nem fui atrás ainda e já entra em outras descobertas e tal, mas no final das contas sempre sinto uma coisa tem referências nacionais muito fortes sim, mas inclusive eu acho que a gente tem que buscar muito mais, porque é tudo importado, no final das contas nada se aplica a nossa realidade cem por cento e eu acho que a gente ainda está em busca disso. Quando a pessoa me pergunta depende muito se ela compreende a profundidade disso. E de qual perspectiva ela pode tirar dali, dependendo eu vou responder que não. Que eu não sou.

Pergunta 52: Mas a pergunta é de você com você mesma, se entende feminista?

Resposta 52: Sim, com certeza. No final das contas, independente de qualquer teoria, é sobre igualdade, sobre liberdade, sobre autonomia, individualidade.

Pergunta 53: Porque discutir o feminismo pela pixação?

Resposta 53: Porque…isso toca em muitos pontos. Porque pixar? Tirando o recorte do porque discutir o feminismo. Porque pixar? Quem eu vou incomodar com isso aqui? Quem vai ser incomodado com isso aqui? Quem vai enxergar isso aqui como recorte de arte? Quem vai me reconhecer enquanto "nós", enquanto "ela" ou "ele" ou enfim, seja lá como for reconhecer. São muitas camadas, mas o feminismo em si, não vejo quando eu vá fazer isso, eu vou pensando em feminismo diretamente, faz parte de mim, de quem eu sou. Eu posso falar sobre isso em outros espaços, mas por mais que eu fale sobre isso em outros espaços sempre tem uma frustração, não necessariamente nesses espaços, mas no caminho de chegar até ali, na volta dalí. No dia-a-dia, então eu estou presente, eu quero ser vista e eu quero que as pessoas vejam…eu não estou presente ali falando, eu pixo e saiu, vou pixar em outros lugares, aquilo vai estar ali e pode despertar alguma coisa ali de diversas formas, em uma discursão feminista ou não necessariamente, mas a pessoa pode não entender nesse aspecto, mas ela pode se sentir incomodada. Mas só de causar o incômodo, é isso é que o pixo incomoda, tirando o recorte feminista, eu vejo mais a questão do gênero, mais da classe social, também de representar de alguma forma.

Pergunta 54: Se puder condensar sobre a importância que você dá ao pixo na sua vida hoje?

Resposta 54: Pixo é memória. Mais que tudo. Além de me representar, de me identificar, de me mostrar presente, deixar ali para que as pessoas enxerguem a minha territorialidade fluindo ali. De me enxergar enquanto corpo território e entender que como tudo, como estou presente um marco no tempo. E a memória no final das contas, é o estalo, sabe? Daí vem inclusive passar a marcar os anos.

(Agradecimentos.)